

Movimento de Organização Comunitária

# Construindo Saberes para Educação Contextualizada

Desenvolvimento Sustentável e Convivência com o Semiárido

## CADERNO PEDAGÓGICO 01

### Organizadoras

Bernadete Mariene Carneiro Santos  
Cleonice dos Santos Oliveira  
Michelle Rios Lopes  
Vera Maria Oliveira Carneiro  
Zhara Leite Souza

Feira de Santana, Bahia  
2011

## Parceiros

Movimento de Organização Comunitária  
Universidade Estadual de Feira de Santana  
Prefeituras Municipais  
Organizações da Sociedade Civil

## Organizadoras

Bernadete Mariene Carneiro Santos  
Cleonice dos Santos Oliveira  
Michelle Rios Lopes  
Vera Maria Oliveira Carneiro  
Zhara Leite Souza

## Equipe de Elaboração

Bernadete Mariene Carneiro Santos  
Cleonice dos Santos Oliveira  
Francisca Maria Carneiro Baptista  
Jussara Secundino do Nascimento Alves

Michelle Rios Lopes  
Naidison de Quintella Baptista  
Rita de Cássia Cerqueira dos Santos  
Vera Maria Oliveira Carneiro  
Zhara Leite Souza

## Revisão

Heloísa Barretto Borges

## Projeto Gráfico e Diagramação

Via Design Criação Estratégica

## Ilustração

Alunos da Escola Municipal Doutor João Oliveira, comunidade de Ponto Novo, Riachão do Jacuípe, Bahia.

## Impressão

Gráfica JB Ltda

---

## Agradecimentos

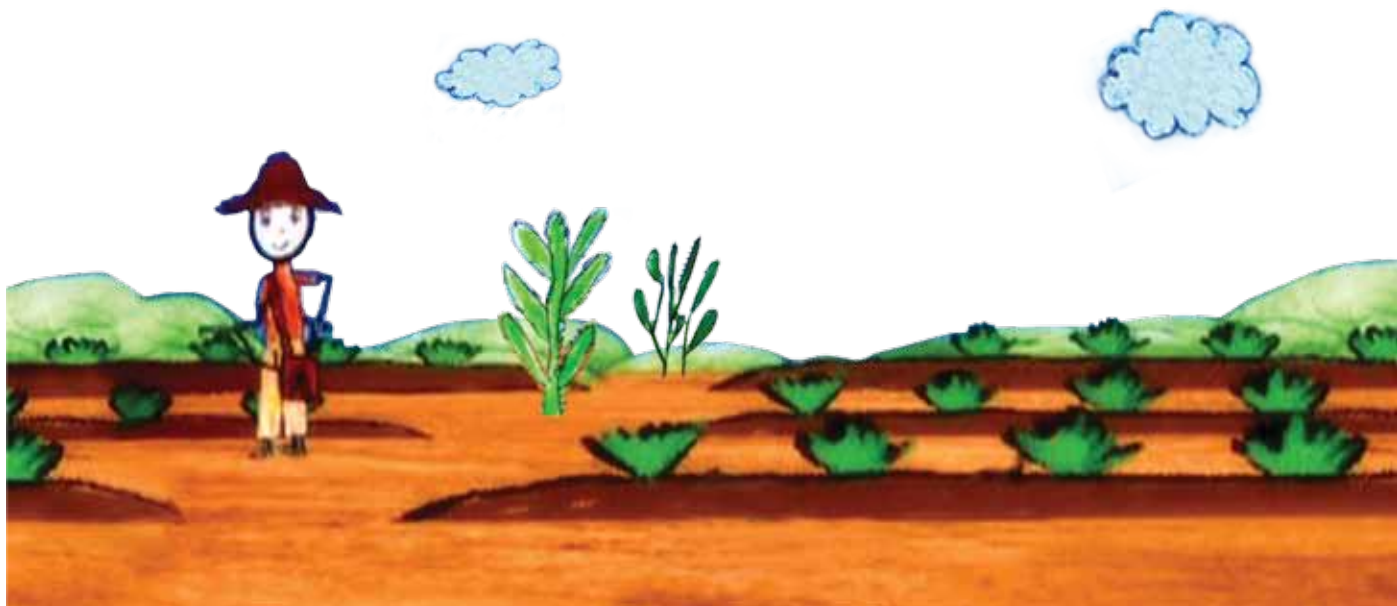
Às crianças e adolescentes das escolas do campo do semiárido baiano, aos professores e professoras, às coordenações municipais do Projeto CAT e Baú de Leitura, às Equipes do MOC e Assessoria do CAT na Universidade Estadual de Feira de Santana e aos parceiros por acreditarem na proposta de educação do campo contextualizada como transformação de vida das pessoas e construção do desenvolvimento sustentável.

---

---

<b>Apresentação</b>	<b>4</b>		
<b>Introdução</b>	<b>6</b>		
<b>Parte I – Fundamentos teórico-metodológicos da experiência de educação contextualizada do MOC</b>		<b>Parte II – Textos Temáticos</b>	
1. Conhecendo e refletindo sobre o semiárido e a agroecologia	<b>9</b>	1. Identidade	<b>28</b>
2. Refletindo metodologicamente o uso desta coletânea	<b>18</b>	2. Cultura e arte no semiárido	<b>46</b>
		3. Agricultura familiar e convivência com o semiárido	<b>58</b>
		4. Práticas agroecológicas na agricultura familiar e na escola	<b>76</b>
		5. Água para consumo humano	<b>92</b>
		6. Água para produção familiar	<b>108</b>

# Apresentação



A história do MOC tem se identificado, nos últimos 14 anos, com lutas e conquistas em relação à qualidade da educação que é oferecida às crianças, adolescentes e jovens do semiárido da Bahia, especialmente, dos territórios do Sisal, da Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão, com algumas entradas em outros territórios.

Assim é que, bebendo nas águas do SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa) de Pernambuco, criamos o CAT – Conhecer, Analisar e Transformar a realidade do Campo – projeto de educação contextualizada, desenvolvido inicialmente em três municípios e hoje em 22 municípios e a caminho de se consolidar em políticas públicas de educação contextualizada. No âmbito do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e em parceria com a SETRAS (então Secretaria do Trabalho e Assistência Social do Governo do Estado da Bahia), o UNICEF, o Projeto Axé e muitas organizações dos territórios, imprimimos nosso estilo e nossa metodologia nas ações da JORNADA AMPLIADA, aventurando-nos na formação e acompanhamento pedagógico de milhares de monitores. Igualmente, no âmbito do PETI e do CAT e a partir de experiências do Centro Luiz Freire, Pernambuco, criamos o Baú de Leitura, experiência de sucesso, de qualidade e inovadora no campo da leitura prazerosa e crítica, realidade nunca pensada antes nas escolas do campo.

Provocados por desafios e questionamentos que nos perguntavam por que não publicar estas experiências, abraçamos a espinhosa tarefa de sistematizar duas delas: o CAT e o Baú de Leitura, ambas publicadas em livros com sucessivas edições.

Nesta caminhada, nosso forte e nossa marca foi sempre a formação de professores/as, formação que hoje se estende aos gestores/as, coordenadores/as, conselheiros/as e organizações da sociedade civil, na perspectiva de construção de políticas de educação do campo, no semiárido. Isso porque avaliamos que, se queremos incidir e construir políticas públicas, estes atores são indispensáveis nesta construção.

Nesses tempos e nessa caminhada, porém, um desafio/solicitação sempre nos acompanhou. A elaboração de materiais didáticos que sirvam de subsídio concreto e direto aos/às professores/as, para o desempenho de sua missão em sala de aula.



Parceiros sempre nos colocaram essa demanda; os/as professores/as, em sucessivas oportunidades, nos colocavam igualmente esse desafio.

Temos, por outro lado, consciência de que a elaboração de materiais didáticos adequados ao processo de educação do campo no semiárido é algo premente e essencial.

Estas são as razões que nos levaram a assumir este desafio, mesmo com as inúmeras dificuldades que tivemos e temos, porque produzir os textos foi uma a mais entre nossas inúmeras tarefas, no dia a dia dos eventos, encontros, relatórios, dias de estudo, visitas às comunidades, planejamento de ações e outras atividades.

Esta, contudo, foi também uma oportunidade de refletir nossa prática, de pesquisar, dialogar com outros atores, de debater coletivamente o que produzimos, de estudar. E, assim, oportunidade de crescer e de nos preparar cada dia mais para a conquista de nosso sonho: a implementação, no âmbito das políticas públicas, em todas as escolas do semiárido, de uma educação do campo, que respeite, valorize, desenvolva o afeto pelo semiárido e produza conhecimentos que contribuam para sua plena viabilização.

Ao publicar esta coletânea, abdicamos de possuí-la. De agora em diante, esta obra, embora tenha ela a marca de nossa experiência, pertence a todos e todas aqueles/as que, no semiárido e no campo brasileiro, têm dedicado a vida à construção de uma educação contextualizada e de qualidade, especialmente para o semiárido.

Críticas, sugestões, complementações e debates serão sempre bem-vindos.

**Naidison de Quintella Baptista**  
Secretário Executivo do MOC

# Introdução



Durante a caminhada da experiência de Educação do Campo do MOC, em especial através do Projeto CAT – Conhecer, Analisar e Transformar a realidade do campo - e do Projeto Baú de Leitura, sempre tivemos o desafio da ausência de um material didático contextualizado, que contemplasse a realidade em que crianças, adolescentes e jovens das escolas do campo estão inseridos.

Nos diversos cursos, seminários, encontros e intercâmbios que realizamos durante estes últimos anos, os questionamentos de professores/as eram sempre os mesmos: como trabalhar a partir do contexto com materiais didáticos descontextualizados? Como construir a Ficha Pedagógica com elementos do semiárido e da vida campesina, se não encontramos nos municípios materiais para estudarmos e prepararmos as aulas? Como trabalhar o contexto com um currículo que está descontextualizado?

Estas questões nos motivaram a enfrentar o desafio de construir um material didático contextualizado para professores/as, com a metodologia, os princípios e concepções da educação do campo. Não foi tarefa fácil, mas resolvemos andar pela estrada desta construção.

Percorremos alguns caminhos desconhecidos por nós, com obstáculos. Abrimos veredas e descobrimos diversos horizontes para trilharmos. Nesta caminhada, sentamos à “sombra de algumas árvores já plantadas” por outras instituições e bebemos um pouco das suas experiências. Também sentamos à sombra de árvores plantadas por nós mesmos e sistematizamos nossas experiências. Desafiemo-nos e aprendemos fazendo.

Foram alguns anos sonhando e buscando transformar este sonho em realidade. Eis aqui o material. Não queremos e não pretendemos que ele seja a última palavra em termos de educação contextualizada, assim como não foi a primeira. Queremos apenas somar esforços nesta caminhada e oferecer alguns subsídios para milhares de professoras e professores das escolas do campo do semiárido e para outras realidades.

Com este Caderno Pedagógico **Construindo Saberes para Educação Contextualizada: Convivência com o Semiárido e Desenvolvimento Sustentável**, esperamos e desejamos contribuir para a construção do planejamento pedagógico, para o aprofundamento de estudos de professores/as, em especial no momento de construção da Ficha Pedagógica. Desejamos também que, a partir deste material, se construam outros e se possam criar, renovar e inovar as ações pedagógicas. Torna-se relevante que estes textos sirvam de estímulo ao desenvolvimento dos potenciais criativos, artísticos e pedagógicos de cada professora e professor que a eles tenham acesso.

É também nosso intuito continuar o caminho. Por isso, denominamos este conjunto de textos como Caderno Pedagógico Número 01.





Desse modo, neste primeiro Caderno, abordamos alguns temas divididos em duas partes. A Primeira Parte contém concepções teóricas e metodológicas da educação contextualizada, na perspectiva da convivência com o semiárido, enfatizando seus princípios e metodologias, além de buscar aprofundar o entendimento e a concepção de semiárido. A Segunda Parte contém textos temáticos para a problematização e a preparação do trabalho pedagógico em sala de aula, com informações sobre: identidade e cultura; agricultura familiar e agroecologia; a questão da água para consumo humano e para produção no semiárido. Estes temas foram escolhidos, primeiramente, porque os professores e professoras nos abordavam sedentos de informações atualizadas sobre os mesmos, e o porquê foram priorizados pelos/as professores/as em um Seminário de Intercâmbio sobre currículo contextualizado e materiais didáticos adequados.

Efetivamente, são assuntos da vida das famílias das crianças, adolescentes e jovens, como identidade, em especial a identidade do campo do semiárido, agricultura familiar, práticas agroecológicas que podem ser desenvolvidas na escola e na comunidade, a importância da água para a vida humana, animal e vegetal no semiárido, a arte e cultura. É nosso desejo continuarmos construindo outros cadernos com outras temáticas, para ampliar os debates nas escolas.

Os textos aqui não são para ser trabalhados em sala de aula com os educandos e educandas, mas sim para subsidiar a formação continuada dos professores e professoras e preparar o trabalho que farão com o público.

Nossa perspectiva foi de construir um material didático de acordo com os processos de formação de professoras e professores, dentro da metodologia do CAT, do Baú de Leitura e com os princípios da educação do campo e da educação contextualizada, em especial para convivência com o semiárido e o desenvolvimento sustentável.

Enfim, nosso desejo é que este Caderno Pedagógico e outros que pretendemos construir, sejam bem aproveitados por professores e professoras do CAT, do Baú de Leitura e das diversas escolas do semiárido de nossa e de outras regiões.

Agradecemos a todas e todos que, direta e indiretamente, contribuíram para essa construção.

Que ao percorrer os caminhos de ler, estudar, debater, aprofundar o conhecimento da realidade, através destes textos, cada um/uma possa abrir novas veredas e trilhar novos caminhos da educação contextualizada.

Boa leitura e um bom trabalho para todas e todos!

Equipe de Educação do Campo do MOC

# Parte I

Fundamentos teórico-metodológicos da experiência de educação contextualizada do MOC





# Conhecendo e refletindo sobre o Semiárido e Agroecologia

Naidison de Quintella Baptista<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

O presente texto pretende apresentar elementos de reflexão sobre a realidade do semiárido brasileiro e a perspectiva de agroecologia, mais detalhada no texto sobre práticas agroecológicas. Vamos trabalhar dados sobre sua realidade social, cultural, econômica e ambiental, além de projetar um olhar sobre os vários modos de se pensarem políticas e ações no semiárido. Trataremos das duas visões que se têm sobre o semiárido: uma denominada de “combate à seca”, com suas consequências desastrosas para o semiárido e seu povo, e outra, denominada de “convivência com o semiárido”, numa dimensão agroecológica, que traz esperança de um semiárido viável para todos os seus filhos e filhas.

Não pretendemos mostrar a última palavra em relação aos debates sobre o semiárido. Queremos, apenas, contribuir para que os/as professores/as do nosso semiárido possam melhor debater com seus/suas educandos/as esta realidade.

Este texto sobre o semiárido é fundamento para todos os textos temáticos deste material didático.

## ELEMENTOS BÁSICOS SOBRE O SEMIÁRIDO

### 1 Características do semiárido

O Semiárido brasileiro, segundo dados oficiais do Ministério da Integração, atinge cerca de 975 mil Km<sup>2</sup>, compreendendo 1.133 municípios de nove estados (Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Piauí). Neste espaço geográfico vivem cerca de 22 milhões de pessoas. Debate-se, igualmente, no âmbito da ASA – Articulação no Semiárido, a inserção de determinada área geográfica do Maranhão (ASA, 2009, p. 3-4).

A expressão semiárido indica que estamos diante de uma região que se aproxima da aridez. As razões para isso são várias: os modos humanos de explorar a terra que a tornaram deserta ou árida, pelo desmatamento, pela prática predatória com os rios e a terra; pelas queimadas; pela contaminação dos solos com agrotóxicos, aliados à pouca chuva e ao péssimo sistema de armazenamento da água.

<sup>1</sup> Secretário Executivo do MOC, Mestre em Teologia, professor aposentado de Metodologia do Trabalho Científico da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, Coordenador da ASA – Articulação Semiárido Brasileiro.

O semiárido brasileiro tem uma vegetação específica, que se chama caatinga. A caatinga é um bioma existente apenas no Brasil, ocupa 11% do território nacional, possui cerca de 900 tipos de árvores, 148 tipos de mamíferos e cerca de 510 espécies de aves.

A caatinga vem enfrentando um processo sistemático de devastação, tendo sido devastados cerca de 16.570 Km<sup>2</sup> nos últimos seis anos, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, sendo os estados da Bahia e do Ceará os que mais contribuíram com essa devastação, com cerca de 9.000 Km<sup>2</sup>. A caatinga é devastada para a fabricação de carvão e para a criação de gado, a mineração, entre outros fatores.

Quando se fala, porém, de semiárido, uma questão emerge de imediato: a água e a chuva. Normalmente, se afirma que não chove o suficiente, que há falta de água e que este é o maior problema do semiárido.

## 2 A água no semiárido

Neste material didático, há dois textos temáticos trabalhando a água: um sobre água e consumo humano e outro água para produção. Mas, vale ressaltar aqui, alguns elementos a mais.

O semiárido brasileiro é o mais populoso do mundo e ao mesmo tempo o mais chuvoso. Contudo, curiosamente, é uma região de déficit hídrico. Isso quer dizer que a quantidade de chuva que cai é menor do que aquela que evapora, numa proporção de 03 para 01. Ou seja: se chover 100 mil litros, evapora 300 mil litros, assim, a quantidade de água que evapora é 03 vezes maior do que a de chuva que cai. Além disso, as chuvas são irregulares e, algumas vezes, há longos períodos de estiagem. Durante essas épocas, a média pluviométrica atinge entre 200 a 800 mm/ano.

É verdade que, a cada período de estiagem, milhares de pessoas que vivem no semiárido não conseguem satisfazer suas necessidades de acesso à água e a alimentos básicos. Ao contrário do que se diz comumente, as causas dessa realidade não podem ser creditadas às limitações do meio ambiente ou das populações locais. Elas são, sobretudo, de natureza política e se expressam na enorme crise socioambiental que vivemos.



O problema, assim, não reside apenas na não existência de água suficiente, mas no fato de chover apenas um período do ano e de modo concentrado, ao que se somam os processos inadequados de armazenamento. Ou seja, desperdiçamos quase toda a água das chuvas, porque não a armazenamos adequadamente. Especialistas afirmam que se houvesse um bom armazenamento, muitas questões relativas à água estariam resolvidas.

A questão reside, então, muito mais na falta de estruturas adequadas de armazenamento da água, de forma a não concentrar seu uso e sua propriedade. Isso porque as construções de barragens, em estilo de grandes e faraônicas obras, como normalmente temos, embora armazenem muita água, não respondem às necessidades da região e à democratização do acesso à água (GALINDO, 2008, p. 30-31).

## **APROFUNDANDO MAIS A LEITURA POLÍTICA, SOCIAL E CULTURAL SOBRE O SEMIÁRIDO**

### **1 Outros dados sobre o semiárido**

Se você for levantar outros dados sobre o semiárido, vai constatar que ele se caracteriza pelos menores IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, pelos maiores índices de analfabetismo, pela presença aguda de fome, pela desnutrição. Estudando, você vai ver também que estes problemas não são gerados pela natureza, mas pelas políticas que têm sido dirigidas ao semiárido e que aumentam a concentração de riquezas para uns poucos, mantendo a maioria esmagadora da população à margem do desenvolvimento e com seus direitos desrespeitados.

### **2 Entendendo as razões dos problemas do semiárido**

O semiárido, quase sempre, é tratado como inviável e seu povo como incapaz. Essa hipotética incapacidade e inviabilidade é apresentada como resultado da seca, da semiaridez e da natureza, como se a própria natureza houvesse decidido a inviabilidade do semiárido e a incapacidade do seu povo.

Isso será verdade? Será mesmo esta a forma adequada para entender os problemas do semiárido? No nosso modo de entender, as causas e raízes são políticas e não naturais.

Durante muito tempo e, em muitos casos, ainda nos dias de hoje, as únicas políticas oficiais destinadas à região foram aquelas denominadas de “combate à seca”.

### **3 O que são as políticas de combate à seca?**

São políticas promotoras de grandes obras, normalmente, destinadas a assistir os mais ricos, aliadas a processos assistencialistas, destinados aos mais pobres, como doações, esmolas, distribuição de víveres, carros-pipa e processos semelhantes. Essas políticas não têm interesse de resolver as questões e os problemas. As ações de combate à seca externamente aparecem como “atos de bondade”, mas, propositalmente, são criadas e mantidas para garantir que o povo do semiárido permaneça sem vez e sem voz, dependente. Continuando dependente, esse povo nunca conseguiria ser o protagonista de sua vida e de sua caminhada.



Essas políticas, normalmente, são ligadas ao voto e mantêm no poder as mesmas pessoas e grupos, através da compra de votos.

Deve-se destacar ainda as políticas que favorecem a concentração da terra nos latifúndios, nos grandes projetos do agronegócio, nas grandes fazendas de gado. Paralelo a isso, muitos agricultores e agricultoras ainda trabalham em terras alheias ou em minifúndios superexplorados, fragilizando sua própria segurança alimentar (ASA Ceará, 2006). Essa realidade atinge cerca de 2 milhões de famílias agricultoras, que representam 42% da agricultura familiar do país e ocupam apenas 4,2% das terras agricultáveis.

Mais ainda: ao lado da concentração de terras, atua a concentração das águas. Ao longo dos anos, obras como açudes e poços se espalham pelo semiárido, mas, sistematicamente, deixando à margem a população esparsa e pobre, sendo sempre construídos nas terras dos/as grandes fazendeiros/as.

Assim, essas políticas construíram a concentração da terra, das águas, do conhecimento e, por conseguinte, a exclusão do povo mais simples e mais pobre.

Desse modo, a cada seca ocorrida, os ricos permaneciam mais ricos, possuidores e concentradores de mais água – nos grandes açudes construídos com recursos públicos em suas terras – com mais terra e com mais poder. E os mais pobres, ou migravam, ou se tornavam mais miseráveis.

A forte presença das políticas de combate à seca, com contribuição decisiva dos meios de comunicação social, construiu no imaginário popular e da própria nação uma falsa ideia sobre o semiárido. Por isso, o semiárido é descrito e apresentado como um lugar apenas de terra rachada e seca, onde se encontram carcaças de gado morto, crianças desnutridas e agricultura improdutiva. Desse modo, o que era resultado da falta de estrutura e de políticas condizentes virou falta de água, e o que era a ausência do Estado, como provedor de políticas públicas adequadas, passou a ser a incapacidade do povo de inovar e criar alternativas para conviver com as condições de semiaridez da região (ASA, 2009(2); ASA, 2009(1); ASA Maranhão, 2002; ASA Paraíba, 2004; ASA Piauí, 2004; ASA Ceará, 2006).

Contribuem muito para essa situação os processos de educação descontextualizada, através dos quais, de modo sistemático e subliminar, a escola inculcava e inculca nas mentes das crianças a mentalidade de que na roça, na área rural e no semiárido não há possibilidade de vida. Ainda hoje isso acontece e você, professor/a, sabe bem disso, porque vive esta realidade.

Pelo que se estuda, se debate, se lê e se faz em muitas escolas, conclui-se que, quem quer viver bem e dignamente, não deveria seguir a trilha e a história dos próprios pais e antepassados e sim, migrar do semiárido. Permanecer no semiárido não seria uma ação inteligente, pois ali não há possibilidade de vida digna (BAPTISTA, 2005; MOURA, 2003; RESAB, 2006).

Toda essa problemática é perpassada, de modo cruel, por uma marginalização das mulheres e, por conseguinte, pela ausência de um debate de gênero. São as mulheres que mais sofrem nesse contexto, sendo colocadas diante de uma dupla marginalização: aquela econômica e social, por viverem no semiárido e aquela de serem mulheres.

Quem vive no semiárido e quem estuda o seu povo encontra, ao invés de um povo incapaz, pessoas lutadoras, criativas, fortes, resistentes, esperançosas e solidárias. Prova disso é que, por mais políticas malfazejas que se projetem para o semiárido e, apesar de tudo que se faz contra ele, o povo continua vivo, de pé, lutando pela vida e por seus direitos. A luta de Antônio Conselheiro, a de Canudos, e muitas outras lutas coletivas contra a injustiça, na busca de estabelecer uma sociedade mais justa, são expressões fortes desta vida.



Ao lado de ser lutador e forte, o povo do semiárido possui uma cultura invejável, que resiste apesar das investidas dos meios de comunicação social e de muitas tentativas de aniquilá-la. O sertanejo se manifesta pelos seus reizados, pelos sambas de roda, pelas suas toadas, pelos seus violeiros repentistas, pela sua poesia de cordel, pelos fundos rotativos solidários de suas comunidades, pelos bancos de sementes, pelos mutirões, pelas batatas de feijão e milho, pelos bois roubados, pelas suas festas como a de São João, São Pedro, São José, pela sua religiosidade (Padre Cícero, Bom Jesus da Lapa), pelas suas músicas específicas, pelas suas comidas típicas, pelas suas bebidas e frutas, pelo seu modo de vida, de luta, de curtição, de viver e de amar.

Assim, não se pode considerar o povo do semiárido como um povo morto e incapaz e sim, um povo vivo, lutador, alegre, mas injustiçado.

Na sua região, professor/a, existem festas, processos culturais e lutas da população, que merecem destaque e estudo? A Escola tem papel fundamental em fazer com que essas manifestações apareçam, sejam respeitadas e valorizadas.

## UM OUTRO OLHAR SOBRE O SEMIÁRIDO

É importante afirmar que, não existe apenas o processo de combate à seca. Nas últimas décadas, vem sendo construída uma outra concepção de ver, trabalhar e construir o semiárido, numa dimensão mais agroecológica, que pensa mais nas pessoas e sua relação com a natureza. Esta nova forma de ver o semiárido é fruto de ações da sociedade civil, de órgãos estatais de pesquisa e de estudiosos. Essa mentalidade está baseada no reconhecimento de que seu povo é cidadão, que a seca não se combate, de que é essencial e possível conviver com a semiaridez, que a região é viável. Contudo, para que ela seja viável, deve ser contemplada com políticas adequadas. Debate-se e se busca ainda mais mostrar que uma sociedade justa se deve basear em premissas de equidade de gênero, sendo as mulheres protagonistas de seus destinos. Essencial ainda é que se desenvolva um processo de educação de convivência com o semiárido, valorizando o conhecimento do seu povo.

Nasce, assim, a partir de todos esses elementos acima, a perspectiva da Convivência com o semiárido, ao invés do velho e carcomido “combate à seca”. Na gestação dessa nova perspectiva, os movimentos sociais desempenharam papel estratégico. De fato, tornar o semiárido viável sempre foi uma forte bandeira dos movimentos sociais. Há décadas, muitas organizações da sociedade civil lutam por isso.

Assim é que, em 1999, em Recife, muitos desses movimentos se organizaram em uma articulação, com base em princípios, propostas de ações e metodologias de convivência com o semiárido. Nasce, então, a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA, 1999).



### Conviver com o semiárido significa:

- a) Buscar plantios que sejam resistentes e vivam com pouca água (palma, mandacaru, leucena, umbu, cajá e outras árvores nativas do semiárido) e que existem na caatinga;
- b) Criar animais que sejam adequados a este clima (bodes, carneiros, galinhas caipiras e outros animais nativos do semiárido e que povoam as caatingas);
- c) Desenvolver tecnologias que possibilitem ao povo a captação de água que cai das chuvas, ao invés de deixar que ela se estrague e desapareça (cisternas de consumo humano, cisternas de produção, barragens subterrâneas, tanques de pedra, poços artesianos onde eles são possíveis, poços rasos, aguadas para os animais e pequenas barragens);
- d) Desenvolver nas escolas um processo sistemático de educação contextualizada e de convivência com o semiárido, para que as crianças e adolescentes se eduquem vendo a possibilidade de querer bem ao semiárido e de viver bem nesse espaço geográfico, com diversas alternativas;
- e) Evitar obras faraônicas, a exemplo da transposição do Rio São Francisco, que concentra a água em mãos de poucas pessoas, aquelas ricas e que já detêm grande parte do uso e propriedade da água existente no semiárido;
- f) Criar uma política de partilha da água, de sorte que todas as pessoas do semiárido tenham acesso à água necessária para viver e para produzir, sem que se desperdice este bem tão importante para a vida de todos nós;
- g) Educar todas as pessoas para a conservação do solo, da caatinga, das águas, da vida no semiárido;
- h) Ter e assegurar uma política que garanta uma assistência técnica agroecológica e de convivência com o semiárido aos agricultores e às agricultoras familiares.





Essa mentalidade de uma proposta de convivência com o semiárido começa a crescer em nosso meio, em nossos municípios e em nossa região. Outras experiências começam a trabalhar numa dimensão agroecológica no semiárido. Algumas práticas você pode encontrar no texto temático de Práticas Agroecológicas deste material.

Exemplos disso são os muitos municípios onde existem o Projeto CAT, ou outras experiências de educação contextualizada, que valorizam a cultura e a vida do semiárido e produzem conhecimentos para modificá-la para melhor: são as mais de 300 mil cisternas de captação de água para consumo humano, que foram construídas no semiárido nos últimos oito anos, criando possibilidade para que mais de um milhão e meio de pessoas tenham acesso à água potável de qualidade; as milhares de cisternas de produção, que armazenam água da chuva para pequenas hortas e para dessedentar animais; as inúmeras tecnologias de captação de água, que nasceram no seio do povo e começam a se espalhar pela região; a assistência técnica para agricultores/as que, em determinados lugares, trabalham a perspectiva de convivência com o semiárido; materiais escolares e didáticos que debatem a convivência com o semiárido.

Você, professor/a, conhece experiências interessantes nesse sentido? Debata-as, então, com seus/suas educandos/as e estimule-os/as a que visitem essas experiências.

Mas esta nova mentalidade ainda não venceu a guerra. Ainda está muito presente a de combate à seca, com suas consequências maléficas. Ainda vemos os carros pipas, as grandes obras que só beneficiam os ricos, os mais pobres ainda não possuem a terra necessária ao seu sustento, nossas escolas ainda não debatem suficientemente a convivência com o semiárido, não possuem disciplinas específicas sobre isso e não dominam suficientemente metodologias que ajudem os/as educandos/as a entender e praticar a convivência com o semiárido.

## UMA BREVE CONCLUSÃO

Este texto, dentro de um espírito provocador, teve a intenção de nos fazer refletir questões sobre o semiárido, de forma mais ampla, como também, alguns elementos aparecerão em outros textos deste Caderno Pedagógico.

Ao final, com certeza ficam perguntas em nossas mentes:

- a) É a natureza a responsável pelo baixo IDH do semiárido, pela fome presente em nossas comunidades, é mesmo ela, a natureza, responsável pelo analfabetismo, pela falta de oportunidade de vida que é oferecida ao seu povo? Ou a responsabilidade estará nas políticas, nos gestores públicos e também em nós mesmos, que não nos mobilizamos para conquistar os direitos que são nossos e, por isso, nos deixamos marginalizar?
- b) Será que o povo do semiárido e nós que aqui moramos somos incapazes e incompetentes e, assim, sempre mercedores apenas de esmolas, doações e imposições? Ou somos um povo criativo, que tem criado inúmeras tecnologias de convivência com o semiárido, capaz de construir conhecimento e de ser dono do seu destino?
- c) Como nos inserir na difusão, ampliação e criação de políticas que, ao invés de aprofundar a proposta de “combate à seca”, nos conduza a processos e caminhadas de convivência com o semiárido, em todas as suas dimensões?

Finalmente, eis um grande desafio e uma grande questão para nós, professores/as e gestores/as públicos da educação. Com certeza, a escola tem trabalhado as crianças e adolescentes, no decorrer da história, mostrando um semiárido triste, pobre, morto e inviável, um semiárido sem futuro, do qual precisamos fugir, se quisermos viver.

Contudo, se constatamos que o povo do semiárido é inteligente, esperançoso, criativo, produtor de conhecimento, culturalmente rico e profundamente injustiçado, o desafio é colocar a escola para mostrar esta outra realidade. Ela pode e deve trabalhar o semiárido vivo, mas injustiçado e construir conhecimento com as crianças e as comunidades, para mudar esta realidade de injustiça e exclusão para uma realidade de vida.

Isso pode ser feito visitando cisternas e debatendo com seus proprietários o significado delas para suas vidas; visitando sítios onde há cisternas de produção, onde há barragens subterrâneas; trazendo à escola os nossos artistas, repentistas, cordelistas; visitando a caatinga e conhecendo suas árvores, seus animais; debatendo com a comunidade modos de evitar queimadas; vivenciando outras e outras atividades que envolvam as crianças positivamente no entendimento do semiárido e no desenvolvimento do querer bem e, por isso, cuidar desta nossa região.

Este é o nosso desafio.

## REFERÊNCIAS

ASA Ceará. **Carta Política**. Crato: ASA, 2006.

ASA Maranhão. **Carta Política**. São Luiz: ASA, 2003.

ASA Paraíba. **Carta Política**. Campina Grande: ASA, 2004.

ASA Piauí. **Carta Política**. Teresina: ASA, 2005.

ASA. **Águas da Cidadania: Coletânea de Vídeos**. Recife: ASA, 2008-2009.

ASA. **Articulação do Semi-árido Brasileiro**. Recife: ASA, 2009.

ASA. **Caminhos para a Convivência com o Semi-árido**. Recife: ASA, 2009.

ASA. **Carta de Princípios**. Recife: ASA, 1999.

ASA. **Declaração do Semi-Árido**: Proposta da Sociedade civil para a Convivência com o semiárido e o combate a desertificação. Recife: ASA, 1999.

ASA. **Mãos que Constroem**: A experiência de mulheres no Semi-árido Brasileiro, Recife: ASA, 2009.

ASA. **O Candeeiro**: Programa Uma Terra e Duas Águas. Recife: ASA, 2008-2009

ASA. **Programa de Formação e Mobilização para a Convivência com o Semi-Árido**: Um Milhão de Cisternas Rurais. Recife: ASA, 2001 (mimeo).



ASA. **Programa Um Milhão de Cisternas** – Coletando Água de Chuva para Mudar a Vida de Famílias e Comunidades no Semi-árido. Recife: ASA, 2008.

BAPTISTA, Francisca Maria; BAPTISTA, Naidison de Quintella. **Educação Rural: Sustentabilidade do Campo**. Feira de Santana: MOC/ SERTA, 2005.

CAATINGA. **III Caderno de Experiências: Agroecologia transformando paisagens desertificadas**. Ouricuri: CAATINGA, 2008.

CAATINGA. **Desenvolvendo uma Cultura de Estoques**. Ouricuri: CAATINGA, 2008 (Série Sertão Que Dá Certo).

CAATINGA. **Feira Agroecológica**. CAATINGA: Ouricuri, 2008 (Série Sertão Que Dá Certo).

CONSEA NACIONAL. **III Conferência Nacional de segurança Alimentar e Nutricional** - Relatório Final. Fortaleza: CONSEA, 2007.

CONDRAF. **I conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário**: Relatório Final. Olinda: CONDRAF, 2008.

GALINDO, Edna Cristina Marinho. **Intervenção Rural e Autonomia**: a experiência da Articulação no Semi-Árido/ ASA em Pernambuco. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2008.

MOURA, Abdalaziz. **Princípios e Fundamentos de uma Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável**. Edição Bagaço: Recife, 2003.

RESAB. **Educação para a Convivência com o Semi-árido**: Reflexões teórico-práticas. Selo Editorial: Juazeiro, 2006.

SILVA, Roberto Marinho Alves. **Entre o combate à seca e a Convivência com o Semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Ceará: Banco do Nordeste, 2008.

# Refletindo Metodologicamente o uso desta Coletânea

Francisca Maria Carneiro Baptista <sup>2</sup>

Naidison de Quintella Baptista <sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Os/as professores/as, ao atuarem na escola, sempre se utilizam de metodologias de trabalho. As metodologias implicam e incluem visões e estratégias políticas e a própria missão da escola. Há metodologias que dinamizam o protagonismo dos educandos e educandas e os provocam a produzir conhecimentos. Há outras que transformam os/as educandos/as em meros repetidores de conhecimentos de outrem e, muitas vezes, sem ligação com sua realidade. Quando debatemos a educação do campo, queremos e lutamos por uma metodologia, a partir da qual educandos/as na escola possam ser sujeitos de sua caminhada, produzir conhecimentos e transformar a realidade em que vivem.

Experiências de metodologia da educação do campo são o Projeto CAT – Conhecer, Analisar e Transformar<sup>4</sup> a realidade do campo – e o Projeto Baú de Leitura,<sup>5</sup> que trabalham com a dimensão da pesquisa-ação, envolvendo os sujeitos do campo, buscando transformar suas realidades, com base na concepção de educação de Paulo Freire: ação-reflexão-ação.

Um dos grandes desafios do Projeto CAT e do Projeto Baú de Leitura, como expressões de práticas de uma educação contextualizada, é o aprofundamento e ampliação do debate e das reflexões provocadas na escola, a partir das pesquisas realizadas pelas crianças em suas famílias e comunidades. Fazer este aprofundamento é muito importante, porque é com as reflexões que se constrói o conhecimento. Não se deve apenas ficar na síntese do que as crianças trazem de dados de suas comunidades sobre as temáticas a serem trabalhadas. Isso é muito pouco para uma escola que pretende construir conhecimentos para o desenvolvimento sustentável da comunidade e região. A Escola tem obrigação de ir além destas informações.

Contudo, ao dar este passo de ir do local para o universal, tem-se constatado certa insegurança nos/as professores/as, porque sua formação docente não lhes proporcionou o domínio suficiente de alguns conteúdos e informações para melhor subsidiar os/as educandos/as a universalizar o conhecimento, sem deixar a raiz da realidade onde vivem e que querem transformar.

Um dos principais objetivos deste material é, portanto, disponibilizar aos professores e professoras alguns instrumentos (textos sobre diversas temáticas) para que possam fazer com os/as educandos/as a relação dos conhecimentos locais com os universais.

Assim, ao disponibilizar textos de aprofundamento de temas e questões, temos que cuidar para que os mesmos sejam utilizados sem perder a perspectiva metodológica do nosso processo educativo, que é sempre aquele de partir da realidade, aprofundá-la, produzindo conhecimento para modificá-la para melhor.

Por isso, ressaltamos a importância das dicas metodológicas que apresentamos a seguir.

<sup>2</sup> Técnica do Programa de Educação do MOC, Licenciada em Letras Clássicas, Professora aposentada de Letras da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>3</sup> Secretário Executivo do MOC, Mestre em Teologia e Filosofia, professor aposentado de Metodologia da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, Coordenador da ASA – Articulação do Semiárido.

<sup>4</sup> CAT – Conhecer, Analisar e Transformar a Realidade do Campo – é um projeto de formação continuada de professoras/es e outros sujeitos sociais do campo, em parceria entre MOC – Movimento de Organização Comunitária, UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, Prefeituras/Secretarias Municipais de Educação e organizações da sociedade civil e movimentos sociais, atualmente em 22 municípios do semiárido da Bahia.

<sup>5</sup> Baú de Leitura – é um projeto de incentivo à leitura lúdica, que complementa as ações de educação contextualizada do Projeto CAT, buscando estimular o gosto duradouro pela leitura, desenvolvendo o senso crítico, os potenciais criativos e artísticos de crianças, adolescentes e professoras e professores.

## REFLEXÕES E PISTAS METODOLÓGICAS PARA UTILIZAÇÃO DOS TEXTOS

Nesta coletânea se encontram textos sobre temáticas múltiplas: O que é Semiárido, Identidade dos Povos do Semiárido, Agricultura Familiar e Práticas Agroecológicas no Semiárido, Água para Consumo Humano e Produção, Cultura e Arte no Semiárido, entre outros.

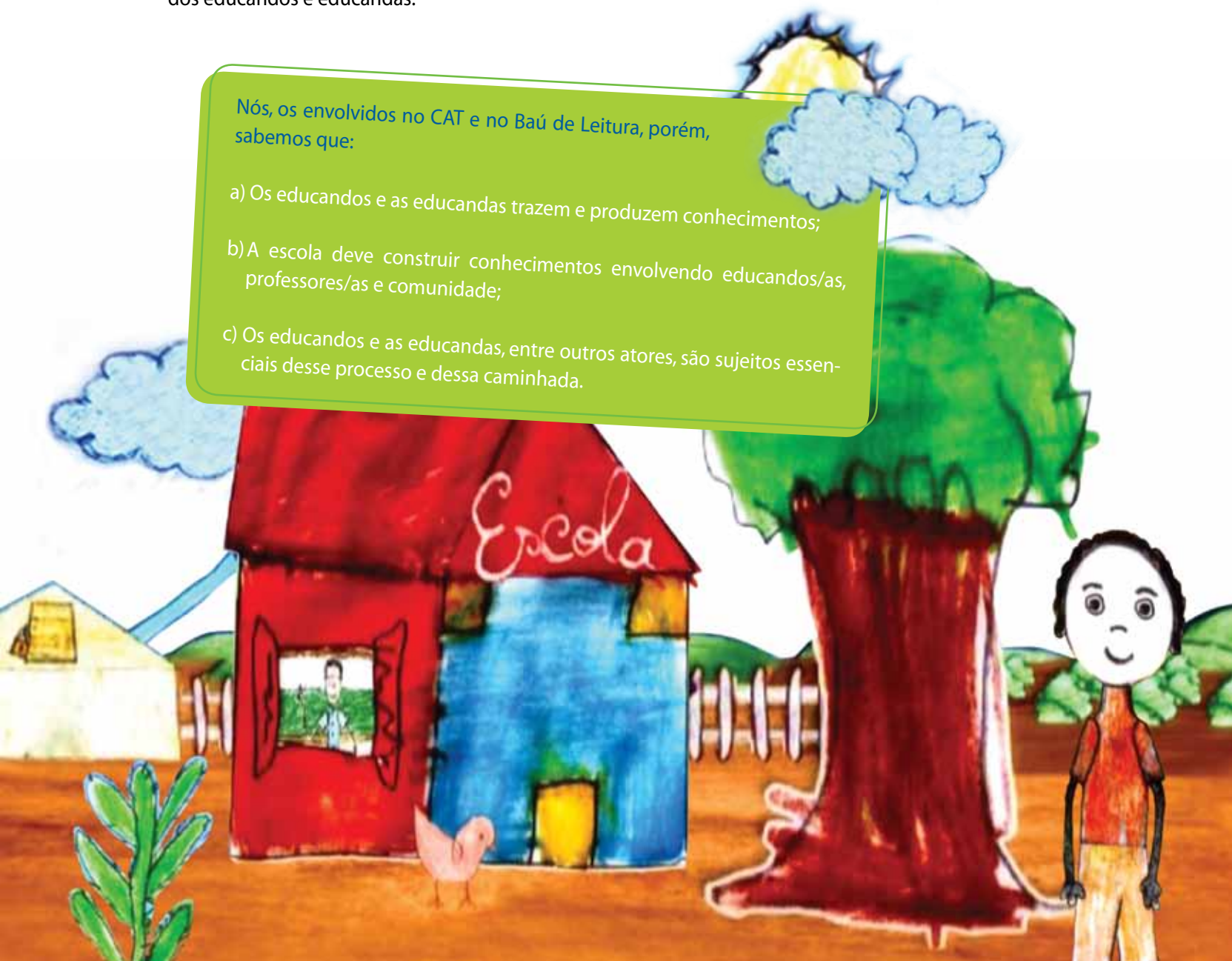
### Qual a função desses textos?

A nossa formação acadêmica tradicional nos diria que os textos seriam para subsidiar os/as professores/as na preparação de suas explanações em sala de aula, cobrando dos/as educandos/as, posteriormente, a memorização e repetição de tais conteúdos, em provas e testes.

Esta é a velha concepção de que os educandos e educandas nada sabem e nem possuem capacidade de produzir conhecimentos e de que o papel do professor e da professora é apenas aquele de veicular e cobrar conteúdos dos educandos e educandas.

Nós, os envolvidos no CAT e no Baú de Leitura, porém, sabemos que:

- a) Os educandos e as educandas trazem e produzem conhecimentos;
- b) A escola deve construir conhecimentos envolvendo educandos/as, professores/as e comunidade;
- c) Os educandos e as educandas, entre outros atores, são sujeitos essenciais desse processo e dessa caminhada.



Por isso, esses textos não são para explanações e discursos em sala de aula e sim, para subsidiar o/a professor/a na reflexão do tema e na passagem do conhecimento mais localizado para aquele mais universal. Devem também fornecer informações que ajudem na provocação e identificação de propostas de mudanças da realidade pesquisada.

## Vamos ver algumas dicas para isso?

Inicialmente, se o/a professor/a planeja e se prepara bem para sua missão em sala de aula, a leitura prévia desses textos pode orientá-lo melhor na escolha dos temas e das questões a serem trabalhadas, nas pesquisas que os/as educandos/as farão da realidade. Por isso, eles são subsídios para a construção do passo metodológico que chamamos de CONHECER. Efetivamente, quanto mais informações tivermos, maiores serão as chances de que possamos planejar e elaborar um CONHECER de qualidade.

Na seqüência, os textos podem servir de instrumento para que o/a professor/a se prepare melhor para as reflexões que deve fazer com seus educandos e suas educandas, a partir das pesquisas que eles e elas fizeram em suas comunidades. É aqui que precisamos relacionar os conteúdos das diversas áreas de conhecimentos com a realidade, exercitando a interdisciplinaridade.

O estudo de cada tema deste material por professores/as cria condições para que reflitam mais aprofundadamente a realidade com os educandos e educandas e possam se projetar para o conhecimento universal. Além disso, possibilita encontrar estradas de novos saberes (ANALISAR), que ajudem a realizar mudanças na realidade local, envolvendo a comunidade e a família (TRANSFORMAR).

Além disso, os textos podem dinamizar processos novos de avaliação, na medida em que podem nos ajudar a identificar posturas e atitudes novas nos educandos e educandas e verificar o conhecimento novo produzido pela escola, naquele campo.

### 1 Exercitando os passos metodológicos:

Vamos exemplificar como isso pode acontecer, num passo a passo, segundo a metodologia do CAT e Baú de Leitura.

#### 1.1 Primeiro passo: Conhecer

Este passo se inicia com a escolha de um tema gerador, que se torna o objeto de pesquisa das crianças em suas comunidades. Por exemplo, o tema Água. Se o/a professor/a leu um texto sobre o assunto, ele pode orientar melhor as crianças no que se refere à pesquisa em suas comunidades. Na seqüência, vamos supor que as crianças, a partir das pesquisas, tragam vários dados sobre a água nas comunidades: números de cisternas, aguadas, grandes açudes cercados e com acesso proibido à comunidade, famílias que não filtram a água, pessoas que passam sede e animais que morrem de sede.

As informações trazidas, individualmente, pelas crianças serão socializadas e registradas em classe, marcando o início da produção coletiva do conhecimento; de fato, até este momento, as informações existentes eram individualizadas em cada criança e família.

O/a professor/a ajuda a fazer a síntese das respostas e, com isso, temos o CONHECER. Ou seja: temos um retrato da comunidade em relação à questão da água.



## E como podemos utilizar os textos?

Aqui, professor/a, você pode perceber como a leitura prévia desses materiais e de outros sobre a água vai contribuir para uma melhor preparação e domínio de um conjunto de informações e isso, naturalmente, garante uma qualidade maior ao seu próprio trabalho pedagógico. E assim, a síntese dos/as educandos/as vai sair bem melhor. Isso, simplesmente, porque conhecendo melhor o tema, você pode orientar com mais qualidade a pesquisa a ser feita pelas crianças.

### 1.2 Segundo passo: Analisar

Uma vez que temos os dados do CONHECER, somos chamados a ANALISÁ-LOS. Isso se faz tomando o conhecimento local produzido pelos/as educandos/as, provocando a reflexão dos/as próprios/as educandos/as e criando condições para que eles/as possam aprofundar o conhecimento obtido, de sorte a ampliá-lo e, assim, descobrir a dimensão do transformar.

Como dissemos acima, a leitura dos textos contribuiria para qualificar o PRIMEIRO PASSO; agora eles contribuirão muito mais para o SEGUNDO PASSO, porque os textos trazem informações novas e, desse modo, proporciona condições de fazer um debate comparativo entre o conhecimento localizado e aquele mais universal e das áreas de conhecimentos disponibilizados pelos textos.

Vamos exemplificar como isso poderia ser.

Retomando o exemplo do Primeiro Passo, no qual as crianças trouxeram os dados, se constatou que:

- a) Há cisternas bem cuidadas, mas há também outras mal cuidadas e água contaminada nas cisternas;
- b) Mais da metade da comunidade ainda bebe água de barreiros, também utilizada por animais tanto para beber, quanto para se banhar;
- c) Muitas pessoas não têm aguadas e nem outras possibilidades de disponibilizar água aos seus animais;
- d) Poucas famílias filtram e cloram a água que consomem.

Com estes dados, temos um possível retrato da comunidade, construído a partir dos levantamentos feitos pelos/as educandos e educandas.

Permanecer apenas com estes dados sem refleti-los e ampliá-los seria negar a missão da escola. Ela, escola, tem a obrigação de ajudar as crianças, aprofundar tais questões e construir novos conhecimentos a partir delas e buscar como modificar para melhor a realidade.

É aqui que entra o papel fundamental dos nossos textos e de outros que os/as professores/as venham ler e estudar: criar condições para o aprofundamento e ampliação desse conhecimento.

No nosso exemplo, para fazer esse aprofundamento, o/a professor/a deveria questionar a si e às crianças pontos, tais como:

- a) Cientificamente, consumir água contaminada, que consequências traria para a saúde das pessoas?
- b) Quais os passos para se trabalhar a purificação da água e que políticas existem para essa finalidade, em âmbito municipal, estadual e federal?
- c) Que programas públicos existem de viabilização de água para produção no semiárido?



Este é um momento-chave de todo o processo educativo e de construção do conhecimento. É neste momento do analisar que inserimos os conteúdos curriculares das diversas áreas de conhecimentos, de forma interdisciplinar: áreas de linguagens, conhecimentos matemáticos e raciocínio lógico, conhecimentos sociais, geografia, história, conhecimentos da natureza, de saúde, dentre outros. Por exemplo: trabalhar gráficos a partir dos dados da pesquisa, unidades de medidas, trabalhar o ciclo da água, propriedades da água, história do povoamento do semiárido, localização das aguadas e outros recursos hídricos da comunidade e do município, ampliar para conhecimentos mais gerais do Brasil, do mundo, dentre outros.

Devemos ter claro que aqui o tema Água é o ponto de partida, mas deve-se ampliar para conhecimentos universais, que ultrapassem a própria temática. Continuando no nosso exemplo, poder-se-ia orientar os/as educandos/as a produzirem um texto descrevendo o “Programa Um Milhão de Cisternas” e seu funcionamento; outro texto poderia descrever aguadas existentes em outras comunidades e que são cercadas e reservadas, evitando-se a utilização das águas pelos animais e ainda outras aguadas, essas sim, apenas para utilização dos animais e produção. Outros textos ainda poderiam mostrar formas de cuidar da água e contar histórias sobre as consequências, para as famílias, do clorar ou não clorar a água, assim como falar dos Agentes Comunitários de Saúde e a atuação deles criando condições para que as famílias entendam melhor a razão e as técnicas da purificação da água.

Desse modo, fica claro que os textos devem servir de subsídio ao professor/a para um entendimento maior dos problemas, identificando possibilidades e limites desta questão, ampliando sua visão de mundo, para que daí as crianças possam reunir maiores condições de construir o terceiro passo que é o TRANSFORMAR.

### **1.3 Terceiro passo: Transformar**

Depois que foram identificados os problemas e os aspectos positivos existentes na comunidade, depois que se construíram novos conhecimentos, chegou o momento de envolver novamente a comunidade para devolver os resultados das questões trabalhadas em sala de aula e, conjuntamente, pensar soluções para melhorar a realidade. Este é o momento do TRANSFORMAR.

Portanto, TRANSFORMAR é o momento em que, partindo das reflexões sobre a realidade encontrada nas comunidades, a partir do conhecer e analisar, se deve chegar junto às famílias e à comunidade, debater e apontar pistas de superação para, pelo menos, alguns dos problemas identificados.

Se os/as professores/as e as crianças debaterem e possuírem informações mais aprofundadas sobre o tema, podem utilizá-las no debate e nos encaminhamentos do TRANSFORMAR, levantando sugestões e encaminhamentos concretos de modificação dos hábitos e procedimentos da comunidade.

## 1.4 Quarto passo: Avaliar

Inicialmente, vamos destacar que avaliação não é apenas um momento, mas ela diz respeito a todo o processo. Por isso a chamamos processual. Também, não é apenas de novos conhecimentos e informações adquiridas, mas do envolvimento de todos e todas na caminhada: conhecimentos adquiridos, atitudes modificadas, ações que se encaminham em relação ao tema trabalhado, a comunidade e a toda a escola. No CAT e no Baú de Leitura, buscase, por isso, implementar um processo avaliativo diferente. Nessa caminhada há alguns elementos interessantes:



a) A busca de identificar novos conteúdos adquiridos ou construídos pelos/as educandos/as e pela escola, em relação à temática debatida e estudada. Os textos, com certeza, vão trazer novos conhecimentos e mais informações sobre o assunto. No nosso exemplo, seria interessante ver quais os novos conhecimentos que os/as educandos/as, a escola e famílias adquiriram em relação à água nas comunidades. Conhecimentos sobre como tratar a água, que tipo de água é para consumo humano e que tipo é para produção, como armazenar a água quais as políticas de água existentes na região, como acessá-las, etc.

b) A busca de identificar novos comportamentos da escola, das crianças e professores/as em relação aos temas estudados. No nosso caso, por exemplo, como as crianças, os pais, as mães e a própria escola estão cuidando da água, se estão diminuindo o desperdício da mesma, se a água da escola está sendo limpa e tratada.

c) A busca da escola e das crianças em ajudar as pessoas da comunidade a resolverem seus problemas de água. Exemplo: se a escola está ensinando e informando as pessoas sobre o Programa Um Milhão de Cisternas e como se inscrever no mesmo para ter as cisternas de consumo humano; se as crianças e a escola debatem com a comunidade como tratar a água, etc.

Os textos podem ajudar muito nessa perspectiva, porque eles foram elaborados com olhar para serem adequados à realidade, e neles muitas sugestões de ações e atividades podem ser assumidos pelas crianças e pela escola.

Essa avaliação, como explicamos acima, deve ser feita em todos os momentos da vida escolar e não apenas em momentos de provas e testes, pois se trata de uma avaliação da vida e não apenas de conteúdos programáticos decorados pelas crianças.



## 2 A interdisciplinaridade: elemento-chave da caminhada

Os textos desta coletânea, como explicamos acima, não são para a preparação de falas e discursos dos/as professores/as e sim, para fundamentar e aprofundar a reflexão que deve ser feita, interdisciplinarmente, no processo de produção de conhecimento, que deve ser realizado pela escola a partir do tema escolhido para debate.

A figura a seguir ilustra visualmente o que queremos dizer:



Desse modo, o texto que estivermos lendo nos deve subsidiar para debater a área de linguagem (pode nos auxiliar ou aos/às educandos/as para escrever textos sobre água e, a partir daí, tratar de várias questões de linguagem); na área de conhecimentos das ciências naturais (fomentando debates sobre a qualidade da água, doenças e processos semelhantes); na área de matemática (trabalhando unidades de medidas, áreas, tabelas, gráficos, operações concretas, etc.); na área de história (estudando a história do semiárido, o processo de ocupação do semiárido) e assim em diversas outras áreas.

Nesse sentido, um único eixo aglutinador, que estará aprofundado em um ou vários textos, pode nos subsidiar a debater e trabalhar várias áreas do conhecimento e incentivar as crianças a produzirem novos conhecimentos em diversas ou em todas elas, conhecimentos estes voltados para a melhoria da vida das pessoas da escola e da comunidade.

Esse processo metodológico de interdisciplinaridade vai ser trabalhado em cada texto, como: Identidade, Agricultura Familiar, Convivência com o Semiárido, Água, Práticas Agroecológicas, Cultura e Arte, dentre outros, demonstrando como o mesmo processo pode se concretizar em várias dimensões. Partindo de uma temática destas, vocês, professores e professoras, poderão desenvolver um trabalho, no qual se pode inserir todas as disciplinas curriculares, uma perpassando pela outra.

Enfim, cada texto temático contido neste material quer, justamente, demonstrar a possibilidade de trabalhar esta interdisciplinaridade, a partir do entendimento de que se pode produzir conhecimento em várias áreas do conhecimento e melhorar a vida da comunidade.

## CONCLUINDO

Fazendo a leitura, estudando este texto, caro/a professor/a, você deve ter se aprofundado um pouco mais na metodologia do CAT e do Baú de Leitura e, além do mais, ter se informado como utilizar os textos de subsídios que esta publicação disponibiliza para você.

Os textos que estamos disponibilizando são para nos ajudar a preparar o conhecer, o analisar, o transformar e o avaliar que, acontecem sempre em sala de aula, a partir dos quais os/as educandos/as são provocados/as a produzir conhecimento.

Assim, com estes textos, estaremos mais informados sobre a realidade dos temas geradores ou eixos aglutinadores e a partir deles vamos aprofundar o conhecimento da realidade e transformá-la, seguindo os passos metodológicos do conhecer, analisar e transformar.

É este o nosso desafio, numa perspectiva de educação do campo, que nos leve a transformar para melhor a realidade do campo e do semiárido brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, F. M. C; BAPTISTA, Naidison de Q. (org.). **Educação Rural: sustentabilidade do campo**. Feira de Santana: MOC/UEFS, 2006.

BAPTISTA, F. M. C; BAPTISTA, N. de Q. (org.). **Baú de Leitura: lendo histórias, construindo cidadania**. Feira de Santana: MOC/CDJBC/MC/UNDIME, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MOURA, A. **Princípios e Fundamentos da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável**. Glória do Goitá, PE: SERTA, 2003.

# Parte II

---

Textos Temáticos





# Identidade

Francisca Maria Carneiro Baptista<sup>6</sup>  
Jussara Secondino do N. Alves<sup>7</sup>  
Rita de Cássia Cerqueira dos Santos<sup>8</sup>



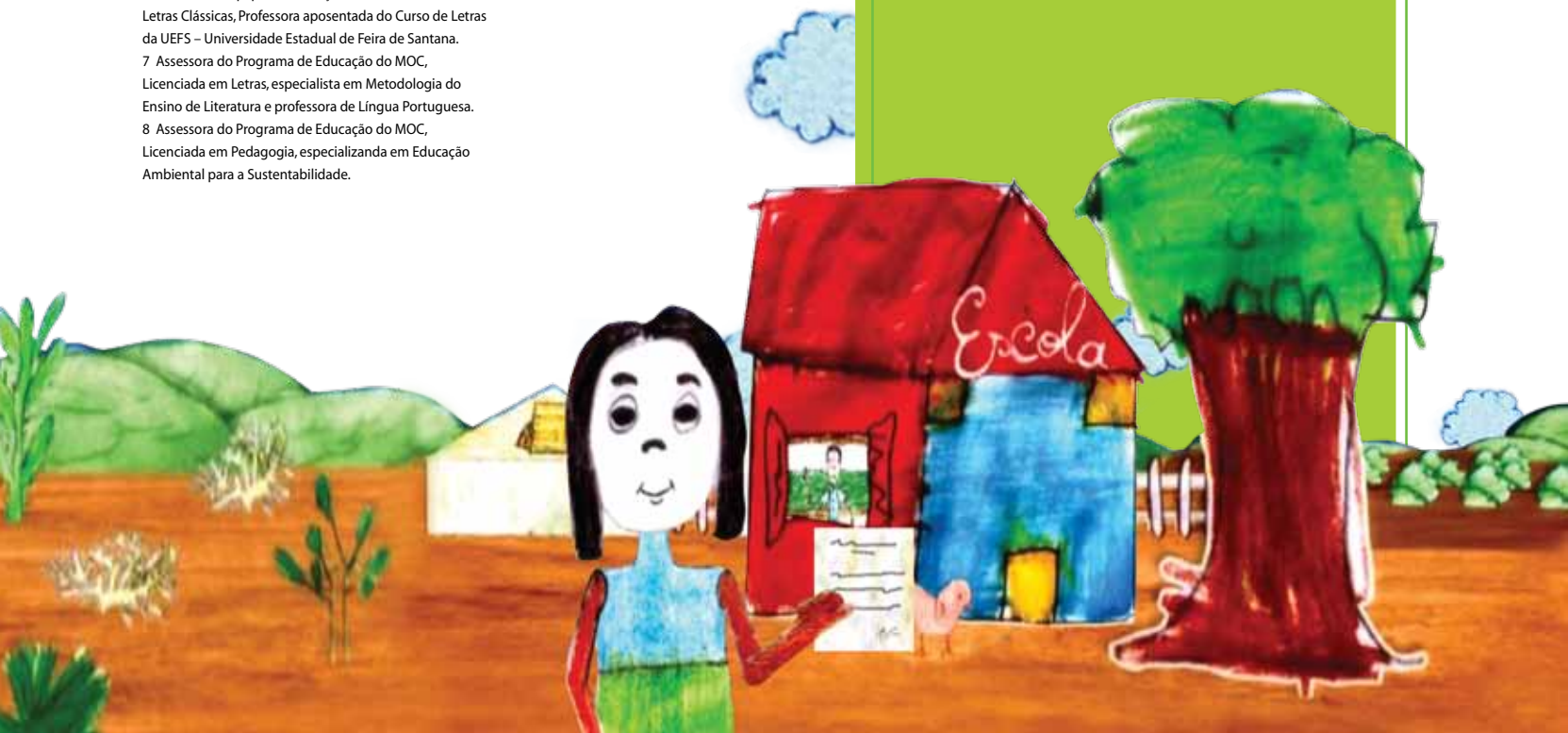
*Meu nome é importante.  
Através dele, sou vista  
na sociedade. Com ele  
fui registrada, um dia, e  
conhecida na comunidade.*

*(Luana de Souza Matos,  
5º ano, Escola Nossa  
Senhora da Conceição – Faz.  
Boa Vista- Monte Santo)*

6 Técnica da Equipe de Educação do MOC, Licenciada em Letras Clássicas, Professora aposentada do Curso de Letras da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana.

7 Assessora do Programa de Educação do MOC, Licenciada em Letras, especialista em Metodologia do Ensino de Literatura e professora de Língua Portuguesa.

8 Assessora do Programa de Educação do MOC, Licenciada em Pedagogia, especializanda em Educação Ambiental para a Sustentabilidade.





## INTRODUÇÃO

Hoje, comenta-se muito sobre a importância de valorizar e fortalecer a identidade das pessoas. Por que será? Será que as pessoas já estão percebendo a importância da mesma para o convívio social?

Conhecer a si mesmo é o ponto de partida para o relacionamento com outras pessoas.

É necessário redescobrir a identidade pessoal, familiar e local, vez que, querendo ou não, ela influencia na vida de cada indivíduo e na sociedade. É importante constatar como esta identidade vai se constituindo ao longo da história de lutas dos índios/as, negros/as, brancos/as, povos tradicionais, em especial no semiárido.

Mas o que é mesmo Identidade? Este texto pretende provocar uma reflexão sobre esta temática em toda a sua abrangência e complexidade e sugerir orientações pedagógicas, que possam contribuir para o planejamento do/a professor/a e o bom aproveitamento de educandos/as nas escolas.

## CONTEXTUALIZANDO E REAFIRMANDO VALORES

Você já observou como as pessoas são identificadas nos lugares onde andam? Se sim, já percebeu, então, que é principalmente pelo seu nome. E já conhece a história do seu nome? Quem o escolheu? Por quê? Qual o seu significado?

Em relação aos/as educandos/as, você já os/as ajudou a buscar estas informações e até a criar textos sobre a sua própria história? Saber por que se chamam Paulo, Rita, Roberto ou Willian? Tudo tem sua razão. Conhecer a história do nosso nome nos leva a gostar dele, valorizá-lo mais, e dar-lhe mais significado e valor, conhecer a cultura e costumes familiares e descobrir a nossa identidade pessoal e familiar.

E, na sala de aula, olhando a lista com nomes dos/as educandos/as, já comparou com eles/as os seus sobrenomes? Há semelhanças? Se sim, por que será? A razão não é outra, senão a identidade familiar: família Souza, família Silva, família Carneiro, família Ferreira, família Pedreira,

### Reconhecimento da Identidade

**Para sermos reconhecidos oficialmente pela sociedade, precisamos ter documentos.**

**O primeiro documento que precisamos obter é a Certidão de Nascimento, tirada em um Cartório de Registro Civil. Os pais e mães, geralmente, registram o nascimento dos seus filhos/as logo após o parto, no primeiro mês, a fim de torná-lo cidadão/ã brasileiro/a e para não pagar multa. Com este documento se fazem todos os outros: Identidade ou RG (Registro Geral), Título de Eleitor, CPF, Carteira de Trabalho, Carteira de Saúde. Enfim, sem documento, principalmente a Carteira de Identidade, não se é reconhecido e nem recebido em lugar algum na sociedade como cidadão, sujeito de direitos e de deveres.**

**Na zona rural, muita gente desconhece essa utilidade e importância dos documentos. Muitas famílias não registram seus/suas filhos/as quando crianças, dificultando sempre a matrícula na escola e em outros espaços como posto de saúde.**

**Cabe à escola exigir o registro da criança ao matriculá-la e esclarecer pais, mães e filhos/as sobre a importância de ter os documentos. Eles são indispensáveis ao cidadão. Nossas crianças precisam aprender que elas são sujeitos de direitos na sociedade. E para qualquer atuação, reivindicação, participação social, os documentos são indispensáveis à identidade.**

etc. Observando isto, descobre-se muita coisa interessante, parentesco, relacionamento das pessoas, semelhanças, jeito de vestir, de brincar e de falar, são características da identidade pessoal construída dentro da família.

Poderíamos dar muitos outros exemplos, porém deixamos que você os descubra em pesquisa com as crianças.

## 1 O que é, então, identidade?

O conceito de identidade vem sendo construído ao longo do tempo, com as mais variadas matrizes. No Brasil, por conta, principalmente, da pluriétnia do povo brasileiro e suas expressões culturais, também está em permanente construção. Partamos do princípio de que identidade seja toda e qualquer expressão humana e que cada pessoa possui uma específica e própria.

Identidade pode ser compreendida como sentimentos, características e elementos de identificação de uma pessoa, ou de um grupo, na medida em que ela é influenciada na sua pertença pelo coletivo ou por uma cultura.

Nesse sentido, a identidade é o conjunto de características próprias, constituída culturalmente a partir das relações sociais, com as quais se podem diferenciar as pessoas e comunidades umas das outras, quer diante do conjunto das diversidades, quer diante seus semelhantes.



## Curiosidade

O sobrenome da família mostra a identidade familiar.

No Brasil, tais nomes tiveram origens variadas dadas às etnias que formaram nossa população.

Os descendentes de portugueses trazem geralmente os sobrenomes ligados aos reinos da natureza: vegetal, animal ou mineral, como por exemplo, Oliveira, Pereira, Pinheiro, Carneiro, Coelho, Pedreira, Ferreira, etc.

Os escravos tinham nome e sobrenome na sua língua e dialeto de origem. Como eram vendidos a algum senhor, eram identificados pelo nome deste, propriedade de tais senhores, assim: João de Silvério, José do Patrocínio. Este de ou do permaneceu no nome de muitos. Os escravos não eram registrados no cartório, nem considerados cidadãos brasileiros. Com a abolição da escravatura e a luta deles por direito à cidadania começaram a se registrar no cartório e criaram os seus próprios sobrenomes, sempre com cunho ou inspiração religiosa. Aí surgiram: dos Santos, da Anunciação, de Jesus, das Virgens, da Conceição e outros.

O mesmo aconteceu com os indígenas que se aculturaram e se identificaram pelo nome do pai, por exemplo, João Ambrosio, Rita Secondino e Iara Janaína.

Tudo isso revela a cultura de um povo e suas mudanças. Não é regra, nem absoluto.

## 1.1 Identidade pessoal

Cada um/a de nós tem a sua própria identidade. Ou seja, somos chamados/as e reconhecidos/as por um nome, mas nossa identidade pessoal vai além. Nascermos com características próprias, elementos biológicos que são hereditários, e elementos psicológicos e sociais que compõem o nosso jeito de ser. Biologicamente, já nascemos com alguns elementos identitários definidos: sexo, cor da pele, dos olhos, dentre outros. Entretanto, a nossa identidade é mais complexa, pois é composta também de elementos culturais, regionais, políticos e sociais. E, na proporção que vamos crescendo e nos relacionando com as pessoas, vamos construindo e ressignificando nossa identidade pessoal.

## 1.2 Identidade familiar

Professor/a, você já observou na lista de nomes completos de seus educandos/as quantos/as têm o mesmo sobrenome? Qual o sobrenome mais comum na classe? E na comunidade? Já conversou com as crianças sobre isto? É importante fazê-lo, pois o sobrenome revela a identidade familiar.

No início deste texto, comentou-se sobre a importância do nome da pessoa para ser identificado na sociedade. Só que o primeiro nome coincide muito: quantos "José", "Sandra", "Cristina", existem por aí, às vezes, na mesma família, na mesma sala de aula e na mesma escola? Então, tornou-se necessário agregar-se ao primeiro nome, outro: o sobrenome que é uma expressão da identidade familiar. Há pelo menos um sobrenome: o da mãe primeiro e/ou o do pai. Quando analisado isto com os/as educandos/as, aguça a valorização do seu nome completo e um maior conhecimento dos antepassados e de sua ancestralidade.

Por outro lado, nossa identidade é subjetiva, constituída a partir da vivência de cada indivíduo na família e na sociedade, sob influência das relações sociais, dos padrões culturais e da realidade em que vivemos.

Essa dimensão social da nossa identidade é baseada nas relações sociais, também marcadas pelas diferenças e desigualdades. Em nossa sociedade, houve um processo de exclusão social que marcou a formação da identidade de seu povo. Os/as negros/as, os/as indígenas, muitas vezes, tinham suas identidades reprimidas pelos colonizadores, não podendo expressar publicamente suas crenças, suas cantigas, suas manifestações culturais e que se repetem e refletem até os dias de hoje.

Esse sentido de identidade, como o conceito de elaboração de consciência, reapropria tudo que foi violado: memória, história, aspectos constitutivos de nossa ancestralidade negra, índia e branca - elementos indispensáveis como ponto de referência. Logo, elementos biológicos como cor de pele, sexo e outros de ordem sociológica como religião, costumes, cultura, gênero, quando refletidas por professores/as e crianças, possibilitam a tomada de consciência de si, ao se reconhecerem como sujeitos pertencentes a uma família e a um grupo.

Essa tomada de consciência adquire uma noção pluridimensional, em que as identidades construídas por diferentes pessoas, em diferentes momentos de suas histórias, se juntam, formam um mosaico: a Diversidade Cultural. Neste caso, os/as negros/as, os/as índios/as, os/as brancos/as constituem a base da etnia brasileira. Tratar deste tema nos permite o ajuntamento de informações sobre a cultura local dos diferentes sujeitos e lugares, seu

### Assinatura

As pessoas, às vezes, assinam só um sobrenome, muitas vezes, o do meio, quando a sociedade brasileira convencionou que ao abreviar-se, deve-se usar o primeiro nome e o último do registro civil. Na rubrica, por exemplo, escreve-se a primeira letra de cada nome e o último todo; a identificação familiar.

As empresas comerciais e bancárias organizam a lista de seus clientes pelo sobrenome.

resgate histórico e memorial através da oralidade, das cantigas de roda, atividades folclóricas, crenças, credences, acervos linguísticos, literários, proporcionando uma descoberta de si, de seu ambiente e das relações existenciais, constituindo-se a identidade local.

### 1.3 Identidade local

Para refletir com as crianças sobre identidade local, vamos focar três espaços importantes: a escola, a comunidade e o semiárido de modo geral.

## Será que existe também identidade local?

Pense! Você trabalha numa escola que tem um nome e que nela se encontram educandos/as, professores/as, serventes e diretoria. Ela tem salas de aula, horta e outros espaços físicos, elementos estes que a fazem diferente de outras. Ela tem uma história, nela já trabalharam diferentes mestres/as. Estas não seriam marcas de identidade?

Essas histórias e características da escola precisam ser conhecidas pelos/as educandos/as, professor/a e comunidade. Cabe, então, ao/a professor/a orientar os educandos/as para uma pesquisa na comunidade com pessoas mais idosas para conhecer a história da sua escola. Por que tem tal nome? Em que ano foi fundada, quais os nomes de professores/as que já ensinaram ali, quais as conquistas obtidas e desafios enfrentados?

Isso certamente, levará as pessoas a valorizarem mais aquele espaço, aquele bem público, que é fruto do esforço de muitos, que beneficia a criança local e que precisa ainda de dedicação de muitas outras pessoas, para continuar prestando o serviço a que se destina.

Essa escola está localizada numa comunidade, que também tem suas características humanas, físicas, sociais, políticas, econômicas, etc.

Podemos afirmar, portanto, que a comunidade também possui uma identidade. Fica localizada em uma área do município, a uma determinada distância da sede; sua população se ocupa de atividades econômicas, familiares, sociais e políticas específicas; a comunidade está organizada ou não, valoriza ou não sua escola. Faz parte ainda de sua identidade, ter manifestações culturais próprias, espaços de lazer específicos, lutar por políticas públicas que venham beneficiar a todos, que possam valorizar e facilitar a vida de cada morador dali e tornar o ambiente mais bonito e agradável. Isto diferencia uma comunidade da outra e constitui, portanto, sua identidade, localização, cultura, meio ambiente, qualidade de vida de seus habitantes, etc.

Cada escola está inserida numa comunidade, onde as pessoas têm seu modo próprio de ser, de viver a vida, de olhar o mundo, de descobrir valores, de criar e solucionar problemas. Esse jeito específico as identifica.

### De Olho na Lei!!!

A luta do povo negro, no Brasil, por uma sociedade sem discriminação, sem preconceito e sem racismo, resultou na formulação da Lei no 7.716/89. O vigor dessa lei vem comprovar a existência de práticas discriminatórias no Brasil. As leis de caráter restritivo são feitas para inibir a discriminação.

Já a lei 10.639/03 visa fazer um resgate histórico, para que se conheça um pouco mais o Brasil e a história do nosso povo. Desse modo, prevê trabalhar o conhecimento da história e cultura afro-brasileira a partir do processo de escravidão, bem como novos conceitos sócio-político-históricos baseados no estudo da mesma (SANTOS, 2010).



Precisamos descobrir com nossos/as educandos/as as características do lugar onde vivemos, para valorizar e respeitar mais e, assim, contribuir para o seu desenvolvimento. Mas, não nos fechemos na comunidade. Ela é parte de um município, de um território e de uma região. E todos estes espaços têm características próprias.

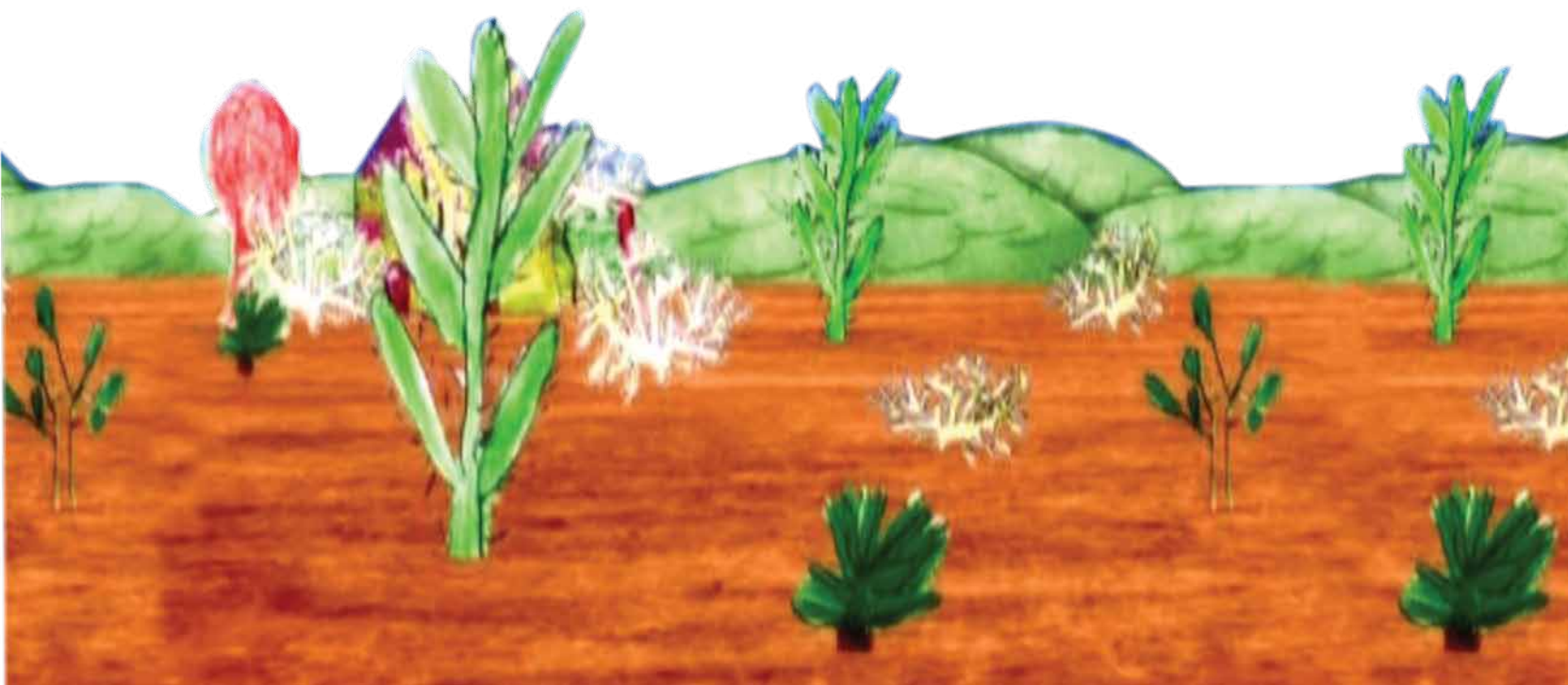
Sabemos que nossa escola e município estão inseridos no estado da Bahia e no semiárido brasileiro. E estes também possuem identidade. Porém, citaremos aqui os aspectos mais específicos: sua gente, sua terra, sua vegetação e seu clima.

Sua gente é maravilhosa. Já dizia Euclides da Cunha "o sertanejo é um forte!". Sim. Resiste à seca, à fome, ao desprezo do poder público e à exploração dos latifundiários. Porém, é mais que isto, é persistente, corajosa, alegre, trabalhadora, solidária e criativa. E quando informada de seus direitos e deveres, é participativa nas lutas coletivas em busca de políticas públicas adequadas às necessidades dos habitantes do semiárido. Procura também descobrir formas de manter a criação de pequenos e médios animais, plantando palmas, leucenas e sorgo; fazendo aguadas e cisternas calçadões que lhe proporcionem uma melhor produção.

Sua terra é boa, apesar de rasa e pedregosa em boa parte de seus espaços. Sua vegetação mais característica é a caatinga, com seus cactos (palma, mandacaru, xiquexique e gravatã), seus arbustos e suas árvores frutíferas (o umbuzeiro, o peri-peri, a jabuticabeira, dentre outros).

O esforço da família dos/as educandos/as para sobrevivência, para melhorar de vida, para obter o sustento e proporcionar os estudos de seus filhos e filhas, tudo isso é próprio do habitante do semiárido.

Cabe à escola despertar educandos/as e familiares para esses valores e potencialidades, ajudá-los/as a desenvolver novas formas de convivência no e com o semiárido, bem como proporcionar às famílias oportunidades de conhecer técnicas para isso.



## 2 Um olhar sobre a identidade do semiárido

Observar e conhecer o semiárido significa acentuar a visão nas relações da natureza, das estações, do ciclo vital que se permeia entre as chuvas e a estiagem. São dois tempos definidos, os quais também determinam a vida, a cultura, os costumes e as relações humanas desta região. Por volta das estações, os homens e as mulheres desses territórios cultivam a agricultura sazonal, movimentam seus cultivos e os comercializam. Nosso olhar aqui será especificamente sobre os Territórios do Sisal e da Bacia do Jacuípe, ambos situados no semiárido baiano.

Consequentemente, o processo produtivo vai delineando e definindo o cotidiano das pessoas no plantio e nas chuvas de março – dia de São José, a cantoria, o mutirão, a crença e a reza. No cultivo, o olhar verdejoso planeja a partilha da plantação que irá faltar a mesa junina regada de dança e cantoria. Depois, temos o comércio que transita entre o rural e o urbano, garantindo a subsistência da comunidade. Em setembro começa o estio, período que modifica a convivência: a destoca, a silagem e a limpa, que se realizam também através de manifestações próprias do lugar: a bata do feijão, o boi roubado, tudo regado à partilha, à musicalidade e à celebração, dessa vez aos santos gêmeos, que se comemoram com comida farta e muita dança.

Como afirma Guillen (2002, p.105),

*Acreditamos que para se entenderem os caminhos da construção da identidade nacional é imprescindível percorrer os passos trilhados pelo pensamento social brasileiro em torno do sertão.*

Ou seja, os povos do sertão, do semiárido, têm uma contribuição na formação da identidade do povo brasileiro. No semiárido, a identidade é permeada pela constituição das formas simples de ser e de ver. As moradias, as casas de farinha, a produção como formas de sobrevivência e o convívio com a flora e a fauna deste lugar.

## 3 Fortalecendo a identidade

O conceito de Identidade não é um conceito acabado, concluído e tampouco pertence ao campo da objetividade, assim como a água, a seca, a cultura, etc. Identidade não se vê, não se mede e não se fotografa. Ela pertence ao campo da subjetividade, e esta se processa no interior de cada um, e de todos e todas nós. Portanto, é um procedimento de construção permanente em que elementos se agregam e, conforme a comunidade a que este sujeito faça parte, esta identidade vai se consolidando ou se embatendo, ou ainda se ressignificando.



Um exemplo significativo é o Carnaval na Bahia, no Rio de Janeiro e em Pernambuco. No exercício democrático, as etnias se confluem e são poucos os blocos alternativos que consolidam as matrizes primárias: o Ilê, Curuzu, Maracatu. Outros, vão alterando as origens e adquirindo outras matrizes de identidade: Rap, Hip Hop, e outros ainda, vão juntando, agregando e ressignificando os elementos, dando um sentido diferente à matriz original: o axé, Muzenza, o Congo.

Para Ciampa (1987, p.152), "A identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural. É então um processo de constante movimento dialético que é construído pela atividade e ação do sujeito." O autor emprega possibilidades de transformação e superação da identidade pressuposta, para expressar este movimento, em que é preciso articular a identificação e dicotomia do igual e do diferente. "Uma identidade nos aparece como uma articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída por uma história pessoal."

Conversamos até agora sobre nossa identidade pessoal, familiar, comunitária, da escola e do semiárido. Fazendo isso fortalecemos nossa identidade. Quando temos nossa identidade fortalecida, re-

## Preconceito, tolerância ou respeito?

Você já pensou sobre a diferença entre preconceito, tolerância e respeito? Na sociedade em que vivemos a diversidade étnica, cultural, social e política se tornam justificativa para a discriminação, o preconceito e reforçam a desigualdade social.

Vamos pensar um pouco:

**Preconceito** - Conceito ou opinião formado antes de ter os conhecimentos adequados. Atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos.

**Tolerância** - Ato de tolerar, de reconhecer que os outros são diferentes, ou pode ser um disfarce e uma dissimulação a respeito de algo proibido.

**Respeito** - Tratar com respeito, ter consideração, admitir a qualidade do outro na sua diversidade.

Qual a sua opção?





conhecemos melhor a do outro, ou seja, a identidade de outras pessoas, locais, escolas, comunidades. Chamamos isso de alteridade. Em outras palavras: exercitar a alteridade é reconhecer as nossas características e as das outras pessoas, pois quando se define mais fortemente o igual, se vê o diferente. É nessa relação com o outro, que se pode desenvolver o respeito à diversidade e a superação de preconceitos.

A partir da identidade individual e no relacionamento com outros indivíduos, vai se construindo uma identidade coletiva. Por exemplo, pessoas que vivem numa mesma comunidade, município ou região, nas relações sociais, elas vão construindo uma identidade coletiva, a partir de sentimentos de pertencimento do lugar, de hábitos, de costumes, de manifestações culturais, de forma de produzir, etc.

No interior desses lugares, as identidades vão se fortalecendo na construção do ser: mulher, homem, negro e negra, criança, jovem, idoso e idosa, apoiando-se na memória coletiva, essencial na autoafirmação das comunidades a que pertencem.

Muitas vezes, somos ameaçados pela massificação da propaganda, veiculada pelos meios de comunicação, que nos ditam modismo, consumismo, modelos, impondo perfis de beleza, estabelecendo padrões. É um conjunto que interfere na segurança identitária. Com isso, vem o modelo estereotipado de ser e a ele vinculam-se imagens estabelecidas que desrespeitam a diversidade. A diversidade se torna desigualdade e meio de diferenciar e subjugar o outro, surgindo assim os vários tipos de preconceitos tão presentes em nossa sociedade, atualmente, onde ser diferente pode causar em muitas pessoas uma intolerância exagerada: contra homossexuais, negros/as, nordestinos/as, pobres, etc.





Experiências exitosas desenvolvidas pelos movimentos sociais, tais como grupo de mulheres e homens, projetos de educação do campo e tantos outros, têm fortalecido a forma de ser e viver da região do semiárido. Assim, se desencadeia um processo de autoconhecimento, compreensão das relações em rede e de acentuação, potencializando formas de expressão da identidade na arte, na cultura, na culinária, na organização de eventos sociais e religiosos, produzindo melhores formas de revelar-se em textos, teatros, costuras, artesanatos, cantorias, danças, etc.

No entanto, ainda se faz necessário consolidar politicamente essa identidade, assim como ter consciência da pluridimensão existente nos territórios. Ter permanentemente a consciência dos valores da herança histórica, biológica, cultural e sociológica de variadas etnias provoca uma tensão constante entre o olhar sobre si (visão incompleta) e o olhar do outro (visão complementar). Esse processo requer constante atenção, para que se consolide o reencontro e/ou redefinição da identidade territorial, de pertencimento a um lugar e região.

Nos espaços políticos de construção de uma nova cultura e desenvolvimento, como conselhos, conferências, setores da sociedade e secretarias municipais, não se pode perder de vista a valorização e o redescobrimto da memória coletiva. Importa valorizar o produto construído e garantir espaços de expressão sem sacralização deste ou daquele elemento.

Nas escolas, professores/as vêm debatendo e trabalhando a valorização e fortalecimento da identidade pessoal como um elemento de elevação da autoestima, respeito a si próprio e ao outro, as questões de gênero, geração, etnia, religiosidade, contribuindo para a construção de uma cultura de respeito à diversidade socio-cultural.

## TRABALHANDO A TEMÁTICA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Todo início do ano letivo, o/a professor/a deve trabalhar a descoberta e valorização da identidade, para provocar a autoestima dos educandos e educandas.

Professor/a, o debate sobre identidade pessoal irá mexer com elementos subjetivos dos/as educandos/as, a compreensão que eles têm de si próprio, na cultura e sociedade onde estão inseridos e inseridas. Para isso, é necessário um cuidado pedagógico, a fim de ajudar o educando e educanda nesse processo de descoberta, sem reforçar estereótipos, nem acentuar preconceitos. A educação contextualizada tem hoje um papel fundamental no pensar e refletir sobre os valores da nossa sociedade.

### 1 Planejando e organizando os conteúdos:

É indispensável que se planeje todo trabalho pedagógico, organizando os conteúdos a serem trabalhados com este tema. Para isso, deve-se perguntar: o que queremos com as reflexões sobre Identidade? A partir desta questão, pensar os objetivos e os caminhos, metodologias de trabalho para alcançar o objetivo. É importante destacar as

### Glossário

**Agricultura sazonal:** Agricultura praticada em determinada estação do ano.

**Alteridade:** Diferença, distinção, qualidade do outro.

**Diversidade:** Qualidade daquilo que é diverso, diferença, dessemelhança.

**Plurietnia:** Várias etnias.

dimensões da identidade e sua relação com a cultura e as relações e vivências sociais. É importante, também, provocar debates sobre o jeito de ser de cada um/a, o respeito às diferenças e a diversidade cultural. Planejar e organizar os conteúdos, de forma que estes elementos acima sejam valorizados.

## 2 Desenvolvendo atitudes:

A reflexão e o debate desta temática devem provocar na escola e na comunidade o surgimento de novas atitudes, como o respeito às diferenças, à diversidade e ao jeito de ser de cada pessoa, para que sejam valorizados.

Mais do que pensar sobre identidade, você, professor/a deve proporcionar vivências que estimulem atitudes dos educandos/as diante do desafio de como conviver respeitosamente na diversidade. O que significa respeitar as diferenças? Quando as diferenças nos oprimem? Aqui está o centro da questão, pois deve-se estimular que os/as educandos/as respeitem e valorizem a diversidade sociocultural, busquem afirmar sua identidade com o direito conquistado, ressignifiquem suas concepções de belo/ feio, aceitação/ discriminação, valorização/ desvalorização, dentre outros, e se posicionem criticamente frente a situações de preconceito.

## 3 Avaliando a aprendizagem

O tema Identidade é, dentre os tratados nesta coletânea, o mais subjetivo. Por isso professor/a, precisamos ter cuidado ao trabalhar com as crianças e os/as adolescentes e também ao avaliar os processos de construção de conhecimentos e atitudes sobre este tema. Assim, a avaliação se dará no nível da observação e qualificação das atitudes e produções dos/as educandos/as, da sua criticidade e capacidade de reflexão e ação.

Com a temática de Identidade, a avaliação ocorre em todo momento, observando-se as mudanças de atitudes dos educandos e educandas em relação ao respeito, a elevação de sua autoestima e sua identidade. O professor e a professora podem perceber claramente as mudanças de postura na sala de aula e no relacionamento com as diversas pessoas que vivem na escola. Por exemplo, na hora dos jogos, das brincadeiras, da formação de grupos de trabalho, perceber as mudanças e a aquisição e construção dos conhecimentos que foram desenvolvidos. Enfim, com esta temática, a avaliação se dá mais na observação da prática do cotidiano escolar e na vida da comunidade.

## 4 Contribuindo com o planejamento dos passos metodológicos

### 4.1 Dicas do conhecer

Professor/a, você poderá introduzir a discussão deste tema com a leitura de um texto, que expresse alguma identidade, como o verso que vem no início do texto, de uma educanda de Monte Santo, o poema "Itabira" de Carlos Drummond de Andrade, uma história como "O Pato feio", "Menina bonita do laço de fita", ou outras do primeiro mote do Baú de Leitura.

Torna-se interessante solicitar aos/às educandos/as que perguntem aos pais a razão do seu nome, a origem de sua família, se sempre moraram ali, a origem do sobrenome, onde têm outros parentes e trazer para a escola essas informações. Ou de se fazer uma pesquisa na comunidade sobre descendência indígena, afrodescendente, etc.

Depois desta pesquisa, outra poderá ser feita na comunidade sobre a história da escola, o significado do seu nome, ano de inauguração, professores que já trabalharam ali, etc.

Uma outra pesquisa importante é a da comunidade, sua história, a razão do seu nome, sua composição, suas características. Os/as educandos/as, em grupos, poderão entrevistar pessoas mais velhas da comunidade, para obter estas informações, bem como sobre o município e sobre o semiárido.

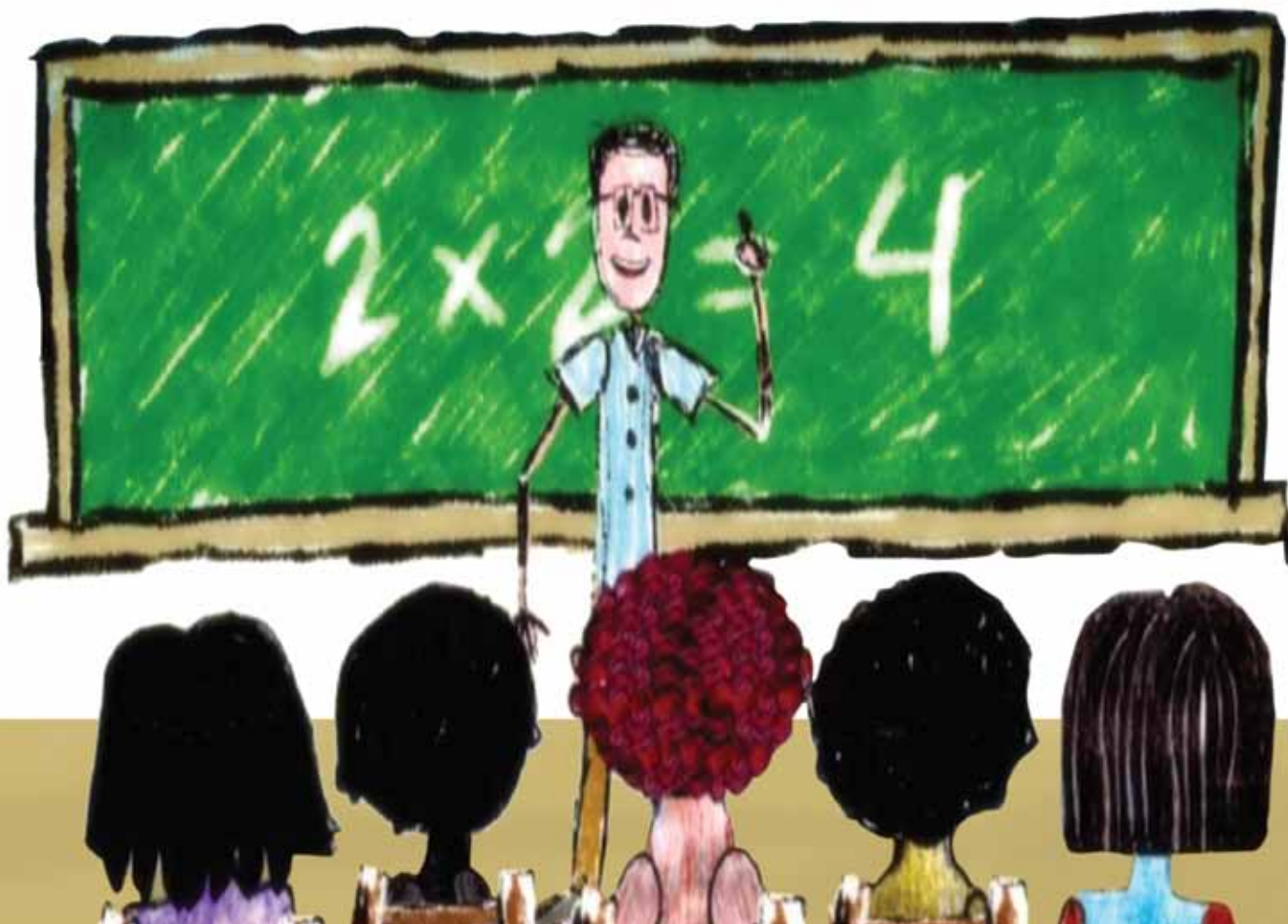
Todos esses dados, obtidos nesta etapa, ajudarão a cada educando/a conhecer melhor a comunidade e a vida local, provocando autoestima e valorização da pessoa, do que se é e do que tem ao seu redor.

#### 4.2 Dicas do analisar

À medida que os educandos e educandas forem trazendo as informações do CONHECER, vai se trabalhando, pedindo que escrevam a sua história e a de sua família, fazendo a leitura e debatendo sobre o significado de tudo aquilo para cada pessoa. É válido aproveitar o texto aqui apresentado para refletir quão necessária e importante é o nome e a identidade de cada um/a. A partir desse texto, pode-se estudar na área de Língua Portuguesa: a estrutura textual, ortografia, pontuação, acentuação, separação de sílabas, letras maiúsculas e minúsculas, alguma categoria gramatical etc.

A partir da história da comunidade e da escola, registrada pelos/as educandos/as, estuda-se em História do Brasil a chegada dos portugueses e o processo de colonização, características dos primeiros habitantes do Brasil e as mudanças ocorridas com a invasão e o domínio português; além disso, estuda-se, também, outras influências étnicas na formação do povo brasileiro: afrodescendentes e outros. Analisa-se costumes, alimentação, práticas religiosas, festas, celebrações, etc.

Na Geografia, pode-se usar o mapa da Bahia e do município para localizar a comunidade. O/a professor/a pode identificar e mostrar de onde vieram as famílias, onde estão hoje – comunidade e município, analisando as carac-



terísticas sociais, culturais e econômicas desses lugares e das pessoas, a partir de vivência e conhecimento que o/a educando/a trouxe. E aí vai se aprofundando o conhecimento, a depender do nível da classe 1° ao 5° ano. O/a professor/a faz a adequação à classe as informações da comunidade, do município e do semiárido. Pode-se também trabalhar relevo, recursos hídricos do município e da região, ocupação das pessoas, meios de sobrevivência, transporte, comunicação, comércio e políticas públicas existentes.

Feito isto, aprofunda-se o conhecimento com outros conteúdos apresentados aqui neste texto e no de Cultura, para ampliar os saberes dos/as educandos/as e levá-los/as a entender o sentido e o valor da pesquisa que fizeram e dos textos.

Em Ciências, podemos ver tudo isso com um olhar sobre a saúde e a segurança alimentar da população.

E em Matemática? A partir dos dados quantitativos sobre as pessoas, elementos da natureza, atividades, criar e resolver problemas matemáticos. Observar os dados, construir tabelas e gráficos com seus/as educandos/as, usando a criatividade. Verá como é fácil trabalhar a partir da realidade, contextualizando sempre o seu fazer pedagógico. A partir de atividades interdisciplinares, podemos trabalhar as diversas áreas do conhecimento. Veja alguns exemplos:

A partir de atividades interdisciplinares, podemos trabalhar as diversas áreas do conhecimento. Veja alguns exemplos:





### a) Trabalhar a história do nome e a construção da identidade

Você pode dividir a turma em grupos e sugerir que cada criança conte para os colegas a história do seu nome. Após, cada educando e educanda pode contar a história do nome, fará a apresentação de forma criativa, que pode ser em jogral, paródia, contação de história, cantiga de roda com versos, dramatização ou outra maneira. Depois que eles/as apresentarem, o/a professor/a faz uma reflexão sobre a importância do nome na vida de cada ser humano. Pode-se fazer um jornal mural com as diversas histórias dos nomes.

### b) Construir o boneco da identidade trabalhando as dimensões da identidade pessoal

O boneco da Identidade é uma atividade que busca trabalhar os elementos identitários a partir do debate sobre os desenhos construídos individualmente pelos educandos.

- Com uma folha de papel ofício em branco, o/a professor/a deve orientar a construção do/a boneco/a da identidade, sem uso da tesoura. Explorando a coordenação motora dos/as educandos/as, recorta-se o formato de uma pessoa.
- Após todos construírem, sugerir que cada educando/a pinte seu boneco, identificando seu jeito, seus gostos, sua personalidade com cores e palavras.
- Após todos pintarem, fazer um cartaz com todos os desenhos, refletir com eles sobre as diferenças entre os desenhos e pedir que os/as educandos/as elaborem um título para o cartaz.

### c) Construir jornal escolar, fanzine ou jornal mural tematizando identidade

O jornal escolar é um instrumento de comunicação, que incentiva os/as educando/as a serem produtores e leitores críticos dos meios de comunicação. Nessas atividades, o/a professor/a pode sugerir um trabalho individual, ou por equipe. Pode ser uma atividade permanente em sala de aula, ao longo das unidades.

- No jornal escolar construído pelas crianças, pode-se debater sobre a identidade, valorização da cultura, preconceito e discriminação.
- Elas podem organizar seções de notícias, entrevistas, reportagens e campanhas, trabalhando coesão e coerência na produção textual, dando enfoque para elaboração de gráficos e de estatísticas, a partir da pesquisa realizada na comunidade e outros dados interessantes.
- O/a professor/a pode destacar partes dos textos das crianças para aprofundar conhecimentos sobre elementos gramaticais.



#### d) Apresentar a Identidade da Comunidade no Museu da Diversidade na Escola

A construção de um museu na comunidade pode ser um resgate importante da história da comunidade. Esta atividade consiste em registrar a história de cada família, seus antepassados, suas origens e objetos antigos que identifiquem cada época. Para esta atividade é necessária uma integração de ações entre escola e comunidade, desde a pesquisa inicial sobre a história da comunidade e família, o cuidado com o acervo das famílias, até a exposição na escola, aberta à comunidade.

- Com esta atividade, você pode introduzir o conceito e a importância do conhecimento da história na nossa vida individual e coletiva. Pode-se sugerir, inicialmente, a construção de um memorial da história de cada família, estimulando a leitura e escrita pelos/as educandos/as e para eles/as.
- A partir de destaques das produções dos/as educandos/as, pode-se trabalhar elementos gramaticais.
- Você pode construir uma linha histórica mostrando ao/à seu/ua educando/a quando se inicia a história do Brasil, do seu município e da sua comunidade no tempo.
- É interessante que se faça um comparativo com o que tinha antes na comunidade e o que tem na atualidade.
- Junto com as famílias, é válido coletar e registrar as peças a serem expostas no museu da diversidade. Com esse catálogo, é possível trabalhar numerais e operações matemáticas.

#### 4.3 Dicas do Transformar

Convidar os pais e mães para virem à escola, para uma Reunião ou Seminário de Devolução, e apresentem a eles a eles os textos, tabelas e informações produzidas pelas crianças – o conhecimento novo, criado sobre a realidade. Nesse momento, se na escola tem o Projeto Baú de Leitura ou outros projetos de arte-educação, pode-se iniciar a reunião com uma apresentação teatral de livros do Mote 01 – Identidade pessoal e cultural.

A partir daí discutir com eles/as os problemas identificados e como solucioná-los, como por exemplo:

- a) Pessoas que não têm carteiras de identidade;
- b) Dificuldade de relacionamento entre pessoas da família, entre parentes, entre vizinhos;
- c) Desrespeito à diversidade cultural, religiosa e étnica;
- d) Casos de preconceito, discriminação na família, na escola e na comunidade.



Enfim, planejar com a comunidade o que fazer, como e com quem. Sugerimos, nessa oportunidade, para realização conjunta de pais, mães e educandos/as, as seguintes atividades:

- a) Oficinas sobre identidade pessoal com as famílias;
- b) Campanhas educativas sobre discriminação e racismo;
- c) Comissões comunitárias para ajudar as famílias a providenciarem seus documentos.

## 5 Leitura prazerosa no projeto Baú de Leitura

No Projeto Baú de Leitura, o Mote I – que trabalha a Identidade, os livros foram selecionados de forma que proporcionassem o fortalecimento da identidade pessoal, cultural e local. Ao trabalhar com o primeiro mote do Baú, estes elementos podem ser fortalecidos e o trabalho ser desenvolvido de forma mais prazerosa.

### 5.1 Sugestões Literárias:

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelé**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2007.

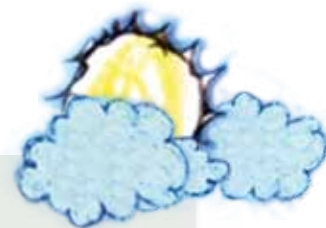
JUNQUEIRA, Sonia. **O Cavalinho Encantado**. São Paulo: Ed. Atual, 1995.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Ática, 2009.

RIBEIRO, Nye. **Jeito de Ser**. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

SILVA, Célia Cristina. **Ana e Ana**. 2ª. Edição, São Paulo: Ed. DCL, 2007.





### Sou uma Contadora de História

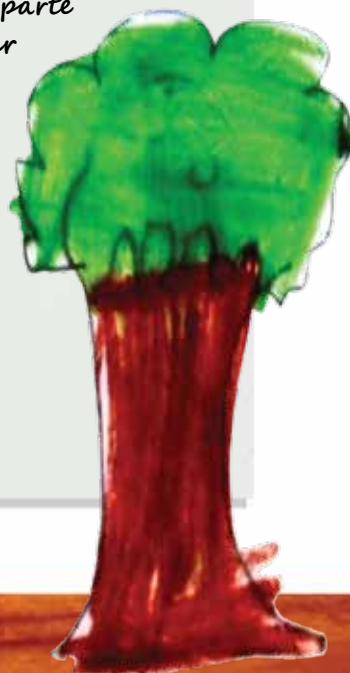
Kamila Santos de Jesus<sup>9</sup>

Meu nome é Kamila Santos de Jesus, tenho 11 anos, estudo a 7ª série, gosto muito de ler historinhas e isso me leva a ser uma grande contadora de histórias. O que primeiro me motivou a contar histórias, foi quando passei a conhecer os livros do Projeto Baú de Leitura, através da minha mãe, que fazia parte do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).

Tem muitas histórias interessantes que eu gosto demais e que marcaram minha vida. Acho que elas contribuem muito no meu desenvolvimento também. Foi na escola, com minha professora, que comecei a entender o que é o resgate da cultura e da identidade e isso me ajudou a transformar minha vida. A partir daí descobri que a leitura é muito boa para meu crescimento. A história me levou ao mundo da imaginação, são leituras tão prazerosas que despertaram dentro de mim sentimentos e coisas gostosas.

A primeira vez que eu contei uma história foi em um festival do PETI. Neste dia, a platéia se surpreendeu com o meu talento. Para mim, foi um presente, pois tive oportunidade de mostrar que sou uma menina muito esperta. Depois disso, já participei de vários eventos na minha comunidade, na sede e até em outros municípios. Faço parte do grupo de teatro, do coral, porque gosto muito de cantar e dançar. Mas, uma das coisas que mais gostei foi quando contei história para a escritora e pesquisadora Olivia Ortele, de Salvador, na semana da cultura daqui do município.

Através dessa descoberta, pude perceber que algo mudou na minha vida, passei a ser uma leitora, e também me considero uma criança popular, pois as pessoas reconhecem meu talento. Pretendo levar adiante os meus sonhos e quero conquistar muitas coisas.



<sup>9</sup> Aluna do Baú de Leitura na Comunidade de Queimada do Alto no município de Serrinha.



## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, R. C. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

CIAMPA, Antonio. **A história do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix. **Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **O Sertão e identidade nacional em Capistrano de Abreu**. in: BURITY, Joanildo A. (org.). **Cultura e Identidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOSCOVICI, Serge ( Org.). **A representação social da Psicanálise**. RJ: Zahar, 1978.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2005.

STRAUSS, Levy. **Identidade**. Paris: PVF, 1977.

SANTOS, Leidiane. **A história e a cultura Afro-brasileira e a lei 10639/63**.

Acessado no site <http://www.webartigos.com/articles/12161/1/A-Historia-e-Cultura-Afro-Brasileira-e-a-Lei-1063963/pagina1.html#ixzz0r8TrQh5A>, em 25/11/2010.



# Cultura e Arte no Semiárido

Cleonice dos Santos Oliveira<sup>14</sup>

## INTRODUÇÃO

No primeiro Texto Temático deste material, estudamos as questões de identidade, daquilo que nos identifica, o ato de nos assumirmos como povo do semiárido e do campo, como homem e mulher sertanejos, resistentes diante das dificuldades, com muita força de vontade de lutar e vencer.

Neste texto, continuamos a reafirmar a importância de aprofundarmos sobre algo que pertence a todos nós: a Cultura e a Arte. Debater este tema nas escolas é trabalhar com a vida das pessoas, sobre suas crenças, costumes, religião e jeito de viver.

Professor/a, você já observou se na escola os/as educandos/as sentem orgulho e prazer de dizer que são do campo e que são do semiárido? Como eles e elas sentem esta ideia de pertencimento a um espaço geográfico com suas características especiais de vida? Com certeza, na comunidade em que a escola está inserida, há vários elementos de cultura e de arte próprios. Como a escola pode contribuir para fortalecer esta cultura? Como a escola pode contribuir na elevação da autoestima dos educandos e educandas, a partir de sua cultura, do jeito de ser e de produzir de suas famílias? É nesta perspectiva que construímos este texto de Cultura e Arte no Semiárido. Vamos aprofundar um pouco mais?

14 Técnica do Programa de Educação do MOC – Movimento de Organização Comunitária, Graduada em Pedagogia.



# CONTEXTUALIZANDO E REAFIRMANDO VALORES

## 1 Vamos entender o que significa cultura?

Nós, seres humanos, pertencemos a um grupo, seja familiar, religioso, grupos de mulheres, de homens, de danças, de escola ou de amigos. Podemos dizer que temos, ou seguimos uma cultura. No entanto, será que somos todos iguais por pertencermos ao mesmo grupo, ou temos nossas diferenças e gostos? Somos diversos, pois somos diferentes, mas somos iguais em direitos. Daí a necessidade de aprendermos a conviver uns com os outros.

Cultura é um termo bastante utilizado em nosso dia-a-dia. É muito comum ouvirmos expressões: “como fulano é culto”, ou “aquele povo tem muita cultura”, ou ainda “fulano nunca foi à escola, coitado, não tem cultura nenhuma!”. Desse modo, fala-se constantemente em cultura e esta palavra pode ter vários significados. Por isso, ao falar da cultura, é preciso refletir atentamente, pois esse termo traz consigo diversos significados. Vamos ver alguns deles.

Caldas nos explica a origem do termo cultura e suas primeiras aplicações, ainda na antiguidade:

*Originalmente, esta expressão (cultura) vem do latim – colore – e significa cultivar. Com os Romanos, na Antiguidade, a palavra cultura foi usada pela primeira vez no sentido de destacar a educação aprimorada de uma pessoa, seu interesse pelas artes, pela ciência, filosofia, enfim, por tudo aquilo que o homem vem produzindo ao longo de sua história (CALDAS, 1986, p.11).*

Segundo Santos (2006), a cultura pode ser definida como o conjunto formado pela linguagem, crenças, hábitos, pensamentos e arte de um povo. Mas, se refere, também, à arte de um caráter mais erudito: que é a literatura, a pintura, a arquitetura e escultura.

Neste último entendimento, cultura é o jeito de ser construído pelo ser humano, durante os milhões de anos que está sobre a terra. Significa jeito de morar, de dançar, de viver, de cuidar da saúde e de se divertir. Por todo lugar que passa, o ser humano deixa suas marcas, seus gestos, suas crenças e seus costumes, ou seja, a sua cultura.

## 2 E será que todas as pessoas são cultas?

A diversidade de saberes que as pessoas têm faz com que elas colaborem para as mudanças que ocorrem na sociedade.

Pensando nisso é que afirmamos que a cultura é uma das principais características humanas, pois somente o ser humano tem a capacidade de desenvolver culturas, distinguindo-se, dessa forma, de outros seres como os vegetais e outros animais. São elementos culturais: as artes, as ciências, os costumes, os sistemas sociais, as leis, as religiões e as crenças, os esportes, os mitos, os valores morais e éticos, os comportamentos, as preferências, as invenções e todas as maneiras de ser, sentir, pensar e agir das pessoas.

Com esta compreensão de cultura, vamos ver que ela diz respeito à humanidade como um todo, mas, ao mesmo tempo, a cada povo em particular, pelas suas diferenças e especificidades construídas ao longo da vida, as quais devem ser respeitadas e cultivadas. São, justamente, as diferenças que caracterizam os povos, a riqueza de suas manifestações e de sua vida.

Por isso que ter cultura não é ser letrado, ou ter curso universitário. Cultura é o resultado da ação das pessoas sobre a realidade, transformando-a e deixando aí a sua marca. Há, assim, a cultura de destruir a natureza, de fazer queimadas, de jogar lixo por todos os lados. Mas, podemos ter a cultura de querer bem à natureza, de cuidar dos rios, das águas, das plantas e de cuidar do mundo. No semiárido, há a cultura de combate à seca, com toda destruição que ela trouxe para a população, e há a cultura de convivência com o semiárido, que expressa um gostar deste espaço de vida e lutar por sua viabilidade.

Muita gente tem a cultura de dizer que o que é bom está na cidade e que para ser alguém é preciso sair do campo. Outros têm a cultura de valorizar e viabilizar o local onde vivem e querer bem a ele.

Podemos afirmar, assim, que todas as pessoas possuem cultura: os/as universitários/as, os/as agricultores/as, os/as professores/as, os/as mecânicos/as, as lavadeiras, as domésticas, os/as vaqueiros/as. Cada um/a tem um saber próprio que só eles/as sabem. É o jeito de ser, de trabalhar, de viver e de produzir de um povo.

### 3 Herança e diversidade cultural

Você sabia que ninguém produz cultura sozinho? A cultura possui um caráter social e se refere sempre a um grupo do qual o indivíduo faz parte e não há cultura produzida por um indivíduo isoladamente. Ela não é inata e permite que as pessoas aprendam habilidades e valores que perpassam de geração a geração. E sendo assim, ela precisa de uma linguagem e de um instrumento de comunicação.

A cultura mantém os indivíduos unidos em torno de determinados ideais, que são socialmente constituídos, seja entre indígenas, camponeses/as, quilombolas, grupos religiosos e outros grupos sociais.

No Brasil e na nossa região, é muito importante analisar, com calma e profundidade, o conceito de cultura, pois vivemos em um país de diversidades e de muitos saberes e a formação cultural brasileira tem raízes nos diversos povos que, com suas respectivas culturas, formam o povo brasileiro.

Pensando nisso, vamos fazer uma rápida retomada da história da cultura brasileira, para podermos conhecer melhor a diversidade da nossa cultura.

Você já percebeu que a cultura brasileira se apresenta como o resultado de uma influência, tranquila e pacífica, de várias culturas e povos entre si, que no decorrer da história, povoaram e povoam o território brasileiro, formando assim uma cultura múltipla, que incorpora elementos dos mais variados? Assim é que, constantemente, se destaca que a cultura brasileira é resultante de europeus, índios, africanos, asiáticos, árabes e outros, processo esse tranquilo e respeitoso de construção.

#### Diversidade indígena na Bahia!

Segundo o INCRA, no Estado da Bahia temos 10 nações indígenas, cada uma com sua cultura e identidade:

- Os **Kiriris** são 1.247 e vivem nos municípios de Banzaê e Muquem do São Francisco;

- Os **Tuxás** são 1.300 e vivem nos municípios Rodelas e Ibotirama;

- Os **Pankararés, Kantaruré e Xucuru** são 2.526 e vivem nos municípios de Glória;

- Os **Pankurus** são 61 e vivem na Serra do Ramalho;

- Os **Pataxós** são 5.526 e vivem nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Tamaraju e Prado;

- Os **Pataxós Há Há Hae** são 1.857 e vivem nos municípios de Pau Brasil, Camacam, Itaju e Camamu;

- Os **Tupinambás** são 1.500 e vivem no município de Ilhéus.



Essa, no entanto, não é a realidade da cultura brasileira. No passado e ainda hoje, existiram e existem imposições de culturas sobre outras, com ações violentas de povos contra povos. Basta para isso que recorramos a elementos da história contemporânea e da colonização, para identificarmos os massacres de índios e negros e a imposição de costumes, religião e modos de ver e viver dos portugueses e outros povos.

Nos dias atuais, este processo não deixou de acontecer, mesmo que camuflado, vestido de outros formatos, mas, da mesma forma, buscando impedir o reconhecimento e a valorização de processos culturais diferentes daqueles hegemônicos.

Dentre os diversos povos que formaram o Brasil, os europeus exerceram grande influência na cultura brasileira, principalmente, os de origem portuguesa, que para terem uma hegemonia, oprimiram outras culturas, a exemplo dos indígenas e negros. E com essa herança, a cultura brasileira tem a língua portuguesa, a religião católica, crença da maioria da população, trazida pelos portugueses, que deixaram para o Brasil o calendário religioso com festas e procissões, como também o carnaval e as festas juninas. Na culinária, temos muitos pratos típicos resultados das adaptações dos portugueses e os de origem africana dos/as escravos/as e dos indígenas. Com a colonização do território brasileiro pelos europeus, houve destruição de grande parte dos povos indígenas, através de guerras e escravidão. A cultura indígena foi parcialmente eliminada pela ação das catequeses e pela mistura de muitas etnias.

Poucas nações indígenas ainda existem e conseguem manter suas culturas originais, falar sua língua, realizar suas festas, transmitir sua sabedoria para as gerações mais novas. Mas isso não aconteceu tranquilamente e sim, através de uma resistência extraordinária diante da existência de muita repressão. O resultado desse processo, em muitos casos, foi a perda da identidade indígena, preferindo uma identificação como caboclos/as, ou sertanejos/as, para poderem fugir da repressão e opressão cultural. Mesmo com tanta repressão à cultura e modos de expressão, os conhecimentos dos indígenas influenciaram na língua, na culinária, nas atividades tradicionais, no uso de objetos caseiros e nos nomes das plantas, entre outros processos.

Não é diferente a história das populações de ascendência negra, cujos rituais, manifestações artísticas e religiosas foram, durante séculos, perseguidas e criminalizadas pelo Estado e ainda hoje sofrem com o preconceito e a discriminação.

A cultura africana chegou ao Brasil com os povos africanos, durante o período do tráfico negreiro. A cultura africana também foi oprimida pelos europeus. Os negros eram forçosamente batizados, aprendiam o português e eram obrigados a se converter ao catolicismo.

Apesar das imposições, da força bruta que buscava aniquilar a cultura africana, havia e ainda há, do outro lado, a luta, a resistência, a permanência de seus processos em diversos aspectos: a dança, a música com os ritmos, os gêneros e os instrumentos musicais (berimbau, afoxé e agogô), na religião com a criação do candomblé (religião afro-brasileira baseada no culto dos orixás) e na culinária, em que eles introduziram o azeite-de-dendê, utilizado em vários pratos africanos, como o vatapá, o caruru e o acarajé.

Hoje, indígenas e negros/as de vários lugares se organizam e criam processos de valorização de sua vida e seu modo de ser, conquistando espaços como conteúdos oficiais nas escolas, Secretarias e Ministérios de Igualdade Racial e outros. Segundo o CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, devido à luta dos povos indígenas e negros/as, hoje eles têm o reconhecimento como populações livres e sujeitos de direitos, as chamadas “Populações Tradicionais”, que possuem organização e costumes próprios.

Percebemos, assim, que a cultura possui um caráter social e, acreditando nisso, vemos a importância de lutar coletivamente contra as imposições, os preconceitos, as discriminações, que ainda existem contra os diversos povos.

## Nesse contexto, qual o papel da escola?

### 4 Vamos conhecer um pouco mais a diversidade da cultura baiana?

Assim como a cultura brasileira, a rica cultura baiana também foi constituída através da mistura, da inter-relação e do conflito entre os povos que habitaram a Bahia. A cultura da Bahia é diversificada. Desde o recôncavo até o sertão, encontramos uma diversidade de manifestações culturais, de saberes, de habilidades e de valores do seu povo. Assim, existe também na Bahia uma diversidade de artistas, poetas, músicos/as, cantores/as, escritores/as, sambadores/as, repentistas, trovadores/as, escultores/as, contadores/as de casos e as cirandeiros.

Entretanto, há um ponto a se destacar: a coragem e força do povo africano, que foi escravizado no Brasil e lutou para preservar sua cultura e ancestralidade, enfrentando a imposição européia. Mesmo com a predominância do catolicismo, os negros cultuavam os santos e usavam referências nominais trazidas das suas religiões. Esses elementos estão presentes em toda a Bahia, no entanto é em Salvador e no Recôncavo, que a religiosidade do candomblé tem sua expressão maior. O Olodum, o Ilê Ayê, o Malê de Balê, o Araketu, dentre outros, são grupos artísticos que têm sólidas raízes no candomblé e vêm lutando para a afirmação do/a negro/a e preservação e valorização da cultura afro-brasileira, através de suas ações comunitárias.

A culinária também é diversa e possui fortes elementos de influência africana e indígena como o vatapá, a maniçoba, a moqueca de dendê, o caruru, o beiju, o milho, a mandioca, o camarão seco, a pimenta malagueta e outros condimentos.

Essa diversidade torna o nosso Estado rico em expressões culturais, costumes, crenças e jeitos de ser diferente, mas com muitas outras coisas em comum. Uma delas é o desejo de continuarmos diversos, mas lutando contra a discriminação racial, a desigualdade social e buscando uma sociedade mais igualitária.

### 5 Cultura e Arte no Semiárido

No semiárido baiano existem muitos elementos da cultura que merecem destaque: o samba, as cantigas de roda, os/as contadores/as de caso, os/as cantores/as locais, os/as violeiros/as, os festejos juninos, a missa de vaqueiro/a e os cordéis. As comidas também expressam e traduzem uma variedade e riquezas impressionantes: o beiju de tapioca, a carne de sol, o cuscuz, a farinha de mandioca, a canjica, o milho cozido, a feijoada, a carne de bode e outras. No mundo religioso predomina o catolicismo, mas ele é muito plural.

#### Resistência e luta dos Quilombos!

Os Quilombos foram, no passado, locais de refúgio e resistência dos/as escravos/as, em sua maioria afrodescendentes. O quilombo mais famoso na História do Brasil foi o de Palmares, em Alagoas. Pesquise mais sobre o quilombo de Palmares e seu líder Zumbi dos Palmares, eles são símbolos da luta pela liberdade na história do nosso país. Segundo os registros, existem quilombos nos seguintes Estados brasileiros: Pernambuco, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo.

#### Manifestações Culturais do Sertão!!!

**Samba de Roda** - Como o próprio nome diz, se caracteriza por uma roda em que as mulheres e os homens começam a sambar acompanhado/a de canto e palmas.

**Reisado** - É uma dança popular de origem portuguesa, com que se festeja a véspera e o Dia de Reis. É comemorado no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro.

**Boi Roubado** - Mutirão de trabalho coletivo que percorre a comunidade rural, misturando o trabalho agrícola, muitas músicas e danças.

No campo, os elementos da cultura e da arte são significativos para as comunidades e expressam o jeito de ser e de viver do povo do campo, como a bata de feijão, o boi roubado, o reisado, a fogueira no São João e outros. Na arte, que é uma forma de manifestar a cultura, destacamos os artesanatos de sisal, barro, pindoba, couro, materiais recicláveis, sementes, tecidos e outros. A maioria desses artesanatos é construída por grupos de mulheres organizadas, fortalecendo a geração de renda.

Atualmente, existem secretarias de cultura em alguns municípios baianos, como também no Estado e, no país, existe o Ministério da Cultura. O acesso à políticas de incentivo à cultura, no entanto, ainda é restrito, em se tratando das manifestações mais populares. São necessárias políticas que viabilizem o acesso e a permanência das manifestações culturais existentes no semiárido.

Nas escolas, professores/as vêm incorporando temáticas como preservação e revalorização da cultura local, abrindo espaços para as manifestações culturais das comunidades. Assim, se vem afirmando o papel essencial da educação de ressignificar a cidadania a partir da valorização e vivência cultural.

E você, professor/a, vamos pensar juntos como trabalhar a cultura e a arte no semiárido?

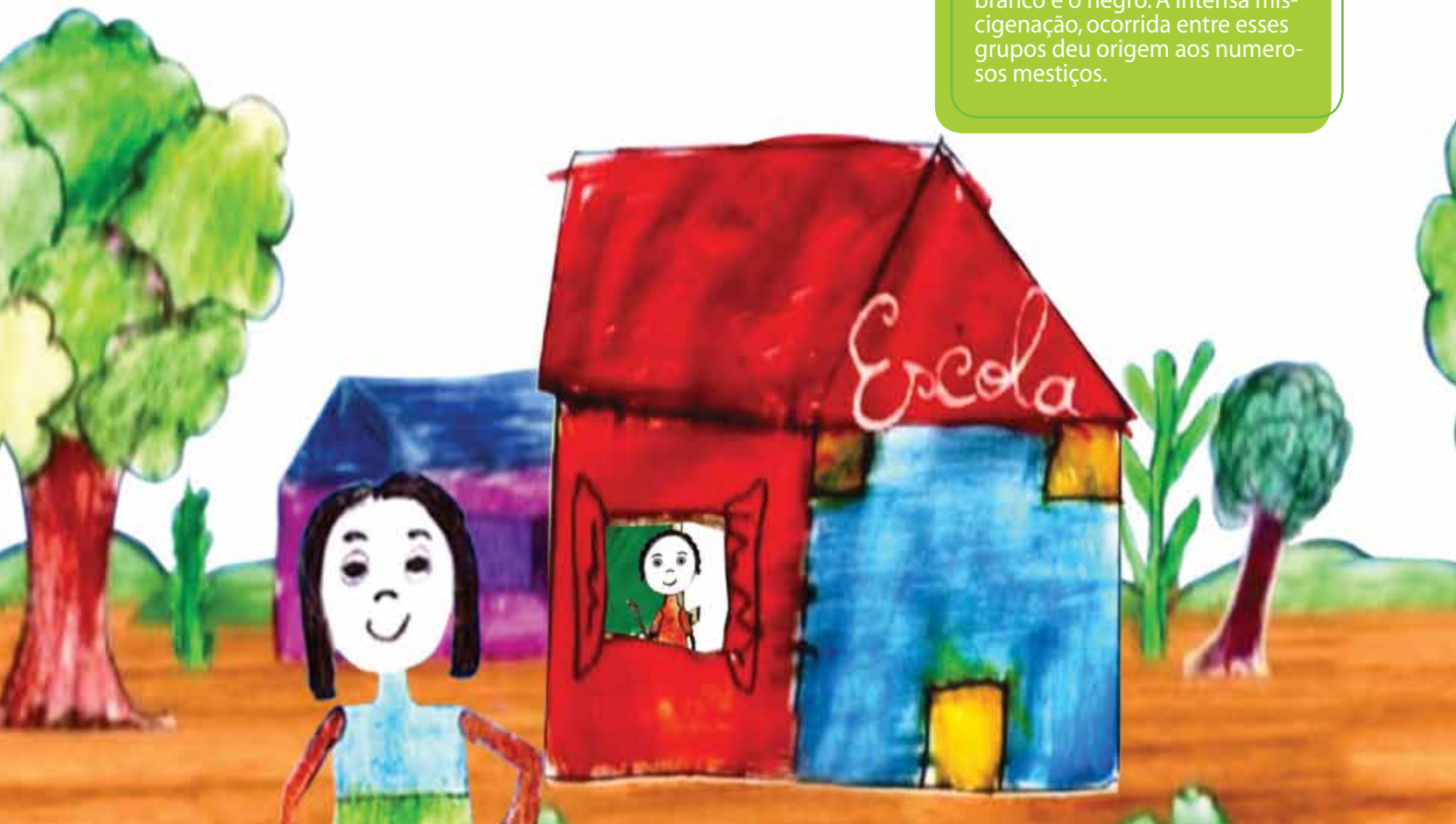
## Glossário

**Candomblé:** Religião dos negros lorubás. culto dos orixás, de origem totêmica e familiar, é uma das religiões afro-brasileiras praticadas principalmente no Brasil.

**Costumes:** Uso, hábito ou prática geralmente observada. Trajo adequado ou característico.

**Crenças:** É a certeza que se tem de alguma coisa, é uma tomada de posição em que se acredita nela até ao fim: convicção, fé, conjunto de ideias sobre alguma coisa. Atitude que admite uma coisa verdadeira.

**Miscigenação:** Significa cruzamento. A população brasileira formou-se a partir de três grupos étnicos básicos: o indígena, o branco e o negro. A intensa miscigenação, ocorrida entre esses grupos deu origem aos numerosos mestiços.



# TRABALHANDO A TEMÁTICA NO COTIDIANO DA ESCOLA

A escola deve agir como agente mediador, construindo conhecimento, contribuindo para a valorização e ressignificação da cultura local, instigando os/as educandos/as e as famílias a valorizarem os costumes e crenças da sua comunidade, contribuindo com a autoestima dos povos do campo. Deve-se trabalhar o respeito às religiões, às questões de gênero, às etnias, ao trabalho do campo e, principalmente, ao ato de aceitar o outro com suas diferenças.

## 1 Planejando e organizando conteúdos

A escola deve debater com os/as educandos/as o entendimento sobre o que é a cultura, herança e diversidade cultural, a cultura da Bahia e do semiárido, relacionando estes conteúdos com as diversas áreas do conhecimento. O/a professor/a pode contribuir para que os/as educandos/as compreendam e valorizem a cultura da sua comunidade e de outras culturas, descobrindo e estimulando as suas potencialidades artísticas.

## 2 Desenvolvendo atitudes

Ao estudar cultura e arte na escola, pretende-se que as crianças valorizem sua cultura como elemento básico de identidade. O/a professor/a e a escola podem contribuir para despertar o interesse das crianças pela sua cultura e fazer com que se sintam motivados a construir ou integrar-se a grupos de danças, de cantigas de roda, de músicas, de brincadeiras e de contadores/as de histórias. Um outro elemento é estimular os/as educandos/as a ter respeito às diferenças, às religiões, às diversidades socioculturais e políticas e o assumir da própria identidade. Essa autoestima cultural e de identidade é fundamental. Eles devem se sentir diferentes dos outros, mas não inferiores, valorizando assim a diversidade.

## 3 Avaliando a aprendizagem

A avaliação deve ser realizada de forma processual, baseada na observação do desenvolvimento cognitivo do/a educando/a, nas suas mudanças de atitudes: Como os/as educandos/as se relacionam com os outros? E com as famílias? Como tratam as pessoas mais velhas? Respeitam os gostos e as escolhas das outras pessoas? Participam das atividades culturais da escola e da comunidade? Já se assumem como pessoas do campo? Devem ser também avaliados os conteúdos curriculares como diversidade e herança cultural, entendimento dos/as educandos/as sobre cultura, cultura baiana e do semiárido.

## 4 Contribuindo com o planejamento dos passos metodológicos

### 4.1 Dicas do Conhecer

É interessante apresentar o tema Cultura e Arte com uma sensibilização através de músicas, histórias, brincadeiras, cantigas de roda, dentre outras. O passo seguinte poderia ser a realização de uma pesquisa com as crianças sobre as manifestações culturais da comunidade, brincadeiras, cantigas de roda, e outras. Conhece-se assim aspectos culturais da comunidade. Quais as manifestações culturais da comunidade? Qual a origem da comunidade? Quem são as pessoas que a criaram? Suas festas mais importantes? Como estamos falando de valorização da cultura, pode-se convidar uma pessoa mais idosa da comunidade, para falar sobre o tema, contar histórias, ou apresentar outras manifestações culturais.



## 4.2 Dicas do analisar

Este é o momento de se realizarem as reflexões a partir das respostas trazidas pelos/as educandos/as sobre as manifestações culturais existentes na comunidade, as comidas típicas, danças, costumes, poetas, escritores/as, reisados, samba de roda, contadores/as de história, brincadeiras, cantigas de roda, artesãos e outras. Refletir sobre a importância da revalorização da cultura local na vida das pessoas. É importante que os dados coletados na pesquisa estejam expostos na sala para facilitar o trabalho do analisar. A seguir, algumas sugestões de como se trabalhar o tema Cultura e Arte nas diversas áreas do conhecimento: área de linguagem, área de matemática, área das ciências naturais e área dos conhecimentos sociais, com atividades integradoras.

### a) Promover Momentos de Cantigas de Roda e Brincadeiras Populares

Com esta atividade, pode-se trabalhar a oralidade através das cantigas de roda e brincadeiras populares, promover o conhecimento das diversas cantigas de roda da comunidade, estimular o lúdico e a socialização por meio das brincadeiras locais e regionais. Com sua criatividade, você pode utilizar para trabalhar outros conteúdos:

- O/a professor/a pode refletir com os/as educandos/as a importância da revalorização dessas manifestações na vida das pessoas. Isso se pode fazer trabalhando a história das cantigas de roda e brincadeiras na comunidade, comparando as cantigas e brincadeiras antigas e atuais.
- Pode-se escrever uma das cantigas ou uma brincadeira em papel metro, faz-se a leitura da mesma, pode-se trabalhar tipos de texto, ortografia ou rimas.
- Através de uma brincadeira de roda e do número de educandos/as participantes, pode-se trabalhar as operações fundamentais e números ordinais.
- Pode-se elaborar um jornal mural sobre cultura e sobre as principais brincadeiras e cantigas de roda locais.

### b) Construir com os/as educandos/as a farmácia verde com diversas plantas medicinais

Solicitar que os/as educandos/as tragam mudas ou sementes de plantas medicinais e, ao lado da escola, ou em um terreno de uma família, construir a farmácia. É interessante dividir as responsabilidades de cuidar da mesma. Com esta atividade, pode-se refletir com os/as educandos/as sobre a importância da medicina alternativa na vida das pessoas.

- A partir da reflexão, construir um texto coletivo e daí pode-se trabalhar: ortografia, pontuação, classes gramaticais, quantidade, números ordinais, números pares e ímpares, a influência indígena na utilização das plantas.
- Em seguida, pode-se sugerir aos/às educandos/as que elaborem livrinhos de receitas de chás. Realiza-se a leitura das receitas e troca dos livros entre eles/as.

### c) Realizar um júri simulado para debater sobre a diversidade e valorização da cultura

O júri é uma atividade na qual os/as educandos/as vivenciarão em sala de aula um tribunal, em que algum tema será julgado pela turma. O/a professor/a pode dividir a turma em dois grupos. Um grupo ficará com a defesa, ou seja, coisas positivas da revalorização da cultura local, sobre as diversidades culturais da comunidade e da região; o outro grupo ficará com a acusação, ou seja, as afirmações negativas, os contrapontos argumentativos.

- Para iniciar, é preciso que cada grupo construa seu texto e argumentos de acusação e defesa. Para isso, utilize textos, revistas, entrevista à comunidade ou outras fontes como subsídio. Aqui o/a professor/a poderá trabalhar a leitura e escrita, coesão e coerência.
- Cada grupo pode convidar testemunhas da comunidade para depor.
- Com a mediação do/a professor/a, um grupo começa afirmando e o outro tem que discordar, justificando o porquê da afirmação.
- O júri pode ser finalizado com um texto sobre Cultura e Arte, contribuindo com as reflexões. A partir desse ponto, pode-se trabalhar classes gramaticais, acentuação, pontuação, fração, história da cultura local e regional, herança e diversidade cultural.

#### **d) Realizar momentos de leitura sobre cultura e arte**

Realizar momentos de leitura com revistas, jornais, livros, vídeos e outros sobre Cultura e Arte. Pode-se dividir a turma em grupos. Cada grupo ficará com um dos textos, fará a leitura e análise do mesmo, logo em seguida apresentará para os demais. Com esta atividade, pode-se trabalhar tipos de textos, a história da cultura na Bahia, dentre outros. Após realizar estudo com esta atividade, pode-se sugerir a elaboração de boletins sobre os textos, com colagens, reportagem, entrevista sobre o tema.

### **4.3 Dicas do transformar**

Este é um momento significativo, pois é a oportunidade de devolver à comunidade a produção e as reflexões da escola, sendo também um recomeço, um momento em que a comunidade tem oportunidade de discutir os problemas identificados e trazidos pela escola e conhecer as habilidades apreendidas pelos/as educandos/as sobre o tema. Pode-se:

- a) Apresentar para as famílias e comunidade os resultados da pesquisa realizada na escola;
- b) Levantar com as famílias propostas que contribuam para a revalorização da cultura da comunidade;
- c) Promover momentos com a comunidade: convidar um artista local para se apresentar, expor as artes feitas na escola e por artesãos locais, estimular a criação de grupos de cultura na escola.

## 5 Leitura prazerosa no Projeto Baú de Leitura

A fundamentação do tema Cultura e Arte pode contribuir com a reflexão dos livros do Projeto Baú de Leitura. Ao trabalhar o MOTE IDENTIDADE, deve-se refletir e trocar experiências sobre as crenças, os costumes, os valores, as expressões artísticas, trabalhando a revalorização dessas diversas manifestações, como o respeito à cultura do semiárido e às identidades pessoais. No segundo mote, MEIO AMBIENTE, pode-se trabalhar o modo de viver dos povos do campo, a revalorização e o cuidado com o meio ambiente. No terceiro mote, CIDADANIA, trabalhar a mudança de postura e de atitudes, o respeito ao outro e à diversidade cultural.

### 5.1 Sugestão Literária:

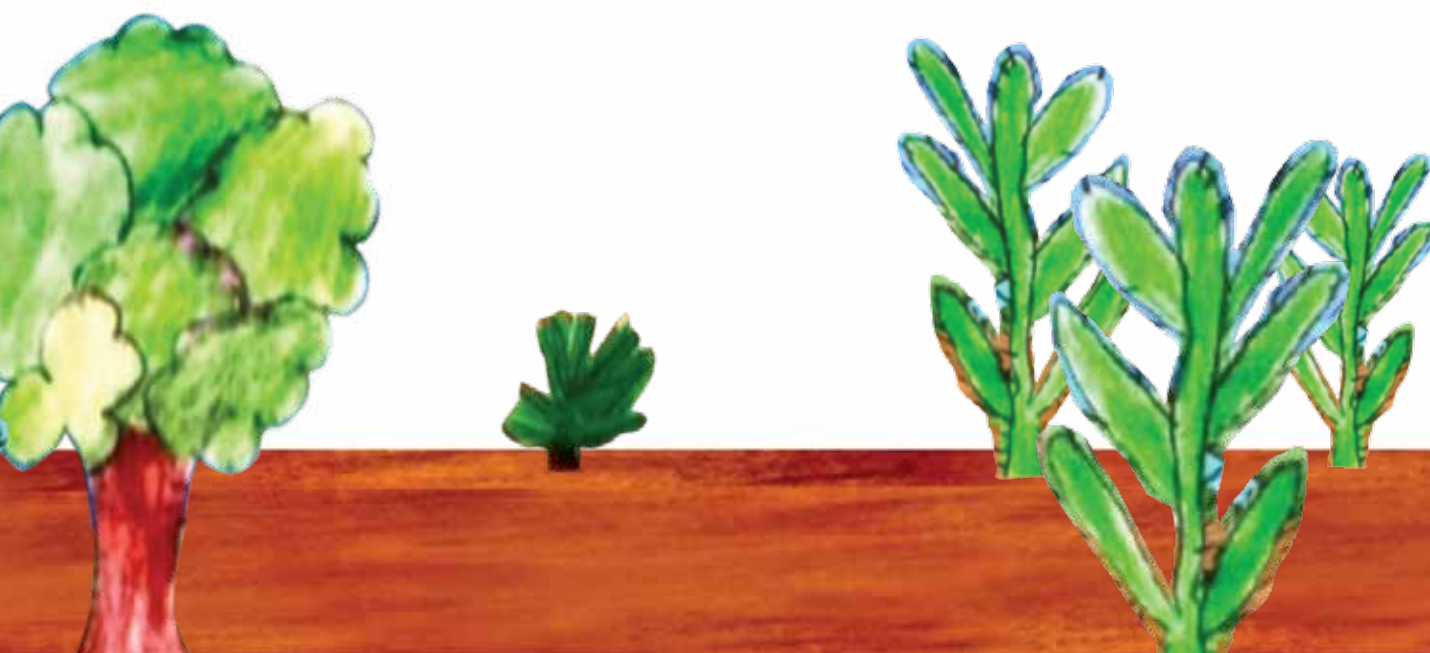
AZEVEDO, R. **Armazém do Folclore**. São Paulo: Ática, 1999.

BARBOSA, R. A. **O Rei do Mamulengo**. São Paulo: FTD, 2003.

CANTON, K. **Lendas do Amor dos Índios Brasileiros**. São Paulo: DCL, 2008.

MARTINS, G, TELLES, T. S. **Meu tataravô era Africano**. São Paulo: DCL, 2008.

SANTOS, J. R. **O Presente de Ossanha**. São Paulo: Ed. Global, 2000.





### Adolescentes resgatam a cultura local com a dança do Coco de Roda

Bruno Santiago<sup>15</sup>

*O Coco de Roda é uma dança muito bonita, que faz parte da nossa cultura, movida por gingados e com muitos movimentos. Não se sabe bem desde quando ela existe, mas dizem que, como a capoeira, ela era praticada pelos/as escravos/as nas horas de lazer. É uma dança originada dos negros, cheia de ritmo, gingado e movimentos. Nós a conhecemos através da União da Juventude Popular de Pernambuco, em um intercâmbio em Feira de Santana. Ficamos admirados e contagiados com a dança e então convidamos grupo para nos ensinar. Eles vieram, trocamos muitas experiências sobre as nossas culturas e sobre a dança do Coco de Roda, que vamos descrever como acontece.*

*Formamos um grupo de doze pares, mas aos poucos alguns saíram e restaram apenas seis pares. Na dança do Coco de Roda há os que tocam o samba, que são as cantoras, a percussionista e uma tocadora de pandeiro e os que dançam, seis pares de dançarinos. Tudo acontece com muita sintonia. Aprendemos a dançar e a primeira apresentação que realizamos foi em Lagoa Grande, município de Retirolândia. A partir dessa apresentação, fomos convidados para apresentar em vários espaços como entidades da sociedade civil, eventos e escolas. Muitos grupos culturais de outros Estados sabem dançar e é uma coisa maravilhosa, pois é uma herança cultural que temos que valorizar e preservar.*

*O nosso grupo de dança do Coco de Roda é formado por Laudécio, Bruno, Antonio Jorge, Breno, Iago, Moisés, Nailza, Taise, Tamires, Luziane, Celina, Guirlene, Nelm, Deitze, Taís, Regiane, Luciene, Ildilene, Izabela, Jucimare, Edimare, Mariclêi, Mariane, Gírlene, Rilma, Valdirene, Vânia, Janete e Ednaldo.*



<sup>15</sup> Coordenador da União da Juventude Popular de Lagoa Grande, município de Retirolândia



## REFERÊNCIAS

CALDAS, W. **Cultura**. 3ª. Ed, São Paulo: Global, 1986.

SANTOS, J. L. dos. **O Que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos: 110).

CONSEA. **Documento Final do CP5 e CP6**. Brasília: CONSEA, 2009 (mimeo).

Dê um click!



[www.brasilcultura.com.br](http://www.brasilcultura.com.br)  
[www.culturabrasil.org/](http://www.culturabrasil.org/)  
[www.culturabaiana.com.br/](http://www.culturabaiana.com.br/)  
[www.cultura.ba.gov.br/](http://www.cultura.ba.gov.br/)  
[www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br)



# Agricultura familiar e convivência com o semiárido

Vera Maria Oliveira Carneiro <sup>10</sup>

10 Técnica do Programa de Educação do Campo do MOC – Movimento de Organização Comunitária, Licenciada em História, Pós-Graduada em Desenvolvimento Rural Sustentável, com enfoque em Educação do Campo, Mestranda em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional.

*“O sertão está em toda parte.  
O Sertão é dentro da gente.  
O sertão é do tamanho  
do mundo.  
O sertão é sem lugar.”*

*Guimarães Rosa*



## INTRODUÇÃO

No início deste material didático você entrou em contato com dados e reflexões sobre o semiárido e a identidade do seu povo. Que tal aprofundarmos agora um pouco mais esta realidade? Este tema que queremos debater agora – agricultura familiar – é essencial para a educação do campo contextualizada no semiárido. Possivelmente, você já desenvolveu alguns trabalhos, alguma Ficha Pedagógica relacionada com agricultura familiar e alguns temas que serão tratados aqui. Quer o tenha feito ou não, este texto será a oportunidade para uma reflexão importante. Que tal fazer esta caminhada conosco?

Efetivamente, somos sujeitos de construção de uma educação, que deveria ter como um dos principais objetivos fortalecer a Agricultura Familiar e a Convivência com o Semiárido. Infelizmente, ainda presenciamos crianças, adolescentes e jovens afirmando que não desejam permanecer no campo e na agricultura, mas migrar para as cidades. E como a escola vem trabalhando essa questão? O que a escola insere no seu currículo a respeito da vida do campo? E o que poderia inserir? Aqui tentamos trazer alguns elementos de reflexão sobre o assunto.

A temática da Agricultura Familiar e Convivência com o Semiárido é muito ampla e a tratamos, nesta coletânea, em dois textos: de um lado este que você está lendo/estudando e, de outro, aquele denominado de Práticas Agroecológicas. Naturalmente, os assuntos se inter-relacionam.

Como você já sabe, ao analisar, no ambiente escolar, a questão da Agricultura Familiar na perspectiva da convivência com o semiárido, devemos ter como objetivos a valorização da vida no campo, a luta pela terra, a cultura, o jeito de ser, produzir e reproduzir e, principalmente, a importância da agricultura na vida das pessoas e para a continuidade da vida do campo.

Mas, qual é o campo a que estamos nos referindo? Referimo-nos ao campo como um lugar de pessoas, de vida, de produção, de cultura, de alegria, de fartura, de conquistas, de celebrações e de vida coletiva. Um espaço onde há conflitos, lutas por terra, por água, por crédito, por políticas públicas, para que continue a existir e garantir qualidade de vida à sua população.

Esperamos e desejamos que este texto venha, de alguma forma, contribuir no desenvolvimento de suas atividades e, em especial, no trabalho em sala de aula e na comunidade onde a escola está inserida.

## CONTEXTUALIZANDO E REAFIRMANDO VALORES

### 1 Conhecendo e problematizando: o que é agricultura familiar/camponesa:

Com certeza, você consegue diferenciar agricultura familiar da agricultura patronal. Mas, nunca é demais aprofundar determinados conceitos e, por isso, queremos lembrar um pouco alguns aspectos desta temática. A agricultura familiar é aquela em que o trabalho é desenvolvido no âmbito da família e esta é responsável pela produção e comercialização, sendo que a maior parte dessa produção fica para a segurança alimentar e nutricional da própria família. É diferente da agricultura patronal dos/as grandes fazendeiros/as, dos/as latifundiários/as e do agronegócio, na qual há a exploração da mão de obra, há trabalho assalariado e o resultado da produção não fica para quem produziu. Esta se destina a ser comercializada, muitas vezes exportada e gerar lucros para os/as proprietários/as.

Outra diferença consiste em que a agricultura familiar/camponesa é diversificada, cultivando sempre vários produtos e criando diversos animais. Essa é uma marca forte da agricultura familiar. Enquanto isso, a agricultura patronal se baseia na monocultura, na produção em larga escala, geralmente, de um único produto tipo: soja, algodão, milho, arroz, etc.

Além disso, é a agricultura familiar que produz a maior parte do alimento que chega à nossa mesa todos os dias, e em sua maioria, permanece no país, alimentando a população. A produção da agricultura patronal geralmente vai para exportação, é o que chamamos de agronegócio. Os/as donos/as do agronegócio estão, na maioria das vezes, preocupados apenas com seus lucros e não têm cuidado com o meio ambiente, frequentemente usam agrotóxicos, não cuidam bem da natureza e até mesmo a depredam. Já a agricultura familiar, em geral, está vinculada a uma melhor relação com a terra, com o cuidado, com a produção de alimentos saudáveis, embora haja agricultores/as familiares que também utilizam agrotóxicos e depredam a natureza.

O agronegócio está relacionado ao modelo de desenvolvimento que privilegia a industrialização, a chamada “modernização”, utilizando grandes máquinas, explorando os trabalhadores e concentrando os resultados e os lucros. Na agricultura familiar, há mais emprego da mão de obra e maior divisão dos resultados do trabalho. Como ressalta a EMBRAPA<sup>11</sup>, na agricultura patronal se emprega uma pessoa a cada 60 hectares, enquanto na familiar se emprega uma pessoa a cada 9 hectares.

Vamos pensar? A seguir, apresentamos alguns dados sobre a Agricultura Familiar. Eles comprovam e explicitam as reflexões que fizemos acima e nos ajudam a entender mais a Agricultura Familiar.

### Você sabia?

Dados da EMBRAPA afirmam que a agricultura familiar, no Brasil, “reúne hoje, segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), cerca de 14 milhões de pessoas (60% do total da agricultura) e detém 75% dos estabelecimentos agrícolas do País, com 25% das terras cultivadas, sendo responsável por 35% de todo o volume de produção agrícola nacional. A agricultura familiar tem grande capacidade de gerar empregos e distribuir renda. Enquanto a agricultura empresarial emprega uma pessoa a cada 60 hectares, ela necessita de apenas nove hectares para gerar o mesmo emprego”.

O último Censo Agropecuário, 2006, nos oferece, entre outros, os seguintes dados:

- a) A Agricultura Familiar constitui-se de 84,5% dos estabelecimentos agrícolas brasileiros, ocupando uma área de 80,25 milhões de hectares, correspondendo a 24,5% da área ocupada por todos os estabelecimentos.
- b) Enquanto isso, a Agricultura Patronal tem 15,6% dos estabelecimentos e ocupa 75,7% da área.
- c) Um estabelecimento da Agricultura Familiar tem, em média, 18,37 hectares – no semiárido tem 13 hectares – enquanto aquele da agricultura patronal tem 309,18 hectares e no Nordeste 177 hectares.

<sup>11</sup> A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, instituto do Ministério da Agricultura.



O que isso nos mostra? De um lado, a importância da Agricultura Familiar no Brasil. De outro, a concentração de terra, nas mãos dos grandes proprietários. Essa concentração, inclusive, é uma das causas da fome, da insegurança alimentar que existe no Brasil, especialmente, na área rural e no semiárido. O Censo de 2006, além disso, nos oferece mais outros dados interessantes. Mesmo atuando em apenas 24,5% da área agricultável ocupada no país, a Agricultura Familiar é responsável por quase 70% dos alimentos que estão na mesa dos brasileiros e brasileiras. Veja o quadro a seguir, que demonstra o quanto de alimentos a Agricultura Familiar produz.

<b>Produtos</b>	<b>Produção da Agricultura Familiar (%)</b>
-----------------	---

Mandioca	87%
Feijão	70%
Milho	46%
Café	38%
Arroz	34%
Leite	58%
Pantel de Suínos	59%
Aves	56%
Bovinos	30%
Trigo	20%

**Fonte: Censo, 2006**

Esses dados nos mostram que se quisermos um país e uma região com segurança alimentar para a população, teremos que investir, cada vez mais, no apoio à agricultura familiar. Além disso, a Agricultura Familiar é quem mais ocupa pessoas, no campo brasileiro. Das pessoas ocupadas na agricultura no Brasil, 12,3 milhões estão atuando na agricultura familiar e 4,2 milhões na agricultura patronal. Podemos afirmar, também, que a agricultura familiar é quem mais produz alimentos e garante a segurança alimentar no país, é quem mais gera empregos e, por conseguinte, quem mais produz renda partilhada e não concentrada no Brasil.

No caso da agricultura familiar, ela também está mais relacionada ao manejo sustentável da caatinga, da água. Hoje, em algumas regiões, muitas práticas agroecológicas são possíveis e efetivadas, como você pode aprofundar melhor no texto Práticas Agroecológicas.



## 2 Vamos compreender um pouco mais sobre a agricultura no semiárido e o manejo da caatinga?

Bom, como já vimos nos textos anteriores, inicialmente, precisamos compreender o semiárido como lugar onde uma das principais características é o bioma da caatinga. É o espaço que chamamos de sertão, lugar que tem o clima seco e quente, com chuvas escassas. Muita gente pensa que no semiárido chove pouco. Este, porém, não é o principal problema, visto que chove uma média de 300 a 800 mm por ano. O problema mais forte reside no processo de armazenamento das águas, como você pode ver nos textos sobre Água. O armazenamento existente ainda é muito concentrador. Desse modo, surge a necessidade de se implantar um processo de convivência com o semiárido, com o manejo da caatinga, dizendo não ao desmatamento, à destruição através das queimadas, assumindo práticas agroecológicas, plantando vegetação adaptada à região e não estranha, cuidando e preservando. É fundamental criar alternativas democráticas de armazenamento e distribuição das águas e da terra. Além disso, ao contrário do que algumas pessoas pensam, pode-se plantar na caatinga sem precisar desmatá-la, ou seja, fazer o manejo sustentável.

Vários produtos da agricultura familiar são resistentes ao clima semiárido: milho, sisal, mandioca, umbu, cajá, manga, caju, dentre outros; além de vários animais de criação para economia familiar, como: cabra, carneiro, galinha caipira, dentre outros. Assim, para criação desses animais e produção de alimentos, não precisa desmatar. Se a caatinga é desmatada, prejudica ainda mais o solo e o meio ambiente, aquecendo mais o clima, matando os rios e riachos, tirando o habitat natural dos animais, além de outros prejuízos.

Pesquisadores/as e organizações da sociedade civil, nos dias atuais, vêm se preocupando com o cuidado no manejo da caatinga, para que nosso sertão não se transforme num deserto, destruindo a flora e a fauna. Tais organizações vêm demonstrando, juntamente com muitos/as agricultores/as experimentadores/as, através de assistência técnica de convivência com o semiárido que, apesar da pouca terra que os/as agricultores/as familiares possuem, é possível produzir sem destruir o meio.

E então? Pois é, você sabe que a escola também pode contribuir na pesquisa e produção de conhecimentos novos para o manejo da caatinga, cuidado com a terra e para o fortalecimento da agricultura familiar. Vamos, então, fortalecer esta idéia?

## 3 Agricultura familiar, políticas públicas e desenvolvimento sustentável

No nosso país, aproximadamente, 32 milhões de pessoas vivem no campo. O modelo de desenvolvimento adotado durante décadas, que se intensificou a partir de 1950 com a industrialização do Brasil, não se preocupava com o desenvolvimento das pessoas, pois estava voltado prioritariamente para conseguir o crescimento econômico. Sendo assim, os investimentos foram mais concentrados nas cidades, em detrimento da área rural.

A ideia de que desenvolvimento era sinônimo de crescimento econômico e progresso permaneceu durante décadas no nosso país. Por isso, o campo se tornou espaço onde não havia políticas adequadas e onde havia violações de direitos, porque se entendia o campo como “lugar de atraso” e que o bom era as pessoas migrarem para as cidades.

Como podemos perceber, historicamente, as políticas públicas para “desenvolver” o Nordeste brasileiro foram pensadas de “cima para baixo”, a exemplo da criação da SUDENE<sup>12</sup>, que tinha a concepção de que só se gerava desen-

12 SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste foi criada em 1959, no governo do Presidente Juscelino Kubistchek.

volvimento com a industrialização. Alguns estudos de pesquisadores indicam, ao analisar essa realidade, que o investimento, preponderadamente, na industrialização até gera certo crescimento econômico, mas não gera um desenvolvimento sustentável. Um estudo realizado por Lima Júnior e Rodrigues (2002, p.12) constatou que, apesar da SUDENE contribuir para o crescimento econômico do Nordeste, pouco contribuiu para o desenvolvimento de sua população. Se observarmos os índices de desenvolvimento humano, como: educação, saúde, acesso a esportes, lazer, dentre outros fatores, constatamos que eles permaneceram sem grandes modificações. Efetivamente, precisa-se entender que para o desenvolvimento de uma região não basta pensar no econômico. É necessário também pensar um desenvolvimento “de baixo para cima”, pensar nas necessidades e interesses da população local, ouvir, incentivar a participação e superar as questões e problemas que impedem uma melhoria de vida das pessoas.

Pensando num desenvolvimento não apenas econômico, mas integral, entendemos que se leve em consideração, por exemplo, as seguintes dimensões: sustentabilidade social – distribuição de renda e de bens; sustentabilidade ecológica – preocupação com as formas de intervir no meio ambiente e a utilização dos recursos naturais; sustentabilidade espacial – baseada no equilíbrio rural-urbano e evitar espaços de hiperurbanização, ou seja, o inchaço das cidades como verificamos nos grandes centros do nosso país e a desertificação do campo; sustentabilidade cultural – respeitar e estimular as diferenças, os valores e saberes locais de cada população. Enfim, devemos pensar em um desenvolvimento que aproveite as potencialidades que já existem na região e que os recursos e as políticas, programas e projetos sirvam para impulsionar esses elementos e gerar, de fato, um desenvolvimento sustentável.

No processo de elaboração de políticas públicas de desenvolvimento sustentável, em especial de um desenvolvimento da nossa região do semiárido, deve-se levar em consideração essas questões, assim como o diálogo permanente e a participação das comunidades locais.

E como a escola pode contribuir com isso? A escola pode contribuir para mudar essa lógica de desenvolvimento. O papel-chave e essencial da escola é contribuir para construir um novo projeto de desenvolvimento a partir do desenvolvimento do campo. Na escola, assim, é importante que façamos debates com os educandos e educandas sobre a importância da agricultura familiar no desenvolvimento integral do país e de nossos territórios e estimulemos a autoestima dos/as educandos/as, por pertencerem à agricultura familiar no semiárido.



## 4 Agricultura familiar, crédito, terra e reforma agrária

Sabemos que, para as famílias produzirem e obterem resultados, elas precisam de terra, condições de trabalho, crédito, assistência técnica adequada, condições climáticas, solo fértil e tecnologias apropriadas.

Geralmente, os módulos de terra dos/as agricultores/as familiares do semiárido variam entre 5 a 70 hectares. A distribuição de terra, efetivamente, para produção ainda é uma questão não resolvida no país, em especial no semiárido. Vimos isso com clareza nos dados do Censo Agropecuário de 2006, debatidos no tópico anterior.

Desse modo, no país como um todo, mais especialmente no semiárido, para inverter a lógica de desenvolvimento, há a necessidade de uma Reforma Agrária ampla no país. Há muitos/as agricultores/as com pouca terra, outros/as milhares sem terra para plantar, para morar e para viver.

Na condição de professores/as do campo que somos, precisamos compreender e debater com os/as educandos/as que a distribuição de terra no nosso país tem a ver com o processo histórico de colonização e de exploração, daí a concentração de terras.

Assim, se olharmos por um lado a distribuição de terras e, de outro, os resultados apresentados pela Agricultura Familiar em termos de renda, de distribuição de riquezas e de produção de alimentos para o país, vemos o grande significado da mesma para o país, mesmo não sendo ela valorizada o quanto deveria ser.

Isso nos remete ao entendimento de que investir no campo, na agricultura familiar, contribui para construção de outro desenvolvimento do país, mais sustentável e mais justo. Nesse sentido, é importante a escola conhecer e debater algumas políticas existentes para a agricultura familiar, para difundi-las e aprofundá-las.

Inicialmente, porém, é importante debater e fazer com que as crianças entendam que essas políticas, hoje oficiais e que muito contribuem para o desenvolvimento da agricultura familiar e da região, não nasceram apenas da boa vontade e iniciativa dos governos. Nasceram, sim, das reivindicações de muitos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, que pressionaram, dialogaram e construíram, juntamente com o governo, estas mesmas propostas.

Vamos ver algumas delas, sobre as quais é importante conversar com os educandos/as, para que eles e elas entendam os processos sociais e possam analisar se acontecem ou não em seus territórios e se suas famílias estão ou não envolvidas nessas propostas:

- a) Abril Vermelho – Mobilização dos sem terra em busca da reforma agrária.
- b) Grito da Terra Brasil – Mobilização coordenada pela CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) sobre terra, crédito, assistência técnica, previdência rural e muitos outros direitos dos/as agricultores/as familiares.
- c) Movimentos Coordenados pela FETRAF (Federação dos/as Trabalhadores/as na Agricultura Familiar) sobre crédito, terra, assistência técnica e outros direitos dos/as agricultores/as familiares.
- d) Marcha das Margaridas – Movimento das mulheres trabalhadoras rurais sobre seus direitos.
- e) Movimentos dos indígenas, quilombolas, povos de terreiro, ribeirinhos e de povos tradicionais na busca de fazer valer seus direitos



Esse conjunto de movimentos, junto às Organizações Não Governamentais e da sociedade civil tem pautado o governo, constantemente, sobre o desenvolvimento da Agricultura Familiar no Brasil.

Vamos ver concretamente algumas políticas que hoje estão em atuação no Brasil e que apoiam a Agricultura Familiar:

- a) PRONAF – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar, criado por pressão dos movimentos sociais em 1996 e que financia projetos individuais e coletivos de agricultores/as familiares e assentados/as da Reforma Agrária, assim como a assistência técnica aos/às agricultores/as familiares. A partir de 2003, realizaram grandes mudanças, depois passou de 2,5 bilhões anuais de crédito para 15 bilhões em 2010; passou a ter várias modalidades de crédito como: PRONAF Jovem, PRONAF Mulher, PRONAF Semiárido, PRONAF Agroecologia e outros.
- b) LEI DE ATER – Lei da assistência técnica, que vislumbra uma assistência técnica sistemática e de qualidade para toda a Agricultura Familiar no Brasil; as “Chamadas Públicas” para contratar as organizações e os estados tiveram início em outubro de 2010.
- c) SEGURO SAFRA – Busca contribuir com os agricultores e as agricultoras do semiárido, que perderam metade de sua safra e, para isso, precisam aderir ao seguro safra, antes do plantio.
- d) PAA – Programa de Aquisição de Alimentos, que busca formar estoques de alimentos em órgãos governamentais, principalmente, na CONAB (Companhia Baiana de Abastecimento) para situações de emergências e para serem distribuídos às populações que vivem em situação de insegurança alimentar. O PPA adquire os produtos a preços compatíveis nas mãos das famílias agricultoras, através de suas organizações, evitando o atravessador, ao qual o/a agricultor/a vende seus produtos a preços mais baixos. O PAA tem como um dos objetivos a aquisição dos produtos oriundos da agricultura familiar, com melhores preços, com assistência técnica, oportunizando geração de renda para as famílias agricultoras, as quais podem planejar melhor sua produção com maior perspectiva de que poderá ser melhor comercializada. Assim, o PPA traz uma contribuição para o combate à fome, distribuição de renda e preservação ambiental.
- e) PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar, criado através da Lei 11.947, a qual determina que pelo menos 30% dos recursos destinados à alimentação escolar, que são transferidos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), sejam destinados para compra dos produtos da agricultura familiar. Busca contribuir para uma alimentação mais saudável e para segurança alimentar e nutricional das crianças e para a sustentabilidade da agricultura familiar. Este programa também contribui para melhoria da renda das famílias das crianças, adolescentes e jovens que freqüentam escolas do campo.

Além desses Programas, existem outros como o P1MC que você pode estudar no texto de ÁGUA deste material, e vários outros.

Assim, você pode desenvolver atividades na escola voltadas para o desenvolvimento sustentável. Um exemplo seria pesquisar com os educandos/as sobre este tema e conhecer em sua comunidade se os/as agricultores/as tiveram acesso a esses programas e políticas, assim como o que eles fazem e, igualmente, identificar agricultores/as que poderiam ter tido acesso e não tiveram. A escola pode desenvolver várias pesquisas nesse sentido e, na seqüência destas pesquisas, pode debater com os/as agricultores/as familiares o acesso dos/as mesmos/as às políticas que os apoiam.

## 5 Conhecendo algumas experiências de viabilização da agricultura familiar

Você conhece alguma experiência de Economia Solidária? A Economia Solidária, como o próprio nome já diz, é uma proposta centrada na solidariedade, ao invés de centrada no lucro, conforme regem as leis do mercado. Na economia solidária o resultado é dividido, a gestão é compartilhada, as pessoas de um grupo se envolvem em todo o processo, etc.

Uma das vias de garantir a sustentabilidade da agricultura familiar é através da economia solidária, do cooperativismo e associativismo das famílias produtoras, pois para concorrer com o mercado que aí está, os/as agricultores/as isolados/as não conseguem. Quando reunidos/as em grupos de cooperativas e associações comunitárias, se fortalecem, qualificam melhor seus produtos, conseguem uma oferta em maior quantidade e se tornam mais capazes de ter acesso ao mercado, tanto o tradicional, quanto especialmente o mercado institucional (PAA, Alimentação Escolar, Hospitais, Creches, etc.).

Nos Territórios do Sisal e Bacia do Jacuípe, por exemplo, existem diversas entidades com experiências de economia solidária, a exemplo das APAEBs, ARCO Sertão, Cooperativas de Créditos, Cooperativas de Grupo de Mulheres, Cooperativas de Artesanatos, dentre outras. Isso tem contribuído para geração de trabalho e renda das famílias agricultoras, melhorando sua qualidade de vida. Você conhece algumas delas?

Existem várias organizações que trabalham com orientação e Assistência Técnica Rural – ATER. Elas contribuem para que as famílias agricultoras, de forma organizada, produzam com melhor qualidade e tenham melhores resultados e experimentem tecnologias alternas para produzir sem agredir o meio ambiente.

São diversas alternativas que a agricultura familiar pode utilizar para garantir sua sustentabilidade e do meio em que vive. No final deste texto, apresentamos uma técnica de gotejamento, que economiza água e não agride o meio ambiente, desenvolvida pelo agricultor Abelmanto, de Riachão do Jacuípe.

### Glossário

**Agrária** – relativo ao campo e a agricultura.

**Bioma** – conjunto de seres vivos numa área grande.

**Patronal** – referente a patrão.

**Sisal** – planta agave própria do semiárido, nativa do México.

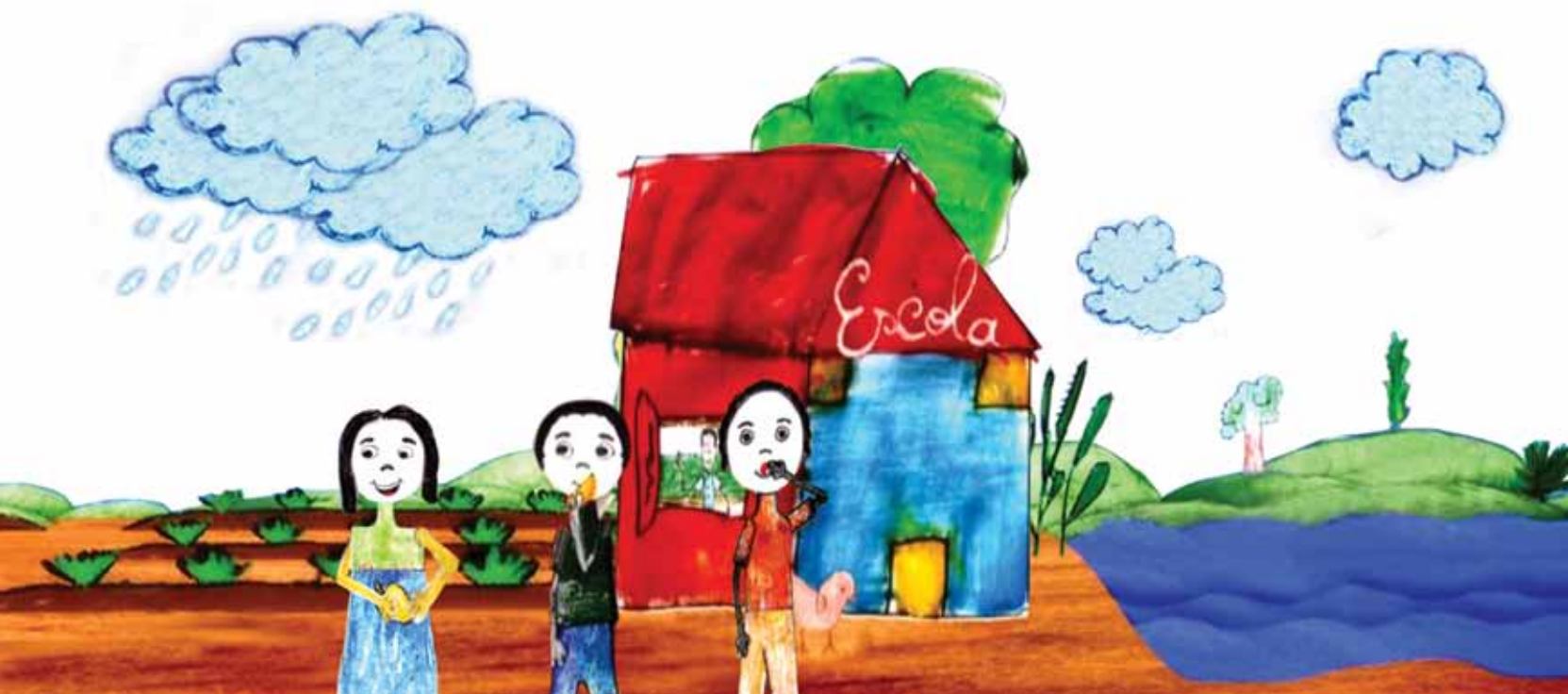
## TRABALHANDO A TEMÁTICA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Como percebemos no decorrer do texto, a temática Agricultura Familiar e Convivência com o Semiárido é a realidade e a vida das crianças, da escola do campo e suas famílias. A agricultura é elemento vital no campo. Por isso, é importante desenvolver um trabalho com a temática na escola e na comunidade, de forma animada, prazerosa, estimulando a curiosidade e a pesquisa, a experimentação, dando significado à aprendizagem.

Na escola, é possível, por exemplo, através de uma pesquisa, conhecer a vida da comunidade, a produção, o cuidado com a terra, construir conhecimentos para melhorar a realidade, problematizando – trazendo questões para reflexão, a exemplo da pouca terra para famílias produzirem, da existência de movimentos sociais no território e no município, da participação das famílias da comunidade nos mesmos, da ausência de políticas públicas para agricultura familiar, de quais políticas já se fazem presentes no território/comunidade e como fazer para ampliar esta participação. As informações podem ser trabalhadas tanto na sala de aula, quanto com a família e a comunidade, demonstrando sempre a importância das pessoas do campo, da agricultura familiar para a vida de outras pessoas, para o município e o país. Há muita riqueza ao se trabalhar com essa questão e todos os conteúdos curriculares podem perpassar por essa temática. Vamos ver um pouco mais sobre a caminhada?

### 1 Planejando e organizando conteúdos

Você já leu e compreendeu o texto sobre Metodologia, no início deste Caderno Pedagógico e, assim, já domina o processo. Agora, conforme a referida metodologia, a partir da temática Agricultura Familiar, você pode planejar sua ação, ampliando com outros textos e estimulando os/as educandos/as a aprenderem mais e construir novos conhecimentos sobre o seu meio, a identidade de pessoas que vivem no e do campo. Importa aprender sobre clima, solo, vegetação, fauna, flora da caatinga, o valor da agricultura familiar no contexto nacional, partindo do local – da pesquisa – relacionando com o país, relacionando com seu papel de sujeito social e que, a partir da sala de aula, contribui para o desenvolvimento sustentável no país.



Diversos conteúdos curriculares das várias áreas de conhecimentos: linguagens, ciências exatas, agrárias, da natureza, e da vida das pessoas, podem ser trabalhados a partir dessa temática. Você, professor/a, já sabe que um conteúdo de uma área pode conter elementos de outras; isto é a interdisciplinaridade. Por exemplo, ao escrever ou ler um texto sobre os nutrientes que as frutas contêm, ou ao debater sobre verduras e hortaliças, ou seja, ao trabalhar ciências naturais, este mesmo texto pode ser utilizado na área de linguagens, de matemática, e assim pode acontecer com os textos de história e geografia.

Outro elemento importante no planejamento do seu trabalho é sempre lembrar que a criança e o adolescente são pessoas em desenvolvimento. Desse modo, as atividades físicas, esportivas, artísticas, lúdicas são fundamentais e contribuem para o aprendizado e melhor coordenação psicossocial e motora, além de se constituírem em momentos de sociabilidade, de interação com outros. Ao planejarmos as atividades educativas, sempre devemos lembrar que crianças e adolescentes precisam e têm direito ao lúdico, à brincadeira, tão essencial na infância. As atividades físicas e esportivas devem ser bem orientadas e planejadas ao ar livre, explorando também elementos da natureza, de localização, de espaço, dentre outros.

Assim, aproveite a temática para explorar espaços da natureza, as árvores, como umbuzeiros, juazeiros, cajueiros, dentre outras comuns ao semiárido e à agricultura familiar.

## 2 Desenvolvendo atitudes

Já percebeu como seu trabalho é importante na vida de uma pessoa? A partir do mundo que desejamos construir, a escola pode desenvolver novas atitudes e valores. Você, professor/a, é uma pessoa muito importante e fundamental na vida de outras pessoas.

Pois é, com a temática Agricultura Familiar e Convivência com o Semiárido é possível a escola desenvolver novas atitudes através de atividades que busquem:

- a) Fortalecer a identidade de ser e de pertencer ao campo, bem como praticar a agricultura familiar e elevar a autoestima;
- b) Incentivar a família na busca de seus direitos, a partir da iniciativa de debater com a família sobre a causa de ter pouca terra, ausência de crédito e ir buscar acesso aos projetos e programas sociais;
- c) Incentivar a mudança de hábitos alimentares variados, ter cuidado para não destruir a caatinga, assumir atitudes contra as queimadas. Não optar pelo uso de agrotóxicos;
- d) Incentivar a tomada de consciência de que é preciso cuidar do meio em que se vive;
- e) Conhecer e valorizar os movimentos sociais e, na medida do possível, participar dos mesmos;
- f) Convidar representantes dos Movimentos Sociais para expor suas lutas e suas conquistas na escola.



Também se podem desenvolver valores como solidariedade, a cooperação, o cuidado com o outro, com o meio ambiente e com a própria vida. Podemos, inclusive, contribuir para uma mudança de atitude de maior valorização da identidade do campo, a partir dos aprendizados adquiridos e dos conhecimentos produzidos.

### 3 Avaliando a aprendizagem

Em nossa proposta de educação do campo, a avaliação acontece a todo momento, como busca de manter os processos e atividades no rumo dos seus objetivos. Toda atividade que os/as educandos/as desenvolverem no percurso pedagógico pode ser avaliação. A avaliação deve ser processual e sistêmica. Ou seja, avaliação de aquisição e construção de novos conhecimentos tanto curriculares, quanto não curriculares, a ampliação de saberes, dos valores e das atitudes desenvolvidas.

Conforme o texto sobre metodologia neste material didático, coerente com a função social da escola, a avaliação, ao se trabalhar a temática Agricultura Familiar e Convivência com o Semiárido, deve envolver também a família e esta deverá ser capaz de relacionar a diferença entre a agricultura familiar e patronal, saber o lugar que ocupa a agricultura familiar na alimentação do país, sua importância na vida das pessoas, distinguir o que é possível se produzir no semiárido, conhecer associações e cooperativas que existem na sua comunidade e o que elas comercializam, dentre outros elementos.

Para facilitar essa tarefa, o/a professor/a deve ter um fichário dos/as educandos/as e anotar, durante todo o trabalho com a temática, a evolução da aprendizagem e construção dos conhecimentos das crianças, assim como as atitudes assumidas. Na metodologia e concepção da educação do campo, a avaliação deve envolver o que realmente a escola produziu, o que os/as educandos/as foram capazes de inserir em suas famílias e provocar mudanças.

### 4 Contribuindo com o planejamento dos passos metodológicos

#### 4.1 Dicas do conhecer:

Você deve estar se perguntando: e agora, com tantas informações, por onde começar? Ao iniciar um trabalho com essa temática, o/a professor/a deve estimular e introduzir o debate com os/as educandos/as sobre a questão, de forma prazerosa. Pode ser com uma “contaço de história”, uma música, com perguntas, chuvas de idéias, ou outras estratégias para sensibilizar sobre a temática. Depois, sugerir a pesquisa, elaborando questões e orientando os passos a serem desenvolvidos, de forma que a realidade e a vida sejam objetos da pesquisa: se as pessoas têm terra para plantar, como cuidam da terra, o que produzem, como comercializam, dentre outras questões.

Outra sugestão é construir uma atividade integradora e, por meio dela, desenvolver elementos das diversas áreas de conhecimentos, aprofundando o passo seguinte, que é o analisar.

#### 4.2 Dicas do Analisar:

Tanto na pesquisa, quanto numa visita, agora é o momento de analisar os dados já coletados, as observações feitas, e sistematizar em sala de aula, analisando cada resultado descoberto, trabalhando elementos comparativos, provocando diálogos que estimulem o senso crítico nos educandos e educandas, fazendo reflexões sobre a produção da comunidade e relacionando estas questões com os conteúdos curriculares. É importante, desenvolver

o trabalho com a temática, de forma interdisciplinar, como por exemplo:

### **a) Visitar uma propriedade da agricultura familiar**

A visita pode ser próxima da escola. Orientar a visita, para que os educandos e educandas observem o plantio, que tipos de produtos, se a família vende ou é só para subsistência, tamanho da terra, quem trabalha na propriedade, se acessa crédito, se existe trabalho infantil, etc. Em sala de aula, buscar sistematizar, conforme dicas a seguir:

- Construir um relato e trabalhar elementos de diversas áreas do conhecimento; a partir desse relato, melhorar a produção textual, a escrita e leitura;
- Construir um desenho da área e o que tem, destacando sistemas de medidas: hectares, tarefas, módulos;
- Aprofundar conhecimentos sobre alimentação saudável, com a relação dos produtos existentes na propriedade – trabalhar natureza e saúde;
- Elaborar problemas operacionais concretos com elementos encontrados na propriedade – trabalhar as operações matemáticas;
- Construir com os educandos e educandas mapas, gráficos e tabelas, a partir do que pesquisaram na comunidade sobre a produção agrícola das famílias;
- Aprofundar e conhecer melhor a história e cultura da comunidade, relacionando com a História do Brasil e História Geral; resgatar plantas antigas existentes, os festejos na época da colheita, trazer pessoas mais idosas que sabem entoar as cantigas mais antigas na época da colheita, para contar as brincadeiras infantis que faziam quando crianças e que podem ser resgatadas, dentre outras atividades.

### **b) Visitar uma feira livre na comunidade ou no município**

Esta visita pode ser parte da pesquisa. Orientar os/as educandos/as a entrevistarem as pessoas e fazerem um relato do que perceberam: que tipos de alimentos, de onde vêm, as diferenças de preços, o lugar de onde vêm e as pessoas que estavam na feira.

- A partir da orientação e do relato produzido pela turma, trabalhar os elementos gramaticais e textuais;
- Realizar problemas operacionais com os preços, sistema monetário, unidades de medidas, compra, venda;
- Realizar gincanas, bingos, dominós educativos com os produtos da feira e elementos de raciocínio lógico;
- Ampliar os conhecimentos saindo do local para conhecimentos universais, solicitar pesquisa com dados comparativos dos tipos de alimentos produzidos na região e em outras regiões do país, destino dos alimentos, meios de transportes;
- Conhecer tipos de vitaminas existentes nos produtos da feira, saúde, higiene;

Você, professor/a, também pode fazer a “simulação de uma feira livre” na escola, solicitando que educandos/as tragam alguns produtos produzidos na família e depois trabalhem com diversos elementos, de forma interdisciplinar.

### c) Realizar um Intercâmbio com uma Cooperativa da Agricultura Familiar

Orientar sobre a diferença no processo de comercialização numa feira livre e numa cooperativa, dialogar sobre a economia solidária e orientar a atividade, como por exemplo:

- Observar os produtos existentes, de onde vêm e como são comercializados e relacionar como são os rótulos, fazendo anotações dos elementos que mais chamaram a atenção;
- Realizar um relato sobre o que observaram e trabalhar elementos textuais e gramaticais;
- Descobrir quantos são os cooperados, o que mais vendem, os preços – elaborar problemas matemáticos com essas questões;
- Aprofundar conhecimentos sobre as diversas formas de comercializar – troca – economia solidária, orientando a aprendizagem de conhecimentos matemáticos;

Após aprofundar bem a temática com os/as educandos/as, chegou o momento de preparar para debater as descobertas, os problemas e os desafios encontrados com a comunidade. É hora da mudança e do passo seguinte.

### 4.3 Dicas para o Transformar

Seguindo nossa metodologia, agora é o momento de dar outro passo importante: O TRANSFORMAR, que primeiro exige uma devolução à família e à comunidade do que a escola produziu de conhecimentos com a pesquisa e buscar melhorar a vida da comunidade.

Para tanto, é necessário reunir a comunidade para apresentar os conhecimentos produzidos: as descobertas e os problemas identificados. Essa devolução pode ser através de diversas linguagens, de forma que aproveite para os/as educandos/as se expressarem com: textos produzidos, músicas, paródias, teatro, fotos, tabelas, pinturas, etc. Este momento é a DEVOLUÇÃO.

É na devolução que fica mais claro o papel social da escola e do trabalho do professor e da professora, que não é apenas de repassar conteúdos, depois fazer as provas. O papel da escola é, também, estudar os problemas da comunidade, das famílias e buscar soluções, além de conhecer os conteúdos universais sistematizados. Os/as educandos/as aqui não ficam apenas no seu local, no seu contexto, mas deverão ser capazes de abstrair, de se afastar dele, para conhecer um contexto global, perceber os conhecimentos a partir do seu local. Apresentar e devolver para a comunidade as questões identificadas e, ao mesmo tempo, buscar as soluções para as mesmas, junto com a comunidade.

Nesse sentido, torna-se relevante buscar, junto às famílias e à comunidade, soluções concretas e práticas para transformar a realidade, superar os problemas e melhorar a vida das pessoas, além de envolver os/as educandos/as para construir junto com suas famílias esses encaminhamentos e depois eles irão acompanhar. A escola produz, assim, conhecimentos para a melhoria da vida das pessoas.

O trabalho educativo da professora e do professor aqui também deve ser avaliado. Este é também um momento de avaliação: do papel da escola, da participação da comunidade, do desenvolvimento das crianças e do trabalho do/a professor/a. Este trabalho depois precisa ter um acompanhamento com a avaliação dos impactos da pesquisa na comunidade

## 5 A Leitura prazerosa no projeto Baú de Leitura

Com uma proposta de leitura, de acordo com a metodologia do CAT – Conhecer, Analisar e Transformar a realidade do campo, deve-se dedicar um dia da semana ao Baú de Leitura e, a partir dele, trabalhar livremente e prazerosamente, explorar bem as diversas potencialidades e a criatividade dos educandos e educandas. Com livros dos três Motes do Baú: Identidade, Meio Ambiente e Cidadania, é possível aprofundar mais os elementos que foram desenvolvidos com a temática Agricultura Familiar e Convivência com o Semiárido, a exemplo do fortalecimento da identidade do campo, da cultura, do meio ambiente do semiárido, da busca da cidadania.

### 5.1 Sugestões Literárias:

COLASSANTI, Marina. **Ofélia, a ovelha**. São Paulo: Global, 2000.

LADEIRA, Julieta de G. **Até mais Verde**. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O Homem que Espalhou o Deserto**. São Paulo: Global, 1999.

BORGES, Rogério. **O Último Broto**. São Paulo: Moderna, 2000.

ROCHA, Ruth. **Nicolau tinha uma idéia**. São Paulo: FTD, 1999.

No Baú de Leitura há uma diversidade grande de livros que fortalecem o debate da temática, bem como a identidade do campo, que você poderá trabalhar de forma prazerosa.

Esses livros do Baú de Leitura podem proporcionar não apenas reflexões sobre a temática, mas desenvolver outras potencialidades e dimensões: artística, crítica e política, além de contribuir na mudança de atitudes.





### Experiência de agricultura familiar e convivência com o semiárido

José Ivamberg Ferreira da Silva<sup>13</sup>

*Na Fazenda Pau de Colther, na Comunidade Mucambo, em Riachão do Jacuípe-BA, o agricultor Abelmanto Carneiro de Oliveira, juntamente com a sua esposa Jacira de Oliveira estão há mais de 12 anos trabalhando juntos para elevar a produção e a produtividade na sua propriedade, de forma ecologicamente sustentável, socialmente justa e economicamente viável.*

*Para eles, é importante não apenas maximizar a produção na propriedade de 25 tarefas de terra, mas de demonstrar, principalmente para as crianças da comunidade e para os grupos que vêm conhecer a propriedade, como é possível viver bem e cuidar da natureza num pedaço relativamente pequeno de terra e com dificuldade de acesso à água.*

*Nessa propriedade, existe um sistema de irrigação alternativa e várias outras tecnologias adaptadas, que ele foi criando a partir dos cursos que participava e dos projetos de apoio à agricultura familiar. Sua esposa ajuda no trabalho, também é professora da escola do campo e foi quem trouxe a metodologia da preservação da caatinga e da convivência com o semiárido para a propriedade. “Foi através do trabalho do CAT, sobre desmatamento e queimadas que eu trouxe o projeto “vida do solo” para a nossa propriedade, para reforçar as atividades com as crianças,” conta Jacira.*

*No caso de Abelmanto, foi quando ele começou a criar abelhas que ele despertou para a importância de preservar e reflorestar. “Saúde para a população, mais oxigênio puro, isso é o futuro do nosso país”, acredita Abel.*

*Assim, os dois uniram suas experiências e começaram a construir uma propriedade sustentável em prol da natureza e da educação integrada das crianças na escola e no campo.*

*Foi através de pesquisas com os mais velhos da comunidade sobre a idade das árvores, dentre outras, que a família descobriu que não era aceitável derrubar árvores, mas era importante promover a idéia de que não precisa desmatar para fazer pastagem para os animais, pois o capim se desenvolve até*

<sup>13</sup> Técnico Agrícola da Equipe de Agricultura Familiar do MOC e que acompanha o município de Riachão do Jacuípe.

melhor debaixo das árvores. “As aroeiras da região estão extintas, por causa do desmatamento” conta Abel.

Segundo Abelmanto, é possível produzir em uma área de 25 tarefas o suficiente para sustentar uma família com tudo que é necessário. “Aqui as pessoas plantavam, plantavam e não cuidavam do solo,” conta o pequeno agricultor. Foi a partir de uma atividade desenvolvida com as crianças sobre as queimadas que prejudicavam o solo, que a família agricultora teve a idéia de desenvolver um trabalho voluntário na comunidade com as crianças, ou seja, sua propriedade tornou-se um espaço educativo para elas.

A ideia da família foi de que “enquanto a população não tiver consciência de que natureza é importante para o mundo, a gente quer levar esta mensagem através das crianças e dos adolescentes”. Os dois têm a convicção de que “educar é uma palavra mágica. As crianças aprendem, repassam e dão exemplo aos próprios pais”.

“Nós sabemos que a diversidade que nós temos aqui na nossa propriedade aumenta a possibilidade de produzir e manter vários criatórios. Nós aqui temos criação de galinha, de porco, de gado, de ovinos e caprinos e temos também a apicultura. Nós conseguimos também construir uma barragem subterrânea, e naquela área implantamos uma farmácia viva. São plantas medicinais. Nós achamos importante isto, pois hoje em dia poucas pessoas ainda conhecem os bons efeitos destas plantas para a saúde humana”, conta Abel.

No caso da horta, Abel e Jacira têm uma cisterna calçadão, a qual ajuda bastante nos períodos de estiagem. Junto a esta horta, Abel, o “agricultor experimentador” construiu um sistema simples de irrigação, que hoje é bastante admirado na região e também já foi copiado por alguns colegas.

A experiência é muito visitada por participantes de intercâmbios. As pessoas que participam desses intercâmbios conhecem as experiências do sistema de irrigação com reaproveitamento de garrafas PET, com palito de pirulito e bico de caneta. É um sistema relativamente simples, com material barato, que pode ser comprado e juntado até em comunidades afastadas dos centros comerciais.

## REFERÊNCIAS

JÚNIOR, F. O. de L.; RODRIGUES, A. da S. **O Desenvolvimento Sócio Econômico e as Políticas Públicas de Investimento na Região Nordeste**. Ceará: URCA, 2002.

MDA. **Um novo Brasil Rural**. Brasília: MDA, 2010.

MDA. Acessado no site [www.mda.gov.br](http://www.mda.gov.br) em 22/09/2009.

MEC. **Cadernos Pedagógicos do ProJovem Campo**. Brasília, DF: MEC-SECAD, 2008.

OLIVEIRA, G. B. de, LIMA, J. E. de S. **Elementos endógenos do desenvolvimento regional**: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. Revista da FAE, Curitiba, v.6, n 2, p.29-36, 2003.

IICA. **Relatório Final da 1ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário**. Olinda, Pe: IICA/ MDA, 2008.

PEREIRA, D. D. **Mangas, Malhadas e Cercados**: o semiárido que não se rende. Campina Grande-PB: Impressos Adilson, 2009.

Fundação Joaquim Nabuco. Acessado no site [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br), em 11/11/2009.

EMBRAPA. Acessado no site <http://www22.sede.embrapa.br/publicacoes/> em 14/05/2010.

CONAB. Acessado no site, <http://www.conab.gov.br/conabweb>, em 05/10/2010.

SANCHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.



# Práticas Agroecológicas na Agricultura Familiar e na Escola

Michelle Rios Lopes<sup>16</sup>

## INTRODUÇÃO

Trabalhando com educação contextualizada, é necessário conhecer a importância da agricultura familiar e das práticas agroecológicas no semiárido, pois este é um tema que faz parte da vida no campo.

E, para início de conversa, vamos começar nos questionando: Como são as práticas agrícolas em nosso município? Há algum/a agricultor/a familiar praticando agroecologia? O que eu sei sobre agroecologia?

É sobre essas questões que queremos dialogar com vocês, professor e professora, através deste texto, trazendo um pouco do entendimento da agroecologia e das práticas agroecológicas, para que possamos aprofundar e ampliar cada vez mais nossos conhecimentos.

Este texto vem complementar a ficha sobre Agricultura Familiar e Convivência com o Semiárido, enfatizando as práticas agroecológicas que contribuem para construir um desenvolvimento do campo, socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente sustentável.

Esperamos que ele possa contribuir para que vocês tenham um melhor conhecimento sobre as Práticas Agroecológicas e estimulem a construção e apropriação desses conhecimentos pelos/as educandos/as, servindo, dessa forma, como apoio pedagógico a seu trabalho na escola. Bom estudo!

16 Técnica do Programa de Educação do Campo do MOC, Graduada em Pedagogia e Pós-graduanda em Educação Ambiental para a Sustentabilidade, pela Universidade Estadual de Feira de Santana.





# CONTEXTUALIZANDO E REAFIRMANDO VALORES

## 1 Contextualizando as práticas agroecológicas

Para entender como surgiram as práticas agroecológicas, vamos fazer um resgate no tempo e conhecer um pouquinho da história destas práticas e da agricultura no Brasil.

Como você sabe, da década de 1960 para cá se intensificou em nosso país um processo de modernização da agricultura. Pois é, o processo de modernização do campo se acentuou a partir da década de 1960, principalmente, nas regiões Sul e Sudeste. E, aos poucos, se expandiu para a região Nordeste, sobretudo a partir da década de 1970.

Essa modernização modificou a vida no campo. Os/as agricultores/as passaram a utilizar, em larga escala, tratores, adubos químicos, agrotóxicos, criação de animais com ração industrial. A produção de alimentos passa a ser feita utilizando venenos, agrotóxicos que, além de poluírem o meio ambiente, causam muitas doenças nas famílias, gastando muita água, derrubando e queimando a mata nativa, realizando um único tipo de cultivo, ou seja, centrando-se na monocultura. Com tudo isso, o/a agricultor/a familiar começou a ter mais custo com a produção, pois tem que investir na compra de insumos, que são caros. Esta forma de produzir ficou conhecida como PRÁTICA AGRÍCOLA CONSERVADORA.

Essa prática traz como resultados alguns problemas graves, que inclusive você pode até identificar em sua região, como por exemplo: aumento da erosão, aumento do número de pragas, a crescente contaminação do solo, das águas e das plantas em razão do uso abusivo de agrotóxicos, o/a agricultor/a perdendo o controle da produção, a mão de obra reduzida, ampliação das diferenças socioeconômicas no meio rural, desemprego no campo, enfim, o êxodo rural.

Além desses problemas com a modernização da agricultura, há uma concentração de terras, o que prejudica os/as pequenos/as agricultores/as familiares e suas famílias, os quais com pouca terra ou nenhuma, não conseguem sustentar sua família, aumentando cada vez mais o conflito de terras.

Nossa! Quanta coisa, não é? E mais ainda, toda essa modernização intensiva da agricultura trouxe danos ao meio ambiente, pois está ligada a práticas como o desmatamento descontrolado da vegetação nativa e as queimadas que prejudicam o solo e contribuem para os processos de desertificação, fenômeno ainda mais agravante no semiárido, onde o solo é raso e seco.

No entanto, nada na vida e na história caminha apenas em linha reta, não é mesmo? A história está cheia de contradições e são elas que provocam o surgimento de novos conhecimentos e de novas práticas. Foi assim que muitos/as agricultores/as familiares, organizações e movimentos sociais ligados ao campo, não satisfeitos com as práticas que vimos acima, começaram a pensar em outras formas de produzir alimentos em harmonia com a natureza, conservando os recursos naturais de forma sustentável. E buscaram novas alternativas que respeitassem a relação entre agricultura e meio ambiente, com práticas menos nocivas, que superassem os danos provocados no meio ambiente, e que melhorassem a situação socioeconômica dos/as agricultores/as familiares. Foi a partir daí que surgiram novas concepções e novas práticas, visando ao desenvolvimento baseado no equilíbrio entre sociedade e natureza, um equilíbrio socioambiental. Entre elas, estão as PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS, que surgem da ciência chamada AGROECOLOGIA, que visa construir um novo modelo de agricultura sustentável e que respeita os saberes locais.

Deu para compreender um pouco as diferenças entre as práticas agrícolas conservadoras e as práticas agroecológicas? Para facilitar mais este entendimento, é possível tentar fazer um resgate histórico com seus familiares, ou com pessoas mais experientes que você conhece, as quais trabalharam com a agricultura familiar, na década de 1960. Pergunte-lhes o que usavam na produção, faça este exercício e tente fazer o mesmo perguntando a quem vivenciou a produção agrícola naquele tempo e vivencia nos dias de hoje. Observe e analise se há diferenças. Com o levantamento dessas memórias, será mais fácil refletir o que aconteceu de mudanças, quais os impactos no meio ambiente, e por que precisamos buscar novas alternativas como a Agroecologia. E assim vamos adiante!

## 2 Conhecendo um pouco de agroecologia

Agora que você fez um resgate histórico de como se deu a produção agrícola no passar do tempo, você deve estar se perguntando o que é mesmo essa tal de Agroecologia? Até aqui vimos que da forma que se vem produzindo não dá mais, que precisamos construir novas relações com a natureza, sem prejudicá-la e produzir alimentos mais saudáveis.

### Então, vamos conhecer o que nos traz a agroecologia?

Alguns falam que agroecologia é uma ciência, que é uma técnica, outros que é uma forma de se relacionar com a natureza de maneira sustentável, outros nos dizem que agroecologia é uma concepção de vida. Pois é, agroecologia é tudo isso e muito mais. Na agroecologia (agricultura+ecologia) a agricultura ganha um sentido mais amplo, envolve uma natureza rica em diversidade, vários tipos de plantas, animais, microorganismos, minerais, um novo jeito de relacionamento com a natureza, onde se protege e se cuida da vida.

Assim, enquanto a agricultura tradicional se interessa apenas com a produção, com o lucro em curto prazo, a agroecologia se preocupa com a mudança de atitudes e valores das pessoas, na sua relação com o meio ambiente.

Enquanto no agronegócio a produção é centrada na monocultura, na dependência de insumos químicos, na grande mecanização e na concentração de terras produtivas, com a agroecologia a história é outra. Ela se baseia na pequena propriedade, na mão de obra familiar, na diversidade de cultivos, com a produção em pequena escala, na valorização do trabalho manual, nas relações justas na família, respeitando a igualdade de gênero e de geração, na prática de uma agricultura que não agrida o meio ambiente. Além disso, leva em conta a organização em cooperativas e associações de trabalhadores/as rurais, que cultivam sistemas produtivos adaptados às condições locais.

Com a agroecologia, a relação com o meio ambiente é bem diferente! Ainda mais porque a construção do conhecimento surge da troca de experiências entre agricultores/as e pesquisadores/as. A prática agroecológica se nutre dos saberes, dos conhecimentos, das experiências dos/as próprios/as agricultores/as familiares (fruto da sua interação com o meio ambiente), dos movimentos e organizações sociais do campo. É dessa troca entre os saberes populares e os conhecimentos técnico-científicos que se constroem novos conhecimentos, dentre estes as práticas agroecológicas.

Quando se fala em agroecologia, não se pensa apenas em plantios variados, mas na vida que existe e que ocupa aquele espaço, no relacionamento das pessoas entre si e com a natureza e na harmonia que deve existir entre os seres vivos que ali circulam, numa atitude de respeito, convivência e integração.

Com tudo isso, a agroecologia nos ensina que é preciso fortalecer as relações de gênero e de geração com mais igualdade e respeito, valorizar a cultura local, os saberes próprios do campo e da agricultura familiar, promover a inclusão social, a organização da comunidade, bem como valorizar a diversidade cultural e ambiental.

Chegamos ao século XXI com tantos problemas, mas também com tentativas de mudanças, como a agroecologia, que contribui com princípios ecológicos básicos de preservação do meio ambiente. Ou seja, uma prática produtiva, voltada para a segurança alimentar dos povos e a qualidade de vida.

É possível escolher esse caminho, experimentando um novo jeito de fazer agricultura, de lidar com a natureza. E nesta estrada já estamos andando, não ainda da forma como deveria acontecer, mas já dando os primeiros passos, no que se chama de transição agroecológica, que é um processo gradual. As práticas nas propriedades começam a mudar aos poucos, no que se refere à transição para uma agricultura familiar de base agroecológica. Aqui e ali, começamos a ver alguns sinais de inserção da agroecologia, seja na mudança de valores e atitudes das pessoas em relação à conservação do meio ambiente, seja na busca de uma organização da agricultura familiar com relações mais justas entre homens, mulheres e jovens, nas trocas de experiências, seja na experimentação de algumas práticas agroecológicas, valorizando a diversidade da produção através do plantio de várias fruteiras, hortas, criação de animais e outras práticas.

### 3 Praticando agroecologia no semiárido

Quando ouvimos falar em semiárido, a imagem que dele se faz é de um local seco, onde não se pode viver. Em realidade, o que acontece no semiárido é que a natureza e as pessoas sofrem com a má distribuição nos períodos de chuva, a falta ou o mau armazenamento da água, a escassez dos rios perenes. Sabemos que não é possível mudar as condições naturais do semiárido, mas é possível viver nele, desde que nossas ações estejam voltadas não para combater a seca, mas sim para conviver com o semiárido.

Assim, começamos a ver o semiárido com um olhar mais amplo, um olhar das possibilidades, percebendo-o como um espaço de convivência e, por isso, como um lugar que tem potencial de construção de práticas sustentáveis, de relações respeitadas entre homens, mulheres e natureza, de valorização do saber e da cultura popular.

E é com esse olhar da convivência que já vemos no semiárido muitas pistas de que estamos iniciando uma caminhada pela estrada da agroecologia, embora, muitas vezes, nem saibamos. Alguns/as agricultores/as de nossa região já estão desenvolvendo estratégias de sobrevivência baseadas na sustentabilidade e na convivência com o semiárido e estão colocando em prática algumas tecnologias apropriadas à sua realidade. Um exemplo disso é a captação e o armazenamento da água da chuva, usando a tecnologia das cisternas, o que torna possível o acesso das famílias à água para o consumo humano e para a produção. Você pode saber mais sobre isto nos textos sobre Água para consumo humano e Água para produção.

#### Dicas importantes para uma prática agroecológica:

**Usar defensivos naturais** – Não use agrotóxico, pois eles contaminam as águas e envenenam os alimentos. Já os defensivos naturais não são tóxicos, estimulam as plantas, são de baixo custo e podem ser preparados pelo próprio agricultor.

**Cuidados com a água** – é preciso preservar e cuidar dos reservatórios naturais! Não jogue lixo nas nascentes dos rios nem a seu redor. Desenvolver na comunidade a prática de ter reservatórios de água próprios para produção e consumo dos animais, diferenciados daqueles de utilização humana, é uma boa alternativa.

**Organização da comunidade** – organize sua comunidade em cooperativas para facilitar a comercialização dos produtos que sobram do consumo familiar e o fornecimento de tais produtos para alimentação escolar.

Outras práticas agroecológicas utilizadas pelos/as agricultores/as familiares no semiárido são: o armazenamento de sementes nativas, a criação diversificada de animais, as hortas verão, os viveiros de mudas de plantas nativas e frutíferas, a adubação orgânica, dentre outras.

Além disso, quando falamos em convivência com o semiárido, a agroecologia é vista para além das práticas agrícolas apropriadas, mas também em sua dimensão cultural, simbólica e social. Um exemplo disso são as representações da cultura camponesa através da organização das mulheres na prática com o artesanato, bem como, as próprias manifestações culturais, que acontecem no trabalho agrícola. Você pode aprofundar esse conhecimento no texto de Cultura e Arte.

Nas escolas do campo do semiárido, também já vemos alguns sinais de experiências com a agroecologia, quando se vivencia uma educação contextualizada inserindo a agricultura familiar e a agroecologia no trabalho pedagógico, quando a escola interage com a comunidade buscando informações, construindo conhecimentos e quando experimenta algumas práticas agroecológicas.

No entanto, ainda se vêem muitas práticas que fragilizam a região, a exemplo da prática da queimada que mata a vida do solo. Quem queima a terra, esquece que ela abriga milhares de seres vivos, e que quando a queimamos, estamos matando esses seres. Outro exemplo é o desmatamento da caatinga e também o uso de venenos e fertilizantes químicos nas plantações.

Nesse sentido, para que aconteça a agroecologia em nossa região, é preciso mudança de postura e busca de conhecimentos. Além disso, é necessária uma melhor atuação do poder público, com políticas específicas voltadas para promover a difusão de práticas agroecológicas junto aos agricultores e agricultoras familiares. É fundamental que isto ocorra de forma ampla. Devemos cobrar isso dos nossos governantes, como também devemos participar de espaços de debates, como fóruns, conselhos, contribuindo na construção de políticas públicas para a agricultura familiar.

Precisamos ajudar a fortalecer a proposta da agroecologia, pois ela ajuda a promover a preservação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida das pessoas, ajudando a dar prosseguimento à vida no semiárido.

Vale salientar que a escola pode contribuir para isso, fazendo com que este assunto esteja presente em nosso dia a dia da comunidade e da escola, sempre refletindo e construindo juntos conhecimentos, valorizando os saberes dos agricultores e agricultoras familiares, as trocas de experiências, buscando parcerias que nos ajudem a conhecer e realizar as práticas agroecológicas, dialogando com os sindicatos, associações, numa busca coletiva de uma melhor convivência com o semiárido.

Veja no seu município ou comunidade se alguma família desenvolve alguma ação de agroecologia. Caso exista, procure conhecer e leve também seus/suas educandos/as. Isto é importante, pois são essas experiências que melhor respondem aos desafios da convivência com o semiárido.

A agroecologia tem uma função importante no desenvolvimento sustentável, no cuidado do meio ambiente e na preservação da natureza. Portanto, vamos praticar a agroecologia no semiárido!



### 3.1 As Práticas Agroecológicas Permitem:

- a) Comunidades do campo mais integradas com o solo, água, plantas e animais;
- b) Uma vida mais saudável;
- c) Uma agricultura socialmente justa;
- d) Um novo equilíbrio entre sociedade e natureza;
- e) Manejo correto do solo e da água;
- f) Preservação da caatinga;
- g) Continuar tirando alimentos da terra sem esgotar os recursos naturais;
- h) Inclusão social e melhores condições econômicas aos agricultores e agricultoras;
- i) Valorização do conhecimento e da cultura da população local;
- j) Relações de gênero e de geração com mais respeito;
- k) Trocas de experiências;
- l) Organização familiar e da comunidade;
- m) Melhor convivência com o semiárido.



## 4 Vamos conhecer algumas práticas agroecológicas?

É importante notar que o processo agroecológico é uma caminhada que supõe mudança de concepção, de atitudes, de modo de ver e viver em relação ao outro, à terra, à água, à vida.

Agora, vamos conhecer algumas dessas práticas, mas é bom lembrar que nelas se concretiza, em parte, a agroecologia e que a caminhada nem começa e nem termina aí. O querer bem, cuidar da natureza exige de nós sempre e sempre novas atitudes e novas descobertas. Vejamos alguns exemplos:

### 4.1 Adubação orgânica

Adubação orgânica é constituída a partir de resíduos de origem vegetal e animal: folhas secas, restos vegetais, esterco animal e outros que, ao invés de serem jogados fora, podem ser misturados à terra para melhorar e recuperar sua qualidade. Um exemplo de adubo orgânico é o esterco ou estrume de animais domésticos, que pode ser utilizado em todos os plantios.

### 4.2 Horta verão

A horta verão é uma prática muito utilizada no semiárido. Trata-se de um espaço onde se pode cultivar uma diversidade de plantios (verduras, legumes e hortaliças), que sejam de fácil cultivo e em ciclos curtos, utilizando-se rotação de culturas, justamente para garantir a vida do solo. Não se usam agrotóxicos e nem fertilizantes químicos, apenas adubos orgânicos. Permite-se assim, grande economia de água, algo muito importante para o semiárido. A horta verão é assim chamada, pois utiliza uma tecnologia que ajuda a planta a resistir melhor ao calor, através da utilização de canteiros forrados com plástico e a cobertura com folhas secas. Desse modo, mantém o solo úmido por mais tempo, reduzindo o consumo de água em mais de 80%.

### 4.3 Banco de sementes crioulas

O banco de sementes é um espaço que serve para guardar as sementes crioulas (sementes nativas que não sofreram modificações genéticas), que são distribuídas entre os agricultores e as agricultoras que precisam, garantindo o plantio a cada ano. Em geral, seu manejo é desenvolvido pela própria comunidade. Seu funcionamento baseia-se no sistema de empréstimo, ou seja, o agricultor e a agricultora pegam uma certa quantidade de sementes e, após a colheita, fazem a devolução, com acréscimos decididos pela comunidade.

Essas sementes são totalmente adaptadas à região e representam as variedades locais. O banco de sementes permite que cada família produza e melhore sua própria semente e tenha autonomia tanto no tipo de semente, quanto na época dos plantios, pois possui a semente à sua disposição, não necessitando esperar a liberação das sementes pelo governo.



#### 4.4 Quintais produtivos

O quintal produtivo é um espaço de produção agroecológica ao redor da casa, onde se trabalha com um cultivo diversificado (hortas, pomares, plantas medicinais, pequenos animais, árvores, água). Nesse espaço há melhor aproveitamento da terra associado ao melhor uso da água existente ou captada através de tecnologias, como cisternas calçadão, barragem subterrânea, tanques de pedra, barreiros e outras. Assim, o quintal produtivo permite o aproveitamento e reutilização da água de uso doméstico. Os quintais também trazem um significado cultural e simbólico, pois são espaços enraizados na memória das famílias como lugar do acolhimento e das conversas entre vizinhos e vizinhas. Também, representa uma prática quase exclusiva do trabalho das mulheres que já cultivam nesse espaço suas ervas medicinais, seus canteiros de hortaliças, tornando assim um sistema gerador de renda familiar e garantindo maior segurança alimentar e nutricional das famílias.

#### 4.5 Viveiros de mudas

Um viveiro de mudas é um espaço da propriedade, da comunidade ou da escola, normalmente embaixo de árvores e meio sombreado, onde se preparam ou se plantam sementes de diversos tipos de árvores frutíferas, ou nativas da região. O cultivo de mudas deve ser o mais variado possível. Por isso, devemos plantar sementes de plantas bem adaptadas a nossa região, buscando também resgatar variedades que já não existem mais. Há vários tipos de mudas que podem ser produzidas: frutíferas, florestais, medicinais, nativas e ornamentais.

O viveiro de mudas deve ser uma ação coletiva realizada na escola e em associações, com participação das famílias. A produção e o plantio de mudas servirão para plantar no pátio da escola, nos quintais e em frente às casas da comunidade e para reflorestar a área da caatinga.

A produção de mudas é uma prática muito importante para ajudar no reflorestamento, na convivência com o semiárido, no aumento do número de plantas existentes, na alimentação humana e animal, na vida das pessoas, combatendo a desertificação e contribuindo com a continuidade da vida.

Além dessas práticas, existem outras experiências agroecológicas, como a agrofloresta, o cultivo de sequeiros, a fenação, a ensilagem, o banco de proteína, a barragem subterrânea, a cisterna calçadão, o tanque de pedra, e outras. Estas, inclusive, você pode buscar conhecer através de pesquisas na referência indicada em “Ampliando conhecimentos”.

#### Glossário da agroecologia

**Sustentabilidade** – é a forma de se relacionar com o meio ambiente sem causar danos, possibilitando a continuidade da disponibilidade dos recursos naturais para as gerações futuras.

**Biodiversidade** – variedade de organismos vivos de todas as origens;

**Agrotóxicos** – conhecidos como defensivo agrícola, pesticida, praguicida, os agrotóxicos são venenos utilizados para matar ervas consideradas daninhas e pragas. E são prejudiciais à saúde humana.

**Ampliando  
Conhecimentos**

**Dê um Click!**

[www.agroecologia.inf.br](http://www.agroecologia.inf.br)  
[www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br)  
[www.planetaorganico.com.br](http://www.planetaorganico.com.br)  
[www.moc.org.br](http://www.moc.org.br)  
[www.aipa.org.br](http://www.aipa.org.br)  
[www.asa.org.br](http://www.asa.org.br)



Como falamos no início, o conhecimento agroecológico não termina aqui, ele é muito amplo, por isso precisamos cada vez mais ampliar nossos conhecimentos, descobrir novas coisas e conhecer outras experiências. Ficamos com o desafio de construir uma cultura agroecológica, uma cultura de convivência com o semiárido de forma individual (na mudança de postura e valores) e coletiva integrando a escola, as famílias e a comunidade, na busca de uma melhor qualidade de vida.

## TRABALHANDO A TEMÁTICA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Você já pensou em trabalhar com o tema Práticas Agroecológicas com seus educandos e educandas? Pois é, o estudo sobre Agroecologia em sala de aula vai ser muito importante e interessante. Este estudo vai permitir a troca de experiências e produção de novos conhecimentos para uma melhor intervenção do educando e educanda em sua comunidade e junto à sua família. E mais, se a escola incorporar em sua missão a perspectiva de fazer a comunidade entender e praticar a agroecologia pode, assumir um papel importante e beneficiar a comunidade através da troca, socialização e devolução dos saberes produzidos em sala de aula, somando-se aos saberes da população local.

Além disso, o espaço escolar pode ser transformado com a ajuda dos/as professores/as, educandos/as, famílias e comunidade em um espaço de melhor convivência, onde os/as educandos/as podem experimentar algumas práticas agroecológicas para a produção de alimentos. Isto vai servir como espaço de aprendizagem e também para complementação da alimentação escolar.





## 1 Planejando e organizando conteúdos

Para trabalhar com este tema você vai precisar se organizar melhor e, para isso, tem que planejar. O primeiro passo é lembrar que o estudo sobre práticas agroecológicas deve partir do conhecimento das experiências que já existem. Então, que tal começar questionando e buscando conhecer, junto aos/às educandos/as, as práticas agrícolas existentes na comunidade e realizadas pelas famílias? Com isso, pode-se debater sobre as práticas que prejudicam o meio ambiente e a vida; as práticas que ajudam a vida a se multiplicar, que não causam danos ao meio ambiente; os cuidados que devemos ter na relação com a natureza e como a agroecologia ajuda nisso.

## 2 Desenvolvendo atitudes

As habilidades que os educandos e educandas aprendem não estão apenas relacionadas ao conjunto de conteúdos e atividades trabalhados em sala de aula. Muito aprendemos com o que vemos, o que sentimos e as experiências a que temos acesso. Assim, o estudo sobre as práticas agroecológicas deve contribuir para desenvolver novas aprendizagens e valores nos educandos e educandas, como: despertar o interesse e o cuidado com a natureza – com isso os educandos e educandas podem ajudar a sensibilizar suas famílias a não utilizarem queimadas e nem adubos químicos e fertilizantes na produção; despertar mudanças de hábitos alimentares – o/a educando/a vai valorizar mais os alimentos naturais, a partir do cultivo da horta escolar e da produção de alimentos sem agrotóxicos; valorizar a sua realidade – ao trabalhar a agroecologia, na perspectiva de convivência com o semiárido, o educando e a educanda vão reconhecer as potencialidades da sua região; aprender que é importante a troca de experiências – a partir do intercâmbio de saberes é possível ampliar os conhecimentos.

## 3 Avaliando a aprendizagem

A avaliação acontece em todo o momento: na aprendizagem dos conteúdos curriculares e outros trabalhados sobre agroecologia, nas áreas de conhecimento; nos valores e atitudes despertados com este tema; no processo vivido pela escola, pela família e comunidade em torno do conhecimento agroecológico. Assim, ao trabalhar com o tema “Práticas agroecológicas”, o educando e a educanda deverão compreender a importância da Agroecologia para o meio ambiente, conhecer práticas agrícolas que são prejudiciais à natureza e outras que causam danos ao meio ambiente e que a agroecologia é uma concepção de vida. Além disso, é possível aprender que é importante ter uma alimentação saudável e que o/a educando/a pode ajudar sua família a construir práticas mais sustentáveis que não agredam a natureza.

## 4 Contribuindo com o planejamento dos passos metodológicos

### 4.1 Dicas do conhecer

Como vimos no texto de Metodologia, o CONHECER a realidade é o primeiro passo a ser dado. Assim, o professor e a professora podem construir com os educandos e educandas uma pesquisa para conhecer as práticas agrícolas de plantar, colher e armazenar, bem como de cuidar e armazenar a água. Mas, antes mesmo de iniciar a pesquisa pelos educandos e educandas, o professor e a professora devem introduzir o debate do tema em sala de aula, sempre partindo do conhecimento prévio do educando e da educanda e seduzindo-os/as para o tema, trabalhando alguma música, poesia, leitura de texto referente ao tema. Aí sim, podemos iniciar uma pesquisa, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista na comunidade, para buscar conhecer elementos da realidade para o estudo sobre Práticas Agroecológicas.

## 4.2 Dicas do analisar

O próximo passo é a análise dos dados da pesquisa, na qual pretende-se aprofundar o estudo sobre Agroecologia. O/a educando/a vai trazer dados de como as famílias plantam, colhem, armazenam seus produtos. Com isso, torna-se possível saber quantas famílias plantam, se fazem queimadas ou não, com e sem a utilização de agrotóxicos. A partir daí, pode-se debater com os educandos e educandas sobre os danos que causam as queimadas e o uso de agrotóxicos. As famílias que utilizam essa prática estão perdendo o quê? Que alternativas pode-se utilizar para preparar o solo para o plantio sem causar prejuízos para a natureza? Esses elementos podem ser listados em um quadro e ficar expostos na sala de aula.

Dessa forma, podem-se ampliar os conhecimentos sobre Agroecologia trabalhando com atividades interdisciplinares, que vão ajudar a integrar as diversas áreas do conhecimento: língua portuguesa, matemática, conhecimentos sociais, ciências naturais. Seguem abaixo algumas sugestões que podem ser aproveitadas, ou adaptadas por vocês, professor e professora, no seu trabalho pedagógico:

### a) Visitar uma propriedade que tenha uma experiência agroecológica em transição

A visita a uma propriedade agroecológica vai ser muito importante, pois possibilita que a comunidade escolar conheça na prática como se faz Agroecologia e troque experiências. Para essa visita, o professor e a professora poderão convidar a família e técnicos e técnicas agrícolas para acompanharem o grupo e contribuir com a troca de experiências. É interessante que na visita aconteçam momentos de diálogos entre quem visita e o dono ou dona da propriedade. Uma sugestão é que os educandos e educandas preparem, antes da visita, algumas questões para entrevistarem o dono e a dona da propriedade.

- No início da visita, a turma deverá ser orientada para observar, questionar e registrar as práticas que forem conhecendo na propriedade.
- Ao voltar à escola, os educandos e as educandas podem fazer um texto coletivo relatando como foi a visita, o que viram, o que aprenderam. Então, pode-se explorar a área da língua portuguesa.
- Discutir o que acharam mais importante, solicitar que os educandos e educandas desenhem a propriedade agroecológica, trabalhando: medidas; classificação; áreas; diâmetro; problemas matemáticos envolvendo as quatro operações.
- Aqui o professor e a professora podem trabalhar alguns conteúdos como a caatinga, a flora e a fauna, o clima, etc..

### b) Construir uma horta na escola utilizando práticas agroecológicas

Para construir uma horta na escola é importante que haja a participação e contribuição das famílias e de técnicos e técnicas da associação ou sindicato de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Antes de construir a horta na escola, é preciso planejar a sua construção, pesquisando qual o tipo de horta adequada para a região, o que é necessário e calcular os custos iniciais. É importante planejar também como vai ser a participação de cada um e quando vai acontecer. Se for possível, convidar um técnico, ou uma técnica agrícola para ajudar nesse planejamento. Esse trabalho com a horta vai ajudar na aprendizagem dos educandos e educandas, pois eles vão poder exercitar algumas práticas agroecológicas.

- Trabalhar com os educandos e as educandas a medida da área que será utilizada para a horta, a quantidade de sementes e tipos de plantas que serão plantadas. Trabalhar a questão monetária, a partir dos cálculos dos custos com a horta. Aqui a turma vai poder aprofundar o conhecimento matemático com o uso de problemas e operações matemáticas, medidas, formas, quantidades.
- O/a professor/a pode explorar os conhecimentos sobre água, solo, clima, como também os males do uso dos agrotóxicos nas plantações, as vantagens da adubação orgânica e os benefícios de uma alimentação saudável. Os educandos e educandas podem construir paródias, cordéis, textos coletivos sobre este debate.
- Estudar os nutrientes presentes nos alimentos produzidos na horta e função destes nutrientes no organismo.
- Trabalhar as diferenças nutritivas entre os alimentos saudáveis e não saudáveis.
- Elaborar receitas com os alimentos plantados na horta e trabalhar substantivo, além de trabalhar com o nome popular e científico das plantas.

### **c) Realizar uma Visita Comparativa a um Terreno Onde se Tenha Queimado o Solo e Outro que não Utilizou Queimada.**

A visita a um terreno que sofreu queimada vai permitir aos educandos e educandas conhecer essa prática, que é tão comum entre os agricultores e agricultoras para realizar o plantio. É importante, nesta atividade, conhecer um terreno que sofreu com a queimada e um outro que não tenha passado por isto. Para esta visita, deverão participar também alguns familiares e técnicos e técnicas agrícolas.

- Com os dados da pesquisa identificados no CONHECER, vai ser mais fácil introduzir este debate, pois os educandos e educandas vão ter pesquisado as práticas agrícolas utilizadas pelos seus familiares na preparação do plantio. Assim, pode ser feita uma síntese com esses dados e trabalhar com tabelas e gráficos, analisando quantos utilizam queimadas, quantos utilizam outras práticas.
- Antes de realizar o passeio de campo, é importante discutir em sala de aula o que deverão observar, com base na discussão já iniciada com a pesquisa. Além disso, preparar uma pequena entrevista para fazer com o proprietário e proprietária dos terrenos sobre a experiência com a queimada e/ou outras experiências de preparo do solo.
- Na visita, os educandos e as educandas devem estar atentos aos bichos que habitam a camada mais superficial do solo, se tem vegetação, como é o solo.
- Na volta à sala de aula, realizar um debate sobre as vantagens e desvantagens do uso das queimadas e de outras práticas. Produzir um texto coletivo como síntese desse debate.
- Pesquisar com os educandos e educandas o que a ciência diz sobre as queimadas, sobre a ilusão que a terra fica mais fértil, as perdas de nutrientes do solo e os prejuízos aos microorganismos e quais alternativas que o agricultor e a agricultora podem utilizar. Trazer textos para sala e promover leituras pelas crianças e adolescentes. Após as leituras, é importante um debate e a realização de alguma produção textual, que pode ser uma paródia, poesia, etc.
- Estudar tipos de solo, erosão, adubação verde (importante para melhoria das propriedades do solo).

#### d) Construir um viveiro de mudas na escola

A construção do viveiro de mudas na escola vai despertar os educandos, as educandas e suas famílias para a importância do reflorestamento e da preservação do meio ambiente. O viveiro de mudas vai proporcionar a produção e o plantio de mudas no pátio escolar, como também a distribuição entre as famílias e a comunidade. Esta é uma atividade coletiva e, por isso, deve envolver os/as professores/as, educandos/as, famílias e a comunidade.

- O primeiro passo é proporcionar um debate em sala de aula sobre a importância da preservação do meio ambiente e do reflorestamento. Assim, convidar os educandos e educandas a construir um viveiro de mudas no pátio da escola.
- Planejar com a turma todos os passos, se possível convidar um técnico ou técnica agrícola ou alguém experiente da comunidade para ajudar nesta tarefa. Assim, pode-se realizar uma pesquisa, por grupos de educandos/as, identificando: quantas mudas tem que comprar; que tipo; qual o material necessário para o plantio; quanto vai custar; onde podemos conseguir doações; como devem ser os cuidados com as mudas; como devem enterrar a muda; quanto tempo a planta leva para crescer; que orientações poderiam ter para fazer o plantio; quem vai participar do plantio das mudas.
- Com os dados dessa pesquisa, pode-se fazer uma tabela em sala de aula com as questões e as respostas obtidas e realizar um debate. Trabalhar com isso a produção textual.
- Agora sim, pode-se realizar um dia de aula com a construção do viveiro de mudas, com a participação das famílias e todos aqueles que puderem participar. O momento de construção é também de aprendizagem, pode-se observar a metragem do terreno onde ficará o viveiro, a quantidade de mudas, quantas pessoas estão participando, trabalhando, assim, a matemática.
- Com essa atividade, os educandos e educandas vão poder observar e comparar as plantas desde sua germinação, explorando a área de conhecimento das ciências naturais; vão aprender que é necessário preparar a terra e cuidar da planta depois de plantada.
- Pode-se trabalhar em sala de aula sobre a desertificação e o desmatamento. Trabalhar sobre a vegetação do semiárido, a importância do reflorestamento, explorando, dessa maneira, a área de conhecimentos sociais.



### 4.3 Dicas do transformar

Depois de conhecer e analisar a realidade, é chegado o momento de DEVOLVER à família e à comunidade os conhecimentos construídos pelos/as educandos/as na escola e depois buscar possíveis mudanças na comunidade, daí o TRANSFORMAR. A devolução poderá acontecer através da apresentação dos resultados dos trabalhos e os conhecimentos construídos sobre Agroecologia pelas crianças e adolescentes, para a comunidade.

Veja alguns passos que podem ser dados na busca da transformação:

- Promover círculos de diálogo na escola, envolvendo a família e comunidade, com a participação de um técnico ou técnica agrícola, sensibilizando para a importância da agroecologia para a vida das pessoas e preservação do meio ambiente;
- Planejar ações com a família e comunidade para intervir na realidade, inserindo novas práticas de convivência com o semiárido, como as práticas agroecológicas;
- Realização de programas informativos sobre práticas agroecológicas, com a participação das crianças e familiares na rádio comunitária;
- Escrever uma carta coletiva para uma autoridade, explicando a importância da escola ser um espaço agroecológico e solicitando um incentivo para construção de hortas e cisterna nas escolas, bem como a compra de produtos da agricultura familiar para a alimentação escolar.

## 5 Leitura prazerosa no projeto Baú de Leitura

O projeto Baú de Leitura vai contribuir para o professor e a professora fundamentarem o tema “Práticas Agroecológicas”, através do trabalho com a leitura lúdica no Mote de Meio Ambiente e no Mote de Cidadania, ajudando a reflexão sobre o cuidado com o meio ambiente, a preservação dos recursos naturais, a valorização da cultura de convivência com o semiárido, o desenvolvimento sustentável, possibilitando aprendizagens significativas pelos educandos e educandas.

### 5.1 Sugestões literárias:

BORGES, Rogério. **O Último Broto**. São Paulo: Moderna, 2003.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O homem que espalhou o Deserto**. São Paulo: Global, 2000.

CARRARO, F. **A Parábola do Planeta Azul**. São Paulo: FTD, 1999.

DUKLE, Margaret, INGPEN, Robert. **Ecologia**. São Paulo: Global Editora, 2000 (Coleção Vida Nova).



### Uma experiência de educação para a convivência com o semiárido

Urânia Rodrigues<sup>17</sup>

*Oferecer uma educação contextualizada é uma tarefa que toda Escola do Campo tem que cumprir e foi com essa preocupação que a nossa Escola Municipal Veríssimo Ferreira da Silva procurou desenvolver, juntamente com os educandos e as educandas do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de 9 anos e a comunidade local de Encruzilhada, no município de Valente, algumas técnicas apropriadas de convivência com o semiárido.*

*A nossa primeira experiência foi com a horta verão, que mobilizou todos os educandos e educandas para o plantio das hortaliças: cenoura, coentro, alface, beterraba, cebolinha, pimentão, abobrinha e repolho. Durante o ano, realizamos duas colheitas e foi uma farrá só; utilizamos na alimentação escolar e o que sobrou, distribuímos para as famílias dos educandos e das educandas. Esse espaço da Escola é muito zelado por toda a comunidade escolar. Além da horta, plantamos também várias ervas medicinais, que têm muita serventia na escola. É nesse mesmo quintal produtivo que fazemos mudas de árvores frutíferas e adequadas a nossa região e, assim, construímos um viveiro de mudas. A cada ano recolhemos as sementes trazidas pelos educandos e pelas educandas, plantamos e cuidamos dessas árvores até poderem ser distribuídas entre as famílias. É um trabalho que parece ser pequeno, mas sabemos que estamos fazendo a nossa parte, a diferença!*

*Nossa escola está rodeada dessas árvores, todas protegidas com uma simples técnica de gotejamento feito de garrafa PET, que ajuda a economizar a água. E, por falar em ÁGUA, esse tema tão abordado no Projeto CAT, tem um destaque especial em nossa escola. Exemplo disso é a construção da mandala no fundo da cozinha, para reaproveitar a água da pia.*

*Trabalhando dessa maneira estamos contribuindo para nossos educandos e educandas compreenderem melhor a região onde vivem e aprenderem desde cedo a conviver com o semiárido, pois além da temática fazer parte dos conteúdos de sala de aula, eles e elas aprenderam, na prática, cada experiência dessas. Isso faz com que o ensino se torne mais eficaz, a aprendizagem mais prazerosa e a escola mais útil às famílias e à comunidade. Trabalhando com o tema "Agricultura familiar" e algumas práticas agroecológicas, pude mostrar aos educandos e educandas o quanto é importante o estudo dessa temática e que é possível viver bem no semiárido cheio de possibilidades.*

<sup>17</sup> Professora da Rede de Ensino do município de Valente.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI M. A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- ASA. **Caminhos para a convivência com o semiárido**. Articulação do semiárido brasileiro (ASA). Recife: ASA, 2009.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER – IICA, 2004.
- ELICHER, M. J. **O desenvolvimento da Agroecologia no Brasil**: dilemas, contradições e a atualidade do debate. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Niterói, Ano 2- UL/DEZ, 2006.
- FERNANDES, M. C. **A horta escolar como parte do currículo da escola**. Brasília: MEC/FNDE, 2007.
- LEONEL, J. C. **Quintais para a vida**: tecnologia social do semiárido. Fortaleza: CETRA, 2010.
- PAULUS, G.; MULLER, A. M.; BARCELLOS, L. A. R. **Agroecologia aplicada**: Práticas e Métodos para uma agricultura de Base Ecológica. Porto Alegre: EMATER/RS, 2000. p. 6-10.
- KUSTER, A.; MARTÍ, J. F.; MOTA, N. R.; QUEMEL, P.; MOTA, N. F. **Agroecologia Colocada em Prática**. Projeto agricultura Familiar, agroecologia e Mercado. Ceará, 2008.
- ROCHA, J. M.; FORTUNATO S. R. **Agroecologia**: um contraponto à produtividade insustentável da agricultura convencional. Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.





# Água para o consumo humano

Bernadete Mariene Carneiro Santos<sup>18</sup>

## INTRODUÇÃO

Professor/a, você já desenvolveu algum trabalho com a temática Água para o Consumo Humano? Se isso já aconteceu, vamos, a partir deste texto, refletir com você e sua prática; se ainda não, este texto pode ser um instrumento de provocação nesse sentido. Vamos debater sobre as formas de armazenamento e manuseio da água pra consumo humano.

*Cothar a água  
Reter a água  
Guardar a água quando a  
chuva cai do céu  
Guardar em casa  
Também no chão  
E ter a água se  
vier a precisão*

*Roberto Malvezzi "Gogó"<sup>19</sup>*

18 Técnica do Programa de Educação do Campo do MOC – Movimento de Organização Comunitária, Graduanda em Serviço Social.

19 Integrante da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro.





Como você já sabe, a nossa opção de educação é aquela denominada de contextualizada, que valoriza e busca melhorar a vida dos sujeitos do campo. Assim, este é um material didático que ajuda a construir esta perspectiva.

Acreditamos que já é do conhecimento de todas e todos nós as especificidades na questão da escassez de água, no contexto do semiárido, e um dos elementos básicos da vida das pessoas é a captação de água para consumo humano. Por isso, professor/a, neste texto, buscamos contribuir com a construção de conhecimentos na sua sala de aula sobre a água, em especial para beber e cozinhar. Vamos debater um pouco sobre a importância da água, a disponibilidade, as formas de captação, a partilha da água, tratamento, cuidado e preservação.

Você sabe que, em cada região do mundo, as formas de captação, armazenamento e cuidado com a água assumem dimensões diferentes, não é mesmo? Pois é, na região onde vivemos o cuidado e as formas de captação, de armazenamento são mais específicas ainda, dadas as circunstâncias do nosso semiárido.

## CONTEXTUALIZANDO E REAFIRMANDO VALORES

### 1 Mas, o que é o semiárido?

A região onde vivemos está localizada no semiárido da Bahia e tem características diferentes de outros espaços geográficos do país e do mundo. Etimologicamente, a palavra semiárido significa: semi = metade e árido = seco. O estado da Bahia, segundo dados do IBGE<sup>20</sup>, tem 69,3% de seu território no semiárido, com 266 municípios e uma população de aproximadamente 6.451.835 pessoas.

Com essas características, a média de tempo que fica sem chover no semiárido baiano é de oito a nove meses e a média de água que cai é de 300 a 800 mm por ano. Mesmo com períodos longos de estiagens, normalmente, não passa ano sem chuvas, embora com as mudanças climáticas, esta situação esteja se modificando. Assim, a questão que se coloca não é bem a falta de água, mas o processo de sua captação, armazenamento e sua distribuição. Por isso que muitas pessoas não têm acesso.

Contudo, o semiárido não pode ser olhado apenas pelo viés da água e sua falta, pois sua realidade é bem mais ampla. Para se entender o semiárido, há de se considerar seus elementos culturais, econômicos, socioambientais, políticos e históricos. Ele é povoado por diferentes povos e etnias, com culturas e religiões diversificadas, uma população com muitos potenciais e habilidades. Já percebeu como na grande mídia as imagens do/a sertanejo/a aparecem carregadas de estereótipos? Colocam o nosso semiárido como um local atrasado, lugar de “coitadinhos”, de pessoas famintas, pedintes, como lugar inviável de viver dignamente? Por que será que ocorre isso? Essa mentalidade, que foi construída pelas classes dominantes, muitas vezes, é assumida e aceita por agricultores/as, escolas e por nós mesmos. Serve de base para a exploração dos mais pobres pelos ricos, contribuindo para as pessoas irem embora e migrarem, gerando uma mão de obra com custo baixo nos centros urbanos e servindo de instrumento de concentração das riquezas, entre elas, terra e água. Na maioria das vezes, a própria escola reforçava e ainda reforça essa ideia de que no semiárido não dá para viver e que o que é bom é a cidade grande.

<sup>20</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

Mas nós já sabemos que tudo que foi construído pode ser desconstruído, não é mesmo? No semiárido tem muita gente guerreira, persistente, resistente, criativa, que busca alternativas de convívio e de vida, que luta, tem uma cultura riquíssima. Você pode ver melhor isso nas Fichas de “Identidade” e de “Cultura e Arte” deste material. A população do semiárido possui uma identidade forte e que vem sendo mais valorizada a partir de experiências de educação contextualizada e com práticas agroecológicas, como você pode observar na Ficha de “Agroecologia”. Há muita coisa interessante no semiárido. O que faltam são políticas públicas de convivência com e para esse clima específico do sertão, com alternativas de captação e armazenamento da água. Por este motivo, o povo do semiárido está, a todo o momento, buscando alternativas de convivência com o clima, buscando em parceria com organizações da sociedade civil e governos federal, estadual, municipal, políticas de convivência, tecnologias alternativas para viver com qualidade no semiárido.

## 2 Água e saúde

Uma das dificuldades que a população do semiárido experimenta, no que se refere à água para consumo humano, é a precariedade na captação da água que cai da chuva. Isso ocorre, porque uma boa parte desta população ainda desconhece formas de como armazenar corretamente e muitos não dispõem de recursos suficientes para construir as formas, equipamentos de captação e armazenamento da água, como cisternas e outros. Por isso, na maioria das vezes, a água que cai evapora em pouco tempo e se perde. Essa precariedade de captação e armazenamento está presente em nossos territórios, principalmente do Sisal e da Bacia do Jacuípe, e as formas mais comuns de armazenamento, inclusive para beber e cozinhar, são: tanques de barro, açudes rasos, cacimbas, caldeirão de pedra e etc. Estas formas não são tão eficazes para consumo humano, embora sejam muito importantes para a produção e, especialmente, para os animais. Estas águas são prejudiciais à saúde das pessoas, pois em locais abertos, a água pode ficar contaminada e, além disso, há uma utilização comum de animais e pessoas. Isso torna a água imprópria para consumo humano.

O que você acha de a escola produzir conhecimentos e práticas educativas para as crianças e suas famílias terem uma água de melhor qualidade?

### Professor Você Sabia?

A cada onze minutos morre uma criança por beber água contaminada no mundo. Fique atento às doenças provocadas por água contaminada.

#### Vermes Provocadas por Água Contaminada:

**Oxiurose** – conhecida como caseira, comum entre as crianças.

**Teníase** – conhecida como solitária, transmitida pela carne do boi e do porco mal cozida.

**Esquistossomose** – conhecida como barriga d’água, transmitida através da água, contaminada pelo banho.

**Ascaridiose** – conhecida como lombriga, uma das mais comuns; estima-se que 30% da população tem esse verme.

**Ancilostomose** – conhecida como amarelão; essa causa dilatação do abdômen e é transmitida em água parada.





### 3 Formas de captação e armazenamento adequados da água para beber e cozinhar

Professor/a, para um melhor entendimento e compreensão deste problema, foram sistematizadas experiências da sociedade civil e de alguns órgãos públicos, aquelas organizações filiadas à ASA – Articulação do Semiárido, especialmente, com as cisternas de placas para água de consumo humano. Estas experiências demonstram que a água captada nesses reservatórios, se cuidada dentro dos parâmetros exigidos, é pura e de boa qualidade para beber e cozinhar. É nesta perspectiva que se constroem as cisternas para captação de água da chuva, para consumo humano no semiárido.

As casas que possuem cisternas de captação da água da chuva e nas quais a população tem os devidos cuidados com o manuseio da água, ou seja, cisternas bem cobertas e protegidas do acesso dos animais, quando filtrada, fervida, clorada, geram melhor qualidade de vida. Você, professor/a, já avaliou se na casa dos educandos e educandas, que residem na área rural, há cisternas, como são cuidadas? Sabia que isso, às vezes, está relacionado também com o desenvolvimento da aprendizagem?

Nas casas em que as pessoas não têm esses cuidados, o índice de verminoses e doenças transmissíveis é maior, como por exemplo: diarreia infecciosa, cólera, esquistossomose e outras, que se adquirem através da água contaminada. A água contaminada prejudica principalmente as crianças, que em alguns casos, portadoras destas verminoses, têm dificuldades no desenvolvimento escolar.

Professor/a, você já sabe da importância deste tema para nós do sertão. As cisternas garantem água de qualidade para o consumo humano e a qualidade da água está relacionada à saúde das pessoas, em especial das crianças. Além de mais saúde, com as cisternas em casa, as mulheres e crianças não precisam percorrer longos caminhos para ter acesso à água, o que pode prejudicar suas vidas e até a frequência escolar. Assim, as cisternas garantem o acesso à água de qualidade para as crianças consumirem e melhorarem, também, seu desenvolvimento escolar, sem precisarem ir buscar água distante da sua casa.

A água é um bem natural, é direito de todas as pessoas. Porém, para a população pobre do semiárido ter acesso à água com qualidade, necessita de políticas públicas que garantam este direito. O que presenciamos na história de nossa região é a falta de políticas adequadas, levando, assim, a concentrações da água em mãos de fazendeiros e fazendeiras e a exclusão das pessoas e famílias mais pobres do uso deste bem. Muitas vezes, por exemplo, as pessoas que ajudaram com seu suor a construir os açudes e barragens, não tinham e não têm direito de acesso à água ali armazenada. Você já observou que, muitas vezes, a população pobre foi e é obrigada a se abastecer, e até comprar água de carros pipas? Ou seja, pagar pela água que vem dos açudes que a população ajudou a construir e que foi privatizada para uso de poucos.

A falta de água potável não é só um problema no campo do semiárido. Nas cidades pequenas e nas periferias das grandes cidades, a população é obrigada a consumir, muitas vezes, água de má qualidade, praticamente sem o tratamento devido.

#### 4 Organizações que buscam a partilha da água e a Convivência no semiárido

Várias organizações da sociedade civil no Brasil trabalham desenvolvendo alternativas de convivência no semiárido, a exemplo da ASA - Articulação no Semiárido Brasileiro. A ASA foi criada em 1999 e é uma rede de mais de 2000 organizações e entidades do semiárido brasileiro. Uma dessas entidades que compõem essa rede é o Movimento de Organização Comunitária (MOC). As ações da ASA e do MOC são voltadas para as políticas públicas de convivência com o semiárido, não resultam apenas em construções de cisternas de captação de água de chuva, mas, também, num processo de mobilização para melhor convivência com o semiárido, na perspectiva de lutar por outros direitos que venham melhorar a vida das pessoas.

Nesse processo de mobilização, as ações das entidades que compõem a ASA buscam também acabar com a prática muito comum nos nossos territórios, "a indústria da seca", em que as populações do campo, durante os períodos de estiagens, não tinham autonomia,

#### Democratizando o Acesso à Água!!!

No semiárido, até o final do ano de 2009, segundo dados da ASA já foram construídas 286.518 cisternas, através do Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC). A quantidade de água que está sendo armazenada equivale a 4,5 milhões de litros de água potável, beneficiando um total de 294.425 famílias. Estas cisternas têm uma medida de capacidade de armazenamento de 16 mil litros, em todas as casas. Independentemente do tamanho e das condições, as cisternas têm a mesma capacidade de armazenamento, contribuindo para uma partilha com mais equidade de um bem natural. Já foram beneficiados 425.503 crianças, 123.284 jovens, 641.207 adultos e 94.344 idosos.



dependiam de um político local para levar água para beber e cozinhar através dos carros-pipas e de outros mecanismos, como já descrevemos anteriormente. Quando chegava o período de eleições, era como se tivesse que devolver aquele favor com o voto. E, na próxima estiagem, tudo se repetia. Hoje, as pessoas estão adquirindo consciência que água é um direito, é um bem universal para a vida humana. Você já observou isso na comunidade onde a sua escola está localizada?

As pessoas do semiárido, atualmente, começam a entender que a seca é um fenômeno da natureza. Não podemos e nem vamos modificar esse fenômeno, mas devemos e podemos buscar várias alternativas de convivência com esse clima.

Uma das ações mais significativas no campo da convivência com o semiárido é dotar as famílias de um equipamento adequado para captar a água da chuva para consumo humano, como as cisternas. São reservatórios que captam 16 mil litros de água, suficientes para abastecer uma família de cinco pessoas por 10 a 11 meses, se utilizado apenas para beber e cozinhar. Esta é uma das atividades da ASA, do MOC e de outras organizações.

O debate que se faz na atualidade é que o semiárido, na sua totalidade, necessita de cerca de 1 milhão e duzentas mil cisternas, para que sua população esparsa possua capacidade instalada de armazenar a água que cai da chuva e utilizá-la para beber e cozinhar durante um bom período.

Mas, construir este processo para toda a população do semiárido não é possível apenas pela sociedade civil. Por isso que hoje há uma ação comum de governo federal, estadual, alguns municípios e muitas organizações da sociedade civil, no sentido de fazer valer esta iniciativa das cisternas e outras de convivência com o semiárido.



Através do P1MC (Programa Um Milhão de Cisternas), 1.283.338 pessoas já tiveram respeitados seu direito de acesso à água de beber e cozinhar, no semiárido.

Além destas cisternas construídas até final de 2009 pela ASA, na Bahia, houve um processo também para aumentar o respeito aos direitos de acesso à água, com a criação do Programa Água Para Todos<sup>21</sup> do governo do Estado, que já construiu na Bahia mais de 18 mil cisternas de captação de água para consumo humano.

Estas alternativas de captação e armazenamento de água para beber e cozinhar ajudam a garantir que as pessoas tenham acesso ao bem natural universal que é a água, criando autonomia.

Como já comentamos, não basta construir as cisternas, é preciso sempre ter cuidado no manuseio adequado, para que a água não fique contaminada. E este processo você, professor/a, pode ir sempre trabalhando na escola, orientando os/as educandos/as e suas famílias para:

- a) Deixar sempre a cisterna bem fechada, para evitar o acesso de animais e outros insetos;
- b) Não usar baldes sujos para pegar a água, ter uma vasilha específica;
- c) Limpar as bicas da casa;
- d) Deixar cair a primeira água da chuva para limpar o telhado e só depois deixar a água cair na cisterna;
- e) Filtrar e clorar a água das cisternas, lavando o filtro todos os dias;

Além destes cuidados, é necessário que, na escola, na família, na comunidade, no município e na região se construa um processo permanente de mobilização pelo direito ao acesso e cuidado com a água para consumo humano.

## TRABALHANDO A TEMÁTICA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Como você pode perceber, professor/a, a temática “Água para o Consumo Humano”, possibilita trabalharmos muitos elementos de convivência com o semiárido, na sala de aula.

As informações que trouxemos neste texto, bem como no texto inicial sobre o semiárido, podem ser ampliadas na hora de planejar e preparar o seu trabalho.

21 Pesquisa: <http://www.sedes.ba.gov.br/sitesedes/?s=Programa+Agua+para+Todos> em 13/12/2009.

A escola deve ser um espaço onde as pessoas, em especial, as crianças e adolescentes, famílias e comunidade construam conhecimentos sobre os cuidados com a água. Além disso, também, a escola precisa garantir que a água consumida seja de qualidade para beber e para a alimentação escolar saudável. E aqui neste texto, quando falamos em ambiente escolar, estamos nos referindo às escolas do campo do semiárido. Portanto, esta temática está muito presente na vida dos/as educandos/as e pode possibilitar uma educação mais significativa, através do trabalho com um Projeto Pedagógico com a temática Água, que você pode desenvolver com outros/as professores/as da sua escola.

## 1 Planejando e organizando conteúdos

Os conteúdos a serem trabalhados com a temática Água para Consumo Humano, são diversos, como veremos mais adiante. Como todo conteúdo, este também precisa estar bem organizado e planejado, com objetivos claros do que queremos.

Uma sugestão pode ser a realização do planejamento. Dessa forma, para iniciar um trabalho, pode-se fazer um levantamento com as famílias se elas têm cisternas, se têm filtros, de onde vem a água de beber e cozinhar, se os animais têm acesso ao mesmo reservatório de água, etc. Assim, com esses dados que as famílias e os/as educandos/as irão pesquisar, pode-se realizar algumas atividades para serem desenvolvidas a partir dos conteúdos das diversas áreas de conhecimentos. Ao planejar, precisamos pensar bem que conhecimentos queremos construir e quais os conteúdos. Alguns conteúdos podem ser, por exemplo: cuidados necessários com a água, causas das doenças provocadas pela água contaminada, os elementos que constituem o semiárido e inserir, de forma interdisciplinar, as diversas áreas de conhecimento: linguagens, matemática, geografia, história, ciências naturais, etc. Vocês, professores e professoras, poderão buscar e planejar muitos conteúdos usando toda sua criatividade. O mais importante é fazer um bom planejamento a partir da metodologia da pesquisa-ação.

## 2 Desenvolvendo atitudes

Olhando a perspectiva de um desenvolvimento ambientalmente sustentável, que mudanças de atitudes você, professor/a, quer provocar ao trabalhar com Água para Consumo Humano? Dentro do planejamento, precisamos ter muito claro que atitudes buscamos e o que queremos desenvolver nos/as educandos/as ao trabalhar com esta temática. É possível provocar várias mudanças de atitudes, não apenas com educandos/as, mas também com a família, em especial, nas formas de captação, tratamento e cuidado com a água. Atitudes como:

- a) Mudar a atitude para ter maior cuidado e preservação de um bem natural, que todos seres vivos do mundo precisam para viver;
- b) Ter maior cuidado no manuseio das cisternas;
- c) Sempre filtrar e clorar a água;
- d) Não desperdiçar água;

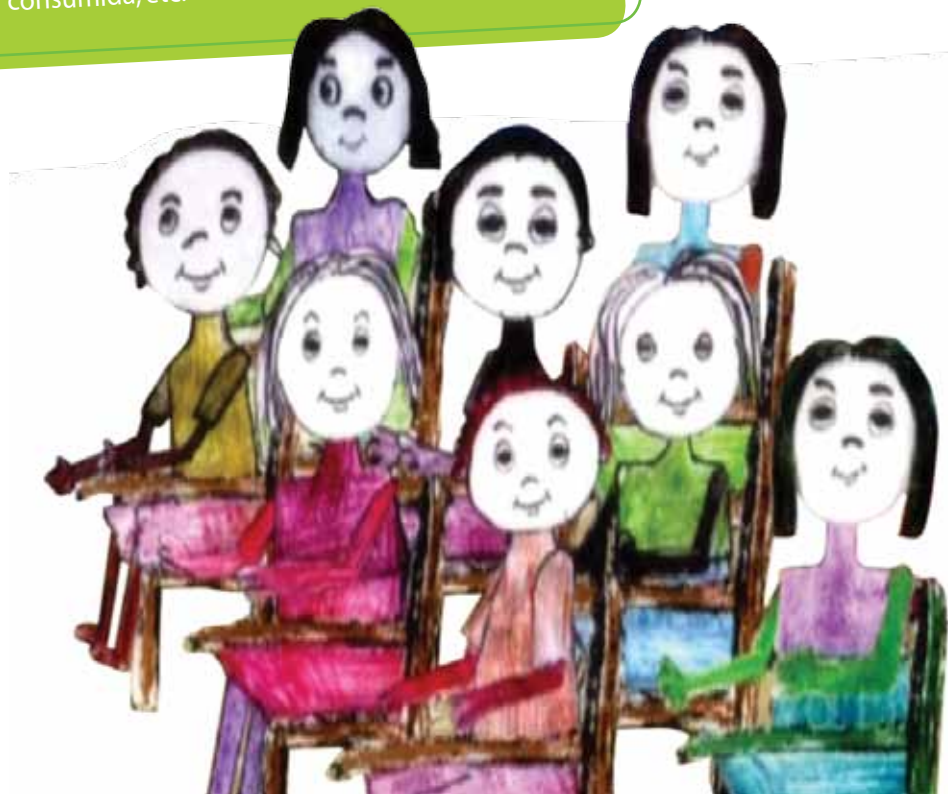
Trabalhar estas informações na escola, além de construir conhecimentos para melhorar a qualidade de vida da população, das famílias dos/as educandos/as, também traz a valorização do semiárido, contribuindo para que os/as educandos/as sejam vigilantes da qualidade da água e defendendo o direito à água de boa qualidade em casa e na escola. Fazendo isso, estaremos fortalecendo a ideia de que o povo do semiárido, o povo sertanejo não nasceu para passar sede nem fome, mas para irradiar, para viver dignamente e com seus direitos garantidos e respeitados.

### 3 Avaliando a Aprendizagem

Caro/a professor/a, ao trabalhar com esta temática, você pode avaliar não apenas os conteúdos curriculares das diversas áreas de conhecimento, mas as mudanças de atitudes, a criação de novos valores, o processo de desenvolvimento que os/as educandos/as tiveram durante o trabalho com a temática. O que realmente mudou na vida dos/as educandos/as e das famílias após o trabalho com a temática? Que conteúdos curriculares os/as educandos/as realmente adquiriram e construíram a partir do trabalho com a temática? Existem variadas oportunidades de avaliação de aprendizagem mais ampla. Por exemplo:

- Qual o entendimento que as criança desenvolveram em relação à água, não como uma doação e um favor e sim, como um direito?
- Quais as práticas que os educandos/as desenvolveram na escola, no que se refere ao cuidado com a água, ao não desperdício, à exigência da filtração antes do consumo, para ajudar as famílias a cuidar das cisternas?
- Cuidados com a saúde e em especial as verminoses transmitidas pela água não tratada;
- Como está sendo feita a captação da água da chuva nas casas dos/as educandos/as? Após essa captação, como é feito o manuseio? Verificar se está sendo tratada antes de ser consumida, etc.

Estas são questões que avaliamos como questões da vida e do que a pesquisa produziu. Mas, por se tratar de uma educação escolar, precisamos também avaliar os conteúdos curriculares, como foi o avanço dos/as educandos/as em relação à temática, em matemática, geografia, linguagens e as diversas áreas.

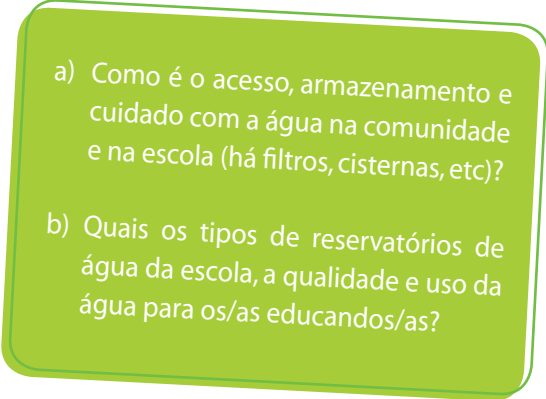




## 4 Contribuindo com o planejamento dos passos metodológicos

### 4.1 Dicas do conhecer

Para CONHECER a realidade, que é o primeiro passo da metodologia, o/a professor/a pode fazer uma breve apresentação sobre água para o consumo humano e elaborar algumas questões para uma pesquisa, visando conhecer a realidade do problema de água na comunidade. Como sugestões, podemos fazer por exemplo:

- 
- a) Como é o acesso, armazenamento e cuidado com a água na comunidade e na escola (há filtros, cisternas, etc)?
  - b) Quais os tipos de reservatórios de água da escola, a qualidade e uso da água para os/as educandos/as?

As perguntas para iniciar a pesquisa podem ser mais detalhadas, a depender do nível de desenvolvimento da turma.

Após a coleta desses dados, sintetizá-los em sala de aula, fazendo um quadro quantitativo da comunidade.

Após este momento da coleta e sistematização, é hora de passar para o próximo passo.

### 4.2 Dicas do Analisar

Este é o momento de aprofundar os dados sobre Água para consumo humano, colhidos pelos/as educandos/as na pesquisa e ir produzindo novos conhecimentos. Também, é o momento de inserir, de forma interdisciplinar, os conteúdos curriculares a partir do tema ÁGUA.

Como nossa proposta é de que todo trabalho na escola deve ser de forma interdisciplinar, as aulas devem contribuir para a construção de conhecimentos integrados e significativos para a vida dos/as educandos/as.

Vamos ver algumas dicas abaixo, a partir do tema água:

#### **a) Visitar uma cisterna ou aguada próximo à escola, para coletar amostra de água para fazermos experimentações diversas**

Essa atividade serve como base para várias atividades interdisciplinares:

- Fazer um relato, utilizando várias formas de linguagem, do que foi observado (desenho, textos, poesia, a depender do/a educando/a) trabalhando a área de linguagem;
- Desenvolver jogos com problemas matemáticos: cruzadinha, dominó, usando as medidas de comprimento da cisterna, a capacidade de armazenamento de cada reservatório, unidades de medidas, quantidade de litros, etc.;
- Debater com os/as educandos/as as condições climáticas, especificando o semiárido, tipo de solo, vegetação próximo às aguadas ou às cisternas, resgatar quais eram os reservatórios que existiam antes e hoje não mais;
- Trabalhar textos informativos sobre a importância da água na vida humana e suas formas de armazenamento, as verminoses transmitidas pela água não tratada, aproveitando para debater elementos gramaticais.



Cabe a você, professor/a, aproveitando e estimulando o potencial criativo dos educandos/as, desenvolvê-los mais ainda. Com uma atividade integradora, há uma variedade de elementos das diversas áreas, que você pode explorar.

### **b) construir com os educandos/as os mandamentos sobre a partilha da água**

Uma forma de envolver os/as educandos/as é a construção coletiva de um texto tipo *Mandamentos da Água*, com elementos que podem ser feitos e que não podem para garantir uma água de qualidade.

- Construir coletivamente com educandos/as textos diversos sobre quais as melhores condições na garantia de se ter uma água potável em casa e na escola; como cuidar desta água; o que não devemos fazer para desperdiçar água. Com esses e outros elementos, construir os *Mandamentos da Água*. etc. Com este texto, pode-se desenvolver atividades gramaticais e diversas outras na área de linguagens.
- A partir da construção dos *Mandamentos da Água*, desenvolver uma lista com os critérios de boas práticas na escola e em casa, de como deve ser o tratamento da água antes de beber.
- Detectar, através de uma enquete e depois expor no jornal mural, como cada um em sua casa armazena a água antes de consumir. Pode-se fazer um gráfico com essas informações. Fazer textos de como é o processo do manuseio da água até chegar ao copo, como a água é partilhada na família, na comunidade.
- Problematizar quais os/as educandos/as que em sua casa não possuem filtros e trabalhar as verminoses que podem existir na água não tratada e nos Mandamentos da Água colocar o que pode-se fazer para não ter verminoses.

Existem várias possibilidades de desenvolver problemas matemáticos. Podemos e devemos procurar trabalhar a interdisciplinaridade. Os textos dos problemas para serem resolvidos poderão ser os mesmos utilizados na área de linguagens, geografia, histórias, em outras áreas, dando-se, no entanto, ênfase à temática Água.

### c) Trabalhar com música que descreve sobre a água

Existem algumas músicas que tratam da questão da água, a exemplo da música Planeta Água de Guilherme Arantes, Triste Partida de Luiz Gonzaga, dentre outras. Além de ser uma aula lúdica, podemos contextualizar, ampliar e construir novos conhecimentos, inserindo os conteúdos curriculares. Por exemplo:

- A partir da letra da música sobre a Água, trabalhar elementos gramaticais, vocabulário, tipologias textuais, dentre outros elementos;
- Incentivar que os/as educandos/as produzam textos em versos, em formas de cordel, acróstico, poesia, que fale da água de beber;
- Desenvolver problemas matemáticos usando o próprio texto e música que os/as educandos/as fizeram ou conhecem;
- Comparar as letras das músicas que falam de água que as famílias conhecem com as que existem hoje;
- Verificar se na música contempla o semiárido ou outras regiões do Brasil – debater isso em sala de aula;
- Estudar História do Brasil a partir da migração por conta das secas, da falta de chuvas.

### d) Realizar uma experiência prática de plantio simbólico

No desenvolvimento infantil, a experimentação é muito importante e facilita o aprendizado. Plantar uma semente (pode ser feijão, milho, etc.) em duas vasilhas diferentes. Numa das vasilhas, todos os dias molhar e na outra, não. Com o tempo, observar o que acontece e pedir para relatarmos por escrito.

- No relato escrito, trabalhar elementos de linguagens. Pode-se solicitar trabalhos em grupos e a expressão através de diversas linguagens, utilizando a temática.
- Observar e estudar o tipo de terra – de que solo foi tirada para plantar a semente.
- Trabalhar operações matemáticas a partir da quantidade de água que colocou todos os dias, multiplicando, somando e relacionando com uma plantação maior.
- Estudar tipos de sementes e nutrientes das plantas.

Temos muitos elementos a serem explorados nas diversas áreas de conhecimentos, basta pesquisar mais dados e usar a criatividade.



### 4.3 Dicas do transformar

Após o tema Água para Consumo Humano ser pesquisado, debatido, sintetizado, estudado, é hora de provocar mudanças daquilo que se detectou como falha ou deficiência: é hora de transformar a realidade encontrada com a pesquisa.

A escola, neste processo, deve devolver à comunidade o novo conhecimento por ela construído no analisar e provocar a comunidade a planejar ações concretas para mudar a realidade encontrada. Por exemplo:

- Se na pesquisa se encontraram problemas na captação e armazenamento, debater e desenvolver com os/as educandos/as e comunidade qual é a melhor forma para buscarmos a mudança no sentido de melhorar a captação e armazenamento da água de boa qualidade tanto na escola, como nas casas das famílias. Buscando envolver toda comunidade, pode-se sugerir uma carta com assinaturas da comunidade para que os gestores viabilizem o que for detectado. Pode-se incentivar para que as famílias cuidem melhor da água, dentre outras alternativas;
- Encaminhar para a Secretaria responsável o que se precisa para melhorar, por exemplo: os dados das escolas que não possuem cisternas e nem filtro para que os gestores, através da mobilização da comunidade, viabilizem esses problemas, dentre outras possibilidades;



- Incentivar para que, neste momento, a escola busque solução para estes problemas, pois a alimentação escolar deve e precisa ser feita com água de boa qualidade, para garantir segurança alimentar e a água ser um elemento essencial para isso;
- Organizar comissões de pais para buscarem junto ao poder público, à Secretaria de Desenvolvimento Social, por exemplo, filtros para as famílias que não possuem em casa, caso haja um número razoável de famílias que não os têm.

Todo conhecimento que a escola descobriu e construiu deve ser depois socializado e debatido com a comunidade, buscando transformar, mudar para melhorar a vida. Este momento é muito importante para que a família e a comunidade dêem um novo sentido à escola e também valorizem tudo que suas filhas e filhos estudaram, descobriram e construíram, para melhorar a captação e o manuseio da água.

Como fonte de pesquisa e estudos, por exemplo, pode-se utilizar a Cartilha da ASA Uma Aula Diferente: Aprendendo sobre Água de Cisterna (2009).

## 5 Leitura prazerosa no projeto Baú de Leitura

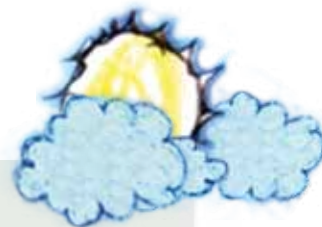
O Projeto Baú de Leitura tem uma metodologia de incentivo à leitura prazerosa e lúdica, com base na concepção de uma educação do campo, com um acervo literário de histórias infanto-juvenis, contos, fábulas, com o objetivo de contribuir ao prazer da leitura entre as crianças e adolescentes. No acervo do Baú há os variados livros de literatura, divididos em três Motes (Identidade, Meio Ambiente e Tecnologia e Cidadania). No mote dois, meio ambiente, sugerimos alguns livros com a temática Água, com histórias bem divertidas, que depois podem ser trabalhadas nas diversas dimensões que o Baú de Leitura proporciona: dimensão lúdica, dimensão artística, dimensão social e política da leitura:

LADEIRA, Julieta de Godoy. **Aventuras e Perigos de Um Copo D'água**. São Paulo: Atual, 2010.

EMILIO, Júlio. **O Riacho**. São Paulo: FTD, 2003.

PIROLI, Wander. **Os Rios Morrem de Sede**. São Paulo: Moderna, 2000.

RENNÓ, Regina Coeli. **Que Planeta é Esse?** São Paulo: FTD, 2003.



### Uma aula diferente

Reginaldo Miranda de Souza<sup>22</sup>

*Tentei realizar uma aula diferente. Como professor da Escola D. João de Oliveira Campos, dei continuidade ao trabalho do CAT, cuja metodologia contribui para o desenvolvimento das pessoas, famílias e comunidade. Ao perceber, pelos comentários dos/as educandos/as que na casa de D. Edilene Santos, a água não era devidamente tratada antes de beber, a questão do desperdício era muito frequente. Conversamos com ela e pedimos permissão para ela nos conceder o direito de desenvolver uma aula com nossas crianças em sua casa. Foi permitido.*

*Então, fomos lá com as crianças da quarta série, vimos a cisterna, algumas plantas ao redor da casa. Começamos a aula abordando o tema: Água. Para iniciar, contamos a historinha do Papagaio e o Incêndio, depois pedi para D. Edilene (que por sua vez não sabia a razão da aula ser em sua casa), para comentar o que significava cada gotinha de água para aquele pássaro e ela então explicou:*

*- Para o homem talvez não importasse aqueles pingos, mas, para o papagaio sim, pois tinha esperança de apagar o fogo e, quem sabe, Deus não se penalizava daquele animalzinho e mandava uma chuva que também de pingo em pingo apagaria aquele fogo.*

*A turma logo concordou com Dona Edilene, e comentamos a importância de cuidar da água e de economizar mais ainda no semiárido.*

*Em seguida, pedimos para os/as educandos/as pegarem o livro de Ciências de Ângela Gil, nas páginas 26 e 27 e lerem coletivamente. Logo após, numa roda de conversa, refletimos sobre a importância de cuidar e preservar a água. Na sequência, assistimos juntos ao terceiro episódio do desenho animado Água vida e alegria no semiárido.*

*Após essa atividade, solicitamos que cada criança ali presente observasse bem esses cuidados em sua própria casa. A partir da observação do vídeo, surgiram vários relatos, entre eles destacou-se o comentário de D. Edilene:*

<sup>22</sup> Professor da Rede Municipal de Educação do Município de Riachão do Jacuípe.

- Eu observo que algumas famílias não economizam a água como deviam aqui. Eu mesma, às vezes, pegava água da cisterna para molhar as plantas, sendo que a fonte é perto; uso também para jogar no banheiro, mas descobri que da água que passo pano na casa, da que enxaguo a roupa mesmo, também posso usar para o banheiro, também posso passar pano na casa, etc. Aprendi várias formas de tratar a água antes de beber e não desperdiçar.

Perguntamos em que aquele vídeo e as demais informações servirão para nossa vida, nas atitudes em relação aos cuidados com a água.

Foi uma ótima discussão.

Assim, encerramos a aula, pedimos desculpas à D. Edilene pelo incômodo e agradecemos pelo espaço cedido da casa para a aula daquele dia e ela respondeu:

- Foi legal, pois eu também aprendi bastante e vou pôr em prática. Na medida do possível, quero orientar as pessoas da vizinhança.

Este foi um trabalho muito prazeroso realizado com a turminha da 4ª série. Acredito que valeu muito, pois já noto a mudança de postura dos/as educandos/as e na casa de D. Edilene, em relação aos cuidados com a Água.

## REFERÊNCIAS

ASA. **Semiárido**: Aprendendo a Conviver. Recife: ASA/ UNICEF/ MOC, 2003.

ASA. **Uma Aula Diferente**: aprendendo sobre água de cisterna. Recife: ASA, 2009.

ASA. **Programa um milhão de Cisternas**. Acessado no site [www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br) em 25/09/2009.

SEDES. **Programa água para todos**. Acessado no site [www.sedes.ba.gov.br/sitesedes](http://www.sedes.ba.gov.br/sitesedes), em 28/09/200.

# Água para Produção Familiar

Zhara Leite Souza<sup>23</sup>

## Água no Mundo!!!

Segundo a ANA – Agência Nacional das Águas, 70% da superfície do planeta são cobertas por água, entretanto apenas 2,5% estão disponíveis para o consumo humano, o restante encontra-se nos mares e oceanos. O Brasil concentra 12% da água doce do planeta e a maior consumidora desses recursos hídricos são as atividades econômicas: 18% da água consumida são utilizadas nas indústrias, 53% na agricultura e apenas 29% no consumo doméstico. Além disso, essa água é distribuída de forma irregular pelo país. Algumas regiões possuem mais disponibilidade de reservatórios naturais de água como rios, lagos e lençóis freáticos que outras.

**E a sua região possui muitos reservatórios de água?**

## INTRODUÇÃO

No texto anterior, refletimos sobre a Água para Consumo Humano. Queremos agora aprofundar o conhecimento sobre água para a produção. Vamos começar nos questionando: Qual a importância da água em nossa vida em sociedade? Seria possível a vida em sociedade sem o acesso à água? Existe uma relação entre o acesso à água e a cidadania?

Entender estas questões é fundamental para a convivência com o semiárido. A educação do campo deve ter o compromisso de contribuir, a partir desse debate, com a construção de possibilidades de melhoria da vida das comunidades rurais e de uma imagem positiva do campo. Assim, este texto reúne debates e reflexões sobre a água no contexto do semiárido e orientações pedagógicas que contribuem para o seu planejamento.

23 Técnica do Programa de Educação do Campo do MOC – Movimento de Organização Comunitária, Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana.





# CONTEXTUALIZANDO E REAFIRMANDO VALORES

## 1 Água para produção é um direito!

A água é um bem natural importante para a manutenção da vida humana e é também fundamental para a produção da vida em sociedade.

Que tal pensarmos juntos como a água é utilizada em nossa vida em sociedade? Bem, sabemos que a água está presente na produção de energia elétrica que chega às nossas casas, movimenta o comércio e a indústria, está na base da produção de alimentos pela agricultura e pecuária e na elaboração de produtos industrializados. E nas nossas vidas, para além da sua importância nas atividades sociais de lazer, culturais e econômicas, busca-se que o acesso à água se efetive como um direito humano e não apenas como um bem econômico.

Entretanto, percebemos que a água nem sempre é bem utilizada por todas as pessoas e a serviço de todas as pessoas. Enquanto alguns têm acesso à água em abundância para uso pessoal e coletivo, outros não têm sequer água para beber.

Quando as pessoas têm o seu direito à água respeitado, isso se traduz em autonomia e liberdade. Há, porém, casos em que acontece o contrário. Nos locais em que há a escassez ou perda do acesso à água em condições adequadas para consumo e para produção, ela se torna, muitas vezes, um instrumento de politicagem. Por exemplo, aqueles que detêm em suas mãos a concentração da terra, da água e do poder, usam a água como moeda de troca de votos ou favores políticos. Isso se dá por conta de um modelo de desenvolvimento histórico baseado no clientelismo e na construção de grandes obras, que favorecem a concentração da água para poucos.

É, vimos que muitas vezes a negação do acesso à água gera uma dependência social e política das famílias. Muitas famílias que vivem da produção agrícola, necessitam dela não apenas para o consumo humano, mas, também, para desenvolvimento de suas atividades produtivas, como plantar e criar animais. E quando elas perdem a autonomia do processo de captação e uso da água, tornam-se dependentes, gerando conflitos políticos e sociais.

Uma forma de esconder esta questão social do direito humano à água é colocar a responsabilidade desse problema nas condições climáticas. Ao invés de mostrar que a responsabilidade desses fatos está nas políticas inadequadas e na injustiça social existente em nosso país, utilizam o clima semiárido e o fenômeno da seca como justificativa para a situação socioeconômica em que vivem as famílias do semiárido.

Por isso, professor e professora, é preciso entender que o direito à água é essencial para a garantia de outros direitos fundamentais aos seres humanos, como o direito à alimentação, ao trabalho e à liberdade política. E esses direitos não devem ser trocados. Assim, a escola deve ser um espaço de debate e reflexão sobre essa temática e possui um papel fundamental na transformação dessa realidade.

## 2 Chovendo, plantando e colhendo no semiárido

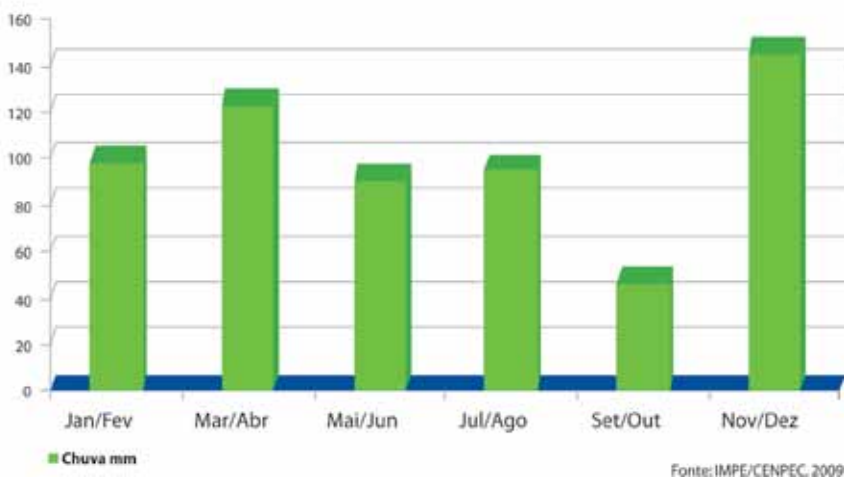
O semiárido possui uma grande diversidade ambiental, cultural e social, isso já sabemos. Aprofundamos esse debate nos textos de Cultura e Identidade no Semiárido. Sabemos, também, que é um território que possui um clima marcado pela irregularidade de chuvas e altas temperaturas. Embora os períodos de estiagem sejam longos, o Semiárido Brasileiro é um dos mais chuvosos do mundo e possui uma média de chuvas anuais entre 300 e 800 mm, como podemos observar no gráfico de chuvas de 2009, do município de Valente. Entretanto, essas chuvas são concentradas e irregulares, ou seja, existe uma imprevisibilidade quando e onde a chuva irá cair. Somados a isso, temos processos inadequados de armazenamento que, junto com o alto índice de evaporação da água, fazem com que 97% da chuva que cai no semiárido não permaneça no ambiente (ASA, 2009).

Isso significa que o nosso semiárido possui disponibilidade de água. Mas, para onde vai toda essa água? A água retida nos reservatórios naturais de água é, em sua maioria, temporária, ou seja, não permanece por muito tempo no ambiente, por causa das elevadas temperaturas e evaporação. Além disso, os solos do semiárido são rasos, com pouca capacidade de armazenamento de água.

### A água que não vemos!!!

Segundo a ANA para cada quilo de arroz consumido são necessários cerca de 2 mil litros de água para produzi-lo e para cada quilo de carne bovina são gastos aproximadamente 7 mil litros de água. Na indústria o consumo de água para produção é maior ainda: para se produzir 1 Tonelada de aço gasta-se cerca de 280 mil litros de água e para se produzir 1 automóvel de passeio estima-se o uso de 150 mil litros de água.

Regime de Chuva 2008  
Município de Valente



Soma-se a essas questões uma realidade comum que é a construção de reservatórios inadequados de água, como grandes barragens, açudes e transposições de rios, que não correspondem às demandas da região e à democratização do acesso à água, por se tratarem de soluções que, ao invés de democratizar a água, concentram nas mãos dos poucos que sempre tiveram acesso.

Vamos refletir um pouco nossa realidade. No seu município, a água está ao acesso de todos, ou está concentrada nas mãos de poucos? Será que essa é uma realidade comum? E por que isso acontece?

A concentração da água e da terra no semiárido está vinculada a um modelo agrário latifundista, que mantém a centralização do poder econômico, político e amplia as desigualdades sociais, dando continuidade ao processo histórico de exclusão dos agricultores e das agricultoras familiares e de degradação ambiental. Vimos esse debate na ficha sobre Agricultura Familiar no Semiárido e aqui refletimos um pouco mais sobre a concentração e uso da água.

No Brasil, segundo a ANA, o uso da água na agricultura intensiva irrigada corresponde a cerca de 65% das águas retiradas dos rios e das águas subterrâneas, sendo que apenas 30% dessas são de fato absorvidas pelas plantas. Estima-se que 70% se percam no ambiente. Vale saber também que 30% das terras irrigadas estão comprometidas por salinização ou degradação. Esse modelo agrário latifundista e monocultor é responsável pelo grande desperdício de água nos perímetros irrigados, desmatamento da caatinga, uso intensivo de agrotóxicos, que causam a degradação dos solos, das águas e da biodiversidade.

Se olharmos mais especificamente o semiárido, veremos que muitas das experiências de utilização de água para produção são marcadas pelo grande desperdício de água, através das tecnologias de pivô central e outras, assim como de grande concentração do uso da água por algumas pessoas e grupos, em detrimento da maioria da população que, por vezes, não tem água nem para consumo dos seus animais.

E é desse contexto que surge a necessidade de pensar diferentes alternativas para criar e utilizar reservas hídricas, que atendam às necessidades de produção da população do semiárido. Mas, professor e professora, o que fazer diante desse contexto?

## **Poluição das Águas, Não!!!**

Surge uma outra questão: A poluição e contaminação das águas por dejetos químicos e agrotóxicos podem se tornar problemas mais graves que a própria falta de água. Ou seja, ter pouca água e não poder utilizá-la, por estar contaminada. Segundo a CPT, 20% da população não têm acesso à água potável, 50% das casas não possuem rede de esgoto e 80% do esgoto coletado são jogados diretamente nos rios sem nenhum tratamento. Isso faz com que 70% dos rios brasileiros estejam poluídos.

**Você já observou os grandes reservatórios de água do seu município, como rios, açudes ou barragens? Como estão sendo cuidados e utilizados?**



### 3 Pensando em tecnologias alternativas

Uma das alternativas é o desenvolvimento de tecnologias sociais de armazenamento, aproveitamento e tratamento da água da chuva, o que pode ser extremamente vital para a sustentabilidade e convivência com o semiárido.

Essas tecnologias, expressões da convivência com o semiárido e não das políticas de combate à seca, mostram possibilidades de viver no semiárido, com soluções mais simples, viáveis, de domínio das comunidades e que viabilizam a vida, evitando-se transposições e outros processos mais impactantes ao ambiente.

Com base nessas alternativas, é necessário pensar o acesso à água não apenas para o consumo humano, mas, também, água para produção agrícola, pois, nos períodos de estiagem, muitas famílias perdem sua produção pela falta de água. Esse é um fenômeno social que interfere diretamente na vida produtiva das pessoas, reforçando desigualdades políticas e econômicas.

Dessa forma, pensar tecnologias e metodologias adaptadas ao semiárido para captação e utilização racional da água da chuva é essencial para convivência com o semiárido, melhoria e autonomia política e produtiva das famílias, desestruturando as tradicionais formas de dominação política, hídrica e agrária. A seguir, vamos ver algumas modalidades de guardar e utilizar a água das chuvas para a produção.

### 4 Guardando e utilizando a água da chuva!!!

Existem muitas experiências para captação e uso da água de chuva desenvolvidas no semiárido, na sua maioria, por agricultores e agricultoras. Estas experiências têm sido multiplicadas em fóruns como a ASA<sup>24</sup>, que vem ao longo dos anos contribuindo para a construção de políticas públicas adequadas para o semiárido, como o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). A ASA vem disseminando tecnologias simples, com baixo custo e eficientes para armazenamento descentralizado de água, buscando promover a segurança alimentar e a geração de renda das famílias agricultoras, através do acesso à terra e à água e do seu manejo sustentável para a produção de alimentos. Esta proposta se contrapõe ao modelo de agricultura de extensão, seja latifundista e conservadora, ou o agronegócio, responsável pelo grande desperdício e poluição das águas.

Dentre as experiências exitosas em tecnologias sociais de uso comunitário temos:

#### 4.1 Cisterna Calçadão

Trata-se de um recipiente de cimento, construído quase todo dentro da terra e que armazena a água. Quando chove, a água escorre por uma grande calçada de cimento construída para direcionar a água para o recipiente. Geralmente, uma cisterna calçadão armazena 52 mil litros de água, o que é suficiente para o consumo animal, manter uma pequena horta e pomares. Há experiências de agricultores e de agricultoras que conseguiram construir uma cisterna por projetos, economizaram dinheiro, depois construíram outra, e assim ganharam mais autonomia na sua propriedade.

24 ASA – Articulação do Semiárido – é composta por mais de 2000 organizações sociais locais e regionais e vem lutando por um desenvolvimento justo para o semiárido.



## 4.2 Barragem Subterrânea

A barragem subterrânea reserva a água no próprio solo. Ela consiste na construção de uma barragem no solo, em área com declividade, favorecendo que no período da chuva a água seja armazenada no solo, na parte mais baixa. Essa barragem pode ser de concreto ou lona colocada no solo até a sua camada impermeável, ou seja, a rocha. Com essa barragem, o solo permanecerá úmido no período da estiagem, aumentando a resistência das lavouras e pomares em períodos de seca.

## 4.3 Irrigação por Gotejamento

A irrigação tradicional é caracterizada pelo desperdício de água, sendo a técnica mais comum a irrigação de pivô. Boa parte da água escoar e não permanece no solo. A irrigação por gotejamento é uma técnica, que visa ao controle do uso da água; é precisa e econômica. Para realizar este tipo de irrigação, é preciso mangueira e gotejadores. Alguns agricultores e agricultoras familiares utilizam baldes ou garrafas plásticas como recipientes e canetas como gotejadores, inovando na construção de irrigação. São os gotejadores que liberam a água vagarosamente, para que ela seja absorvida pelo solo e pela planta. Essa é uma ideia interessante para experimentar na escola com os educandos e educandas.

Essas experiências, ao invés de serem caras e de aplicarem grandes somas de recursos para concentrar a água, são experiências de partilha da água. Levam a água para as populações que vivem em lugares distantes e, às vezes, isoladas, aquelas que dificilmente teriam acesso à água sem estas tecnologias. Podemos afirmar que são tecnologias de democratização do acesso à água.

Professor e professora, para conhecerem outras tecnologias sociais de armazenamento e uso da água, visitem o site [www.asabrazil.org.br](http://www.asabrazil.org.br), conheçam e incentivem as crianças e adolescentes a pesquisarem outras experiências como o tanque de pedra, o barreiro de trincheira, a cisterna de enxurrada, dentre outras.

### Você já debateu em sala de aula sobre transposição do rio São Francisco?

O Rio São Francisco, também conhecido como Opará, que significa Rio-Mar na linguagem indígena, ou popularmente como Velho Chico. Ele possui 2.830 km de extensão, atravessa os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, cortando o semiárido brasileiro. Embora o rio seja tão importante para as populações que vivem em seu entorno, o desmatamento das suas margens, o assoreamento do seu leito e a poluição vêm degradando o seu ecossistema. Além disso, temos o projeto de TRANSPOSIÇÃO das águas do rio.

Você sabe como será a transposição? O projeto de transposição do São Francisco consiste na retirada de água para outros rios temporários dos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Este é um projeto do governo federal, que tem um custo elevado e está em execução.

A questão central do debate é que a transposição não soluciona o problema de abastecimento de água no campo, nem para o consumo humano, nem para a produção agrícola familiar. Estamos falando de uma área de 975 mil Km<sup>2</sup>, onde vivem cerca de 22 milhões de pessoas. Apenas uma pequena área beneficiada pelos canais da transposição gerará uma supervalorização das terras e uma especulação imobiliária, na qual o agricultor familiar não terá acesso e estas terras acabarão sendo destinadas à produção monocultora do agronegócio.

Como vimos, o nosso semiárido possui uma disponibilidade hídrica e entendemos que o grande desafio é a distribuição dessa água. Trata-se de conviver com o semiárido, de entender o meio ambiente e criar alternativas de forma inteligente. É aqui que situa o grande desafio: levar água para a maior parte da população que não tem acesso à água e continuará sem ter com a transposição do Rio São Francisco.

### Você já pensou sobre isso?

## 5 Para proteger os reservatórios naturais e artificiais de água é preciso ter algumas atitudes:

- a) Educar para a convivência com o semiárido, valorizando os saberes da população;
- b) Organizar e mobilizar sua comunidade para debater o direito e acesso à água;
- c) Conhecer e trocar experiências de captação de água de convivência com o semi-árido;
- d) Cuidar bem dos reservatórios de água: não poluir, tratar água para o uso e deixar sempre sua cisterna fechada. Assumir práticas agroecológicas, pois estas não degradam o meio ambiente e não poluem os reservatórios de água;
- e) Preservar a biodiversidade do semiárido e garantir um equilíbrio ecológico: equilibrando o clima, melhorando a qualidade do ar, solo e água;
- f) Lutar por políticas públicas permanentes; que atendam às necessidades da comunidade e que busquem um desenvolvimento sustentável para sua população.

## 6 Água para viver!!!

Compreendemos que a água é importante para nossa sobrevivência e nossa vida em sociedade. A água não é apenas uma necessidade, mas um direito de todos os seres vivos. Entretanto, as práticas de uso e de gestão das águas têm mostrado que precisamos reaprender a valorizar e cuidar deste bem tão valioso. Dessa forma, precisamos reconhecer que a seca não se combate, de que é essencial conviver com a semiaridez, que o sertanejo é cidadão e que as políticas públicas desenvolvidas, bem como os financiamentos, devem levar em conta essa realidade, para que se garanta uma vida justa em sociedade.

A água é elemento primordial para conviver no semiárido com justiça, trabalho e dignidade. E a educação para convivência com o semiárido tem o compromisso de contribuir com a construção de uma imagem positiva do campo e de uma nova realidade com viabilidade e possibilidades de mudanças.

### Glossário

**Clientelista:** Relação política em que uma pessoa recebe de outra a proteção em troca do apoio político.

**Estiagem:** Falta de chuva.

**Latifundista:** Propriedade rural de grande extensão, cuja maior parte aproveitável não é aplicada à cultura ou utilizada em exploração econômica.

**Tecnologia Social:** produtos, metodologias ou técnicas criadas para solucionar algum tipo de problema social e que atendam aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil

# TRABALHANDO A TEMÁTICA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Em um processo de educação contextualizada, a escola deve ser um espaço de construção de uma imagem positiva do semiárido como lugar de vida, de cultura e de direitos. Para isso, é fundamental discutir a importância da água, não apenas para o consumo humano, mas, também, para o desenvolvimento de atividades econômicas, em uma perspectiva agroecológica de convivência com o semiárido. Assim, a escola pode contribuir com a disseminação de tecnologia de convivência com o semiárido e, até mesmo, se tornar um espaço de experimentação dessas tecnologias com as famílias e a comunidade.

## 1 Planejando e organizando conteúdos

O texto nos ajudou a aprofundar o debate sobre o tema água. Agora, é preciso pensar como organizar e planejar os conteúdos a serem trabalhados com os educandos e educandas.

O trabalho com o tema Água para Produção Familiar pode ser orientado a partir do conhecimento da realidade da comunidade no acesso à água e no seu uso para desenvolvimento de atividades produtivas. Mas, este é o início. Para que possamos aprofundar com os educandos e educandas a importância da água na cultura, na história, na política e no trabalho no contexto do semiárido, precisamos pensar agora quais conteúdos iremos desenvolver e aprofundar. Algumas sugestões podem ser: a dinâmica do ciclo da água no semiárido brasileiro e no seu município; entender a necessidade de desenvolvimento e identificar as tecnologias de captação de água que efetivamente se adaptam ao semiárido e um processo democrático de acesso à água; divulgar outras tecnologias que a comunidade não conheça; fazer debates sobre estas tecnologias, convidando pessoas de outras comunidades.

## 2 Desenvolvendo atitudes

A escola, para interferir no desenvolvimento da comunidade, deve despertar nos educandos e nas educandas atitudes diferenciadas em relação aos temas que debatemos. Assim, que tipos de atitudes a escola gostaria que seus educandos e educandas desenvolvessem sobre este problema? Algumas poderiam ser: despertar nos educandos e nas educandas a busca pelos seus direitos, favorecendo uma leitura crítica sobre a questão da água no semiárido; estimular valores de cooperação e solidariedade em relação à partilha da água; despertá-los e às suas famílias a terem iniciativas de criação e uso de tecnologias para convivência sustentável com o semiárido; motivar para o cuidado com o meio ambiente, a terra e a água, explicitado em atitudes de conservação das águas e de não desperdício, contribuindo assim com formas sustentáveis de desenvolvimento das comunidades.



### 3 Avaliando a aprendizagem

Avaliação da aprendizagem deve ser processual, fruto da observação e do acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem e, em nosso caso, em relação ao tema Água para Produção. E isso é um desafio para nós, professores e professoras! Por isso devemos observar quais conteúdos novos o educando e a educanda se apropriaram em relação às questões que debatemos. Contudo, como queremos também debater e mudar atitudes, teremos que observar quais valores e atitudes novas cada criança e cada adolescente desenvolveram, no que diz respeito à água para produção e às tecnologias sociais.

Esse exercício nunca foi fácil e torna-se mais simples quando o fazemos a partir dos objetivos de aprendizagem traçados por vocês, como por exemplo: a compreensão do educando e da educanda sobre a água como direito dos seres vivos; a capacidade de identificação de tecnologias de captação de água; a compreensão da importância da água na natureza e na vida em sociedade; a criticidade e reflexão nas produções e debates em sala de aula, o desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças e adolescentes, a partir de suas produções sobre o tema; a socialização e cooperação nos trabalhos de grupo, dentre outros traçados por vocês.

E vocês, caros professores e professoras, podem conversar com seus colegas sobre outros conteúdos, atitudes e formas de avaliar, que despertem seus educandos e educandas nesses aspectos.





## 4 Contribuindo com o planejamento dos passos metodológicos

### 4.1 Dicas do conhecer

Vocês têm o papel de estimular a curiosidade e o espírito de pesquisa das crianças e adolescentes. Para isso, devem, inicialmente, introduzir o tema, sensibilizar e envolve-los para que entendam a importância do tema e, assim possam, dialogar com os conhecimentos prévios delas. Depois, vocês podem sugerir a construção de um censo sobre água, entrevistar a comunidade em saídas de campo para conhecer e registrar as informações mais significativas, como: as formas de captação de água encontradas na comunidade, como esta água é utilizada pela comunidade e como a comunidade cuida dos seus reservatórios de água. Em sala, devemos sintetizar os dados e as informações trazidas pelas crianças e adolescentes. Essas informações sobre a situação da água na comunidade não devem se perder, pois serão elementos interdisciplinares de contextualização das áreas de conhecimento.

### 4.2 Dicas do analisar

O ANALISAR deve ser uma consequência do CONHECER, um momento de reflexão e produção de conhecimentos mais amplos sobre acesso à água. Deve-se pensar em atividades interdisciplinares que envolvam as áreas do conhecimento e estimulem múltiplas aprendizagens das crianças e adolescentes. A pesquisa contribuirá para a compreensão da realidade local no uso e acesso à água, e, mais que isso, será ponto de partida para desenvolver conhecimentos das diversas áreas.

Abaixo seguem sugestões de atividades interdisciplinares, que possibilitam trabalhar a temática Água para Produção Familiar, destacando conteúdos das áreas do conhecimento: linguagem, conhecimentos matemáticos, sociais, da natureza e saúde. Observem que, a partir delas, podemos trabalhar conteúdos dessas diversas áreas. Além disso, é importante que reforcemos o compromisso com a leitura e a escrita, sempre estimulando sua turma, através de estratégias variadas de leitura e produção textual, nas atividades propostas. Vocês, professores e professoras, decidirão como utilizá-las em seu planejamento, podendo inserir outros conteúdos disciplinares e, com sua criatividade, formular outras atividades integradoras.

#### a) Incentivar a pesquisa e leitura de textos em revistas, jornais e literaturas diversas sobre água no semi-árido

A leitura de texto deve ser incentivada a partir do trabalho em todas as áreas do conhecimento, utilizando diversas estratégias de leitura traçadas por vocês, como leitura orientada, em grupo, individual ou coletiva. É importante que esses processos sejam bem planejados para possibilitar um diálogo entre os educandos, as educandas e a leitura sugerida.

- Nesta atividade podemos aprofundar conhecimentos sobre água no semiárido, trabalhando interpretação e contextualização das informações.
- Levar as crianças e adolescentes a visualizarem outras formas de leitura, imagética e numérica, apresentando também diversas tipologias textuais.
- O conteúdo do texto escolhido por vocês deverá possibilitar debates sobre questões socioambientais, a água na natureza, acesso da comunidade à água, a relação entre as desigualdades sociais e o acesso à água, as diferentes formas de captação de água e a convivência com o semiárido.

- Lembrem-se de sempre localizarem no mapa os lugares, municípios, estados e regiões, que são trazidos pela leitura dos textos.

### **b) Visitar as experiências de cisterna calçadão ou barragens subterrâneas na comunidade com produção de um relatório de observação explorando a linguagem do desenho**

Esta é uma atividade que pode ser bem explorada pelo professor e pela professora. Os educandos e educandas podem elaborar o convite para as famílias que serão visitadas, assim como outras pessoas da comunidade, que poderão acompanhar a visita, como o pedreiro e técnicos agrícolas.

- A visita é uma atividade de observação e, para isso, vocês devem orientar os educandos e as educandas para produção de um relatório de observação, explorando a linguagem do desenho e da escrita. Caso haja a possibilidade, o registro pode ser fotográfico ou audiovisual.
- A visita pode ser acompanhada por um pedreiro, ou uma pedreira, para que possa explicar a construção e trabalhar com as crianças e adolescentes as operações matemáticas, fração, formas geométricas e medidas.
- Pode-se planejar um momento de entrevista com a família, dona da propriedade, sobre como ter acesso à tecnologia da cisterna, os custos, o que modificou na qualidade de vida das pessoas depois do acesso à tecnologia.
- Nesta atividade, vocês podem aprofundar os conhecimentos sobre clima, solo, fauna e flora do semiárido e realizar experimento com coleta e análise da qualidade e das propriedades da água dos reservatórios, colhida na comunidade.
- E, não se esqueçam de sistematizar estas experiências com seus educandos e educandas. É uma estratégia interessante de estímulo à escrita e também será muito importante no diálogo com as famílias.

### **c) Produzir um programa de rádio na escola, debatendo o tema água para produção nas comunidades**

O Programa de Rádio na escola busca disseminar ações de comunicação em sala de aula e na comunidade. Esta atividade deve envolver os educandos e as educandas para elaboração de um programa a ser veiculado na rádio da escola, na rádio comunitária ou mesmo na sala de aula.

- Inicialmente, é interessante debater com as crianças e adolescentes a importância dos meios de comunicação e como podemos utilizá-los para informar, refletir e reivindicar coisas importantes para a comunidade.



- Junto com a turma, deve-se construir a estrutura do programa, seu nome, a pauta, as campanhas a serem veiculadas, a coletânea musical, as entrevistas e definir as responsabilidades.
- O programa pode abordar o tema água para produção de diversas maneiras: disponibilidade da água na natureza, formas de armazenamento e cuidado, tratamento da água, água e saúde, dentre outras.
- É interessante utilizar dados da pesquisa sobre água na comunidade na programação da rádio, socializando as informações e levando a comunidade a pensar sobre o assunto.
- O trabalho com programa de rádio pode contribuir para melhorar a coesão e coerência nos textos das crianças, elementos gramaticais, como também para desenvolver sua oralidade e leitura. Por isso, estimulem em todas essas etapas o registro e a escrita do que será produzido.

#### **d) Planejar e organizar com a comunidade escolar a construção da horta com sistema de irrigação por gotejamento com garrafas plásticas**

O momento da construção da horta na escola deve ser especial. Vocês e suas turmas podem elaborar convites, cartilhas, listagem dos materiais necessários à construção da horta e do sistema de irrigação. A presença da família é fundamental neste processo, que se torna mais interessante se eles contribuem com a construção junto com seus filhos e filhas.

- Vocês podem trabalhar clima, solo e desenvolvimento vegetal antes do preparo da terra.
- No desenvolvimento da atividade, o professor e a professora podem trabalhar medidas e formas no desenho da horta e do sistema de irrigação, problemas e operações matemáticas para definirem as quantidades de materiais, sementes e mudas utilizadas.
- Antes de utilizar o sistema de gotejamento na própria horta, vocês podem realizar experimentos em sala de aula, com ajuda de agricultores e agricultoras da comunidade, mostrando as várias formas de construção desse sistema de irrigação. Ao trabalhar o sistema de irrigação em sala de aula, podem discutir com as crianças e adolescentes as propriedades físico-químicas da água e o processo mecânico de movimento da água saindo da garrafa até chegar às plantas.
- A partir desta atividade, vocês podem debater a produção familiar e industrial, a questão das técnicas de cultivo ao longo da história, a importância de uma alimentação saudável, o impacto dos agrotóxicos na saúde, dentre outras.

#### **e) Construção de uma estação climática na escola para observação do ciclo hidrológico na comunidade e do clima semiárido**

Construir uma estação climática para observação e registro diário do tempo pelos educandos e educandas pode ser um caminho interessante para estimular o seu olhar observador e compreender melhor o clima semiárido. O primeiro passo é, junto com a turma, construir uma pequena estação climática que tem três componentes: um coletor de água da chuva feito com garrafa plástica, um cata-vento, um termômetro e uma tabela para registro da quantidade de chuva, força do vento e temperatura.

- Pode-se trabalhar a observação do ciclo hidrológico na comunidade e do clima semiárido.
- Outro exercício é o registro, síntese e leitura dos dados em tabelas e gráficos.
- O professor e a professora podem propor problemas com as operações matemáticas, fração, formas geométricas e medidas, a partir das informações registradas na tabela.
- Ao fim do ano, educandos e educandas terão mapeado as características do clima em cada mês do ano. É interessante, também, vocês compararem com diferentes climas do mundo.

Para além dessas atividades, vocês podem elaborar com sua turma um mural de quadrinhos ou desenhos sobre água; utilizar outras linguagens audiovisuais – filmes, músicas, fotografias, artes plásticas – para abordar o debate sobre água para produção; elaborar um catálogo de doenças provocadas pela poluição e contaminação da água; construir o estatuto da água, trabalhando noção de direito à água no estudo de população; construir um painel da história da água na sociedade relacionando o acesso à água e vida produtiva da sociedade, dentre outras atividades.

Lembrando a vocês, professores e professoras, essas são sugestões que devem ser enriquecidas, melhoradas e modificadas com sua criatividade e autonomia, inserindo abordagens diferentes e trabalhando os conteúdos disciplinares.

#### 4.3 Dicas do Transformar

Este é um momento singular do processo de ensino e aprendizagem, quando os educandos e as educandas devolvem para a sua comunidade os conhecimentos construídos sobre Água para Produção e juntos pensam e encaminham soluções. E como a escola e a família podem juntas pensar ações para transformar a realidade? Aqui vão algumas sugestões:

- Realizar Encontros de Devolução por unidade letiva com a comunidade, para que os educandos e educandas apresentem os resultados de suas pesquisas e juntos busquem soluções para os principais problemas da comunidade;
- Apresentar experiências na Feira de Ciências ou da Agricultura Familiar na escola, estimulando o conhecimento da comunidade sobre as técnicas de captação de água e seus usos;





- Realizar programas sobre os problemas sobre água na rádio comunitária, ou na rádio escola;
- Desenvolver campanhas educativas para limpeza, cuidado e preservação dos reservatórios de água das comunidades, a partir dos problemas identificados pelas crianças e adolescentes.
- Realizar Círculos de Diálogo entre escola, comunidade e poder público, para debaterem o acesso à água nas comunidades.

## 5 Leitura Prazerosa no Projeto Baú de Leitura

O professor e a professora que estão desenvolvendo o Projeto Baú de Leitura podem abordar a temática do acesso à água para a vida e produção, no momento de reflexão, contexto e intertexto realizado com a sua turma. Esta é uma temática interessante para contextualizar os livros que abordam o Meio Ambiente e Cidadania. Entender o significado da água para a vida em sociedade é muito importante. Isso envolve uma mudança cultural na relação da sociedade com a natureza, estimulando o fortalecimento de uma nova cultura política de convivência sustentável com o semiárido, que nos faz refletir sobre a forma como nos relacionamos com o meio ambiente e como o acesso à água para produção contribui para a nossa cidadania.

### 5.1 Sugestões Literárias:

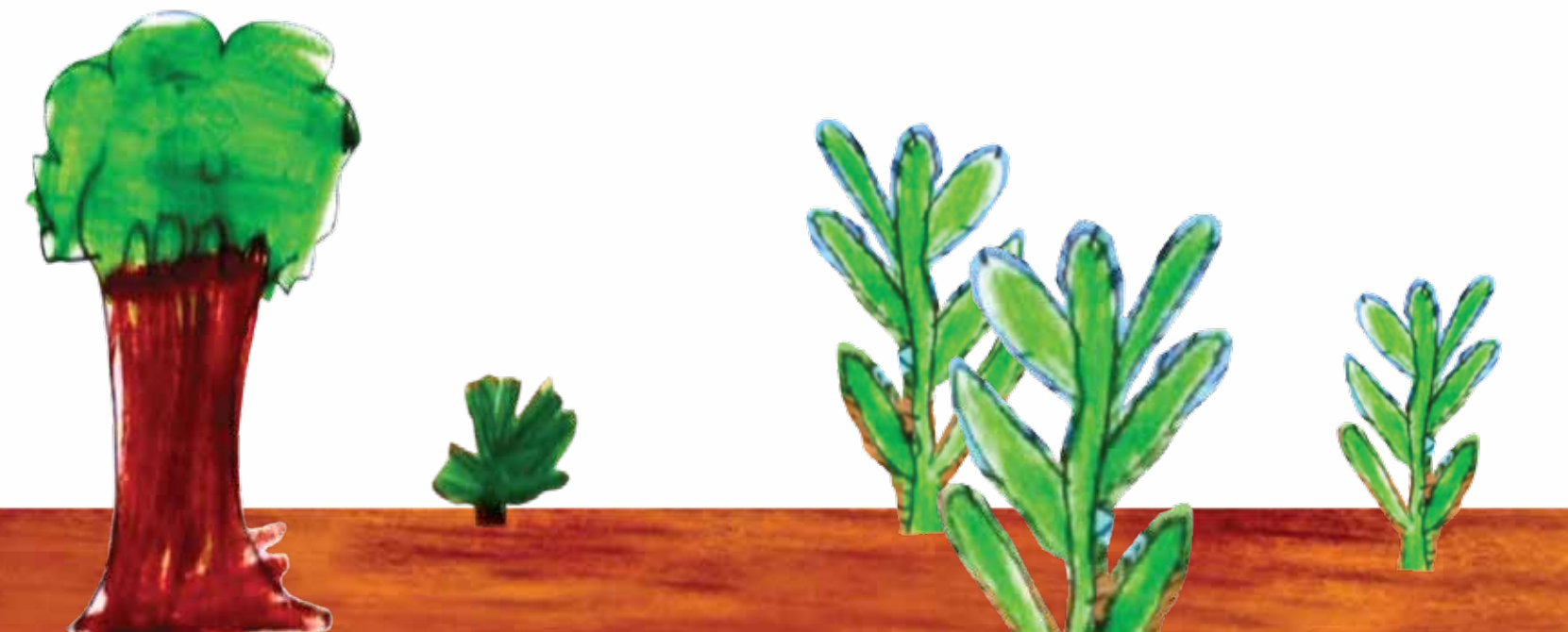
BETTO, Frei. **Uala, o amor**. São Paulo: FTD, 1994.

BRAZ, Júlio Emílio. **O Riacho**. São Paulo, FTD, 2001.

DIEGO, J. L. **A Última Gota**. São Paulo: Scipione, 2008 (Série Diálogos).

JUNQUEIRA, Lucília. **Fiz o que pude**. São Paulo: Moderna, 2000.

PARREIRAS, N. **Encontro d'as águas: Sete contos d'água**. São Paulo: 2008 (Série Diálogos).



### Conhecendo a Barragem Subterrânea na Baixa do Couro

Gildato Ferreira Santana<sup>25</sup>

Sou professor da 4ª série na Escola Municipal Davi Lopes de Oliveira, na comunidade rural de Gameleira, município de Retirolândia. Realizamos uma visita a uma barragem subterrânea, localizada na comunidade de Baixa do Couro, na propriedade do Senhor Messias. A visita teve como objetivo conhecer a barragem, sua construção e manutenção. Os educandos e educandas ficaram muito curiosos e se prepararam para a visita. Seu Messias conversou bastante e apresentou sua propriedade às crianças. Para ele a barragem é muito importante, pois, retém água no subsolo para o período de estiagem. Sua família aproveita a terra úmida para o plantio de árvores frutíferas, plantas para a alimentação animal e o plantio de horta. A barragem é utilizada pela família do Senhor Messias, que explicou também como a água é armazenada e utilizada. As plantas de grande porte, mesmo no período da seca, permanecem verdes e se desenvolvem rapidamente por causa da umidade existente naquela área, onde existe água represada no subsolo, formando um lençol subterrâneo.

Retornando à sala de aula, conversamos bastante sobre a visita, refletimos a importância da barragem, principalmente para a nossa região, que possui um clima semiárido com longos períodos de estiagem. Aproveitamos para aprofundar os conhecimentos sobre os tipos de clima, dando um foco especial ao clima da nossa região. Estudamos também a importância dos produtos da agricultura familiar, o trabalho e o papel de cada um na produção desses produtos, o valor nutritivo e a qualidade desses alimentos ali produzidos, a produção sem agrotóxicos e a comercialização. Utilizamos a visita para construir textos narrativos, nos quais pudemos trabalhar ortografia e exercitar leitura e escrita. Assim, trabalhamos também coesão textual, pontuação e acentuação.

Foi uma visita bastante proveitosa, durante a qual construímos novos conhecimentos e uma importante interação com as pessoas daquela família.

<sup>25</sup> Professor da Rede municipal de Educação de Retirolândia.

## REFERÊNCIAS

ANA. **Atlas do Nordeste**. Brasília: ANA, 2006.

ANA. Acessada no site [www.ana.gov.br/bibliotecavirtual/](http://www.ana.gov.br/bibliotecavirtual/) no dia 23/07/2010.

ASA. **Uma caminhada de sustentabilidade e convivência no semiárido**. Recife: ASA, 2009.

ASA. **Uma Aula Diferente**: Aprendendo sobre Água de Cisterna. Recife: ASA, 2009.

ASA. Acessada no site [www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br) no dia 23/07/2010.

BAPTISTA, F. M. C, BAPTISTA, N. de Q. **Educação Rural**: sustentabilidade do Campo. Feira de Santana: MOC/UEFS, 2006.

CPT. Acessada no site [www.cptnacional.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=section&id=8&Itemid=31](http://www.cptnacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=8&Itemid=31) no dia 23/07/2010.

HITTI, S. M. G, SOUZA, L. Z. **Experiência do MOC com o Baú de Leitura**. In: BAPTISTA, F. M. C, BAPTISTA, N. de Q. Baú de Leitura: lendo Histórias, construindo cidadania. Feira de Santana: MOC/CDJBC/MC/UNDIME, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MOURA, A. **Princípios e fundamentos da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável**. Glória do Goitá, PE: SERTA, 2003.

SCHISTEK, H. **A água no semiárido brasileiro**. Juazeiro: IRPAA, 2003.

SAMPAIO, N., BAPTISTA, N. **Programa de formação e mobilização social para convivência com o semiárido**. Feira de Santana: MOC/ASA, 2003.

**Dê um Click!**



[www.asa.org.br](http://www.asa.org.br)  
[www.cpt.org.br](http://www.cpt.org.br)  
[www.diaconia.org.br](http://www.diaconia.org.br)  
[www.embasa.ba.gov.br/novo/EducacaoAmbiental](http://www.embasa.ba.gov.br/novo/EducacaoAmbiental)  
[www.moc.org.br](http://www.moc.org.br)

